

DANILO BARBOSA

ARMA DE

lingança





ARMA DE VINGANÇA

Danilo Barbosa

Edição Digital 2014 3

Copyright© Danilo Barbosa
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte dessa obra pode ser citada ou distribuída sem a prévia e expressa autorização do autor.

Capa – Marina Ávila
Diagramação – Danilo Barbosa
Revisão – Josy Tortaro e Nanie Dias

AGRADECIMENTOS

O Danilo que entrega este livro a vocês é bem diferente do que se aventurou a escrevê-lo há um ano. Alguns agradecimentos não mudarão nunca, como o meu querido Rafael Alves Galli, amigo e companheiro, que ficou em cima do meu ombro, avaliando cada palavra digitada, sem me impedir que desanimasse. Isso é amar alguém... Sempre.

Não posso esquecer os verdadeiros amigos. E a Vanessa Bosso está nesta lista, com toda certeza. Além de prefaciар o Arma, foi quem segurou minhas barras, tristezas e incertezas com muito bom humor.

Tenho de agradecer à família e amigos, àqueles que acreditaram ou acharam que minha vontade de escrever não iria durar e me incentivaram a ser teimoso e escrever sempre melhor.

Mais que tudo, este é um livro para todos. Fique à vontade, aperte ~~m~~ os cintos e divirta-se.

PREFÁCIO

Prefaciар Arma de Vingança está sendo uma honra inenarrável. Posso dizer que sinto um frio inquietante na barriga, por medo de não estar à altura desse texto incrivelmente singular escrito por Danilo Barbosa.

Fui uma das primeiras leitoras a ter Arma de Vingança em minhas mãos, quando a obra ainda estava na fase de publicação de sua primeira edição. Senti um arrepio esquisito logo na sinopse e quando li a deixa “Essa não é uma história de amor”, acredito que tenha ficado boquiaberta por tempo indeterminado.

Eu não conhecia a fundo o autor Danilo Barbosa naquela época. Foi uma surpresa grandiosa quando ele confidenciou que a obra em questão era o seu primeiro livro, escrito muito antes da maturidade chegar. Lembro que pensei, “como assim é o primeiro livro? Não pode ser”!

Mas sim, Ana foi a primeira protagonista criada por um gênio das letras. Foi através dela que Danilo Barbosa abriu as comportas de sua mente e nos presenteou com um dos *thrillers* mais obsessivos da literatura nacional.

Esse livro despertou-me os mais insensatos sentimentos no decorrer da trama. Conforme as páginas se findavam, eu me pegava em meio aos soluços, suspiros inconformados, um ódio que latejava em minhas têmporas, um suor nervoso escorrendo pela testa vincada, o coração palpitando com raiva e um grito silencioso que me levava à loucura.

Quando dei por mim, eu era Ana.

Reverencio de joelhos todo o escritor que consegue essa proeza. Danilo Barbosa, através de descrições primorosas, transportou-me para o corpo da protagonista, onde vivenciei cada detalhe torturante na pele.

Todo livro é uma viagem, mas Arma de Vingança é um passeio sem volta, rumo à *psique* humana, à psicose sombria que muitos de nós possuímos em fase letárgica, para a sorte da humanidade.

Arma de Vingança o levará ao extremo. Você ouvirá a voz do autor como um sussurro, guiando-o pelas trevas, através de situações monstruosas, a caminho de uma frieza que congelará seus ossos.

E você vai desejar sangue, clamará por vingança.

Essa é uma obra para aqueles que não temem o impensável. É um texto que marcará sua vida e ficará para sempre em sua memória, a ponto dos personagens nunca serem esquecidos.

Mas antes de avançar, é melhor se despir dos tabus, preconceitos, moralidade... esse livro mudará por completo sua maneira de encarar a vida e o ser humano. Afinal, essa não é nem de longe uma história de amor.

Vanessa Bosso

Seja bem-vindo ao meu reino
Onde o melhor é servido frio
E a sua dor é minha inseparável companheira.
Aqui, você vai sentir
Cada uma das carícias que não me retribuiu,
Cada beijo meu que não sentiu,
E todas as vezes que te procurei
E não obtive resposta.

Em cada canto meu
Você vai arder de desejo
Sem nunca ser saciado.

Afinal, se sangrei
Machuquei
Sofri
Chorei
Por que você também não?

Bem-vindo seja,
Ao meu reino de **Vingança**.
Onde as noites são cada vez mais escuras...

ÍNDICE

[AGRADECIMENTOS](#)

[PREFÁCIO](#)

[PRÓLOGO](#)

[1ª PARTE : FRAGMENTOS DE ILUSÃO](#)

[CAPÍTULO 01](#)

[CAPÍTULO 02](#)

[CAPÍTULO 03](#)

[CAPÍTULO 04](#)

[CAPÍTULO 05](#)

[CAPÍTULO 06](#)

[CAPÍTULO 07](#)

[CAPÍTULO 08](#)

[2ª PARTE : A OUTRA FACE DA MOEDA](#)

[CAPÍTULO 09](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[3ª PARTE : PESADELO](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[4ª PARTE : VINGANÇA](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[EPÍLOGO](#)

[UMA SURPRESA AOS LEITORES](#)

[AUTOR](#)

[CONTATO](#)

PRÓLOGO

Já vou lhe avisando: esta não é uma história de amor. Pelo menos não como a maioria delas. Haverá paixão, calor, fogo; juras de amor e lágrimas derramadas por corações machucados.

Mas também haverá morte.

As luzes iluminam a selva de pedra. Pequenos pontos luminosos como o reflexo de milhares de diamantes diante dos meus olhos. Mas não foco em nada desse espetáculo que a noite me reserva.

Estou coberta de suor. Minhas roupas estão completamente encharcadas, grudando em meu corpo, impedindo-me de fugir. Quero correr mais rápido, acelerar meus passos, mas as lágrimas insistem em escapar de meus olhos, turvando-me a visão.

O fogo aparece e me sufoca. Quero fugir, mas parece que todo aquele calor me envolve, brilhando e ardendo sobre mim, como raios divinos caindo do céu. Cada passo parece impossível. Meu corpo dói pelo simples esforço de respirar.

Uma luz ofusca meus olhos, que parecem derreter. Gemo de esforço, dor e medo. Sem rumo, tropeço e caio, mas o chão parece fugir sob os meus pés.

Mergulho em um denso lago, rubro e revoltado como sangue. Tento não afundar, mas é em vão. O ar me falta e a consciência vai sumindo, lentamente. Sei que não tenho mais chances de sair dali.

Numa última tentativa de sobreviver, chego à superfície. Mas sei que não sairei viva, pois vejo os olhos **deles**. Sei que estão lá e que não me perdoarão jamais.

As risadas cheias de amargura e dor quebram o silêncio e o céu, que pensei ter visto antes coberto de estrelas, se torna prateado. Refletindo como aço. Como uma lâmina. Como uma arma.

Algo me puxa, pela última vez. E o vermelho que cobria meus olhos se torna a mais densa escuridão. Acordei repentinamente, tapando a boca para abafar o meu grito. Por mais que eu não deixe as lembranças tomarem conta de mim, de vez em quando elas aparecem em meus sonhos. Melhor dizendo, pesadelos.

Antes ocupavam a minha cabeça durante muito tempo, mas agora não apavoram mais. O calor das manhãs faz tudo desvanecer e parecer bem melhor do que é.

Para que acordar trêmula todas as noites? Sempre irei acordar mesmo...

Já aprendi a conviver com os meus fantasmas. Todos nós não o temos?

Pesadelos são efêmeros. Já vivi dores bem piores em minha vida. Testemunhei na pele terrores muito piores que não destruíram apenas meu corpo, mas também meu coração.

No entanto, não vou me lamentar mais. São apenas memórias. Apenas tristes lembranças que a névoa do tempo esqueceu-se de cobrir. Por mais que sejam teimosas, querendo reviver, não vão voltar.

Saio vagarosamente da cama, para não acordar Rafael, que dormia ao meu lado. Levanto e observo seu corpo ressonar levemente. Seus braços se estendem onde eu estava deitada, me oferecendo proteção e abrigo todas as noites.

Abro as portas que me conduzem à sacada. Sento-me na cadeira e sinto o meu cabelo acariciar o rosto.

Uma pétala se desprende das flores e passeia pelo vento, dançando diante dos meus olhos. A pétala amarelada é como as minhas memórias. Fragmentos arrancados e levados pelo tempo e que, quando menos esperados, aparecem como um vislumbre na nossa face.

É apenas uma coisa distante. Um pensamento longínquo...

Não sou mais aquela boa menina, ou boba, de anos atrás. A sorte é minha companheira. O período de lágrimas e solidão não existe mais. Quantas voltas esta simples vida já deu! Às vezes, me pego pensando que esta história daria um livro.

Nisso reside a doce ironia de contá-la a vocês. Vou conseguir relembrar tudo? Cada detalhe ou palavra? Não sei dizer ao certo.

Conforme o tempo passa, a fantasia toma conta de nossas recordações e tudo ganha um novo aspecto. Passamos a ser verdadeiros heróis contra monstros imaginários. Mas garanto que os meus foram reais.

O tempo parece que se encarregou de melhorar muita coisa, fez a razão crescer, calejou a alma. Mas, se precisasse resumir em poucas palavras, como em uma propaganda de televisão, foi “uma montanha russa de emoções intensas, com reviravoltas inesperadas nas voltas desse caminho”. Que melodramática eu pareci agora.

Motivos a vida sempre se encarrega de nos dar.

Vou fechar os olhos e contar tudo a vocês. Chega de esconder.

Fui extremamente fria. Como uma deusa da vingança, cruel e vingativa, passei por cima de todos que atravessaram o meu caminho, para conseguir castigar aqueles que me haviam feito sofrer. Cada doce carícia que dei a quem não merecia foi retribuída com sedutores toques manchados de sangue. Por isso, sem qualquer remorso, pense que estou ao seu lado, minha única testemunha, e direi, ao pé do seu ouvido: **eu matei**.

Não tive escolhas. Tive dor e ódio. Um sentimento tão pesado que ameaçava destruir meu peito e levar embora a minha sanidade. Precisei matar para voltar a viver.

Não esperem arrependimentos ou ataques de consciência pesada, onde eu vejo minhas mãos sujas de sangue.

Tomo meu ar. Sei que vou começar a falar e irei até o fim. Observo as luzes desordenadas em seu movimento incessante, noturno, de cidade grande.

Minha primeira lembrança, sem dúvida, será do momento final. Revejo aquela menina-mulher, de anos atrás, naquele ônibus estranho, mas tão familiar, saindo da cidade que mudou a sua vida em uma tarde escaldante de verão. Parece-se com uma menina, mas se tirar os óculos verá a sabedoria e a dor de uma anciã, marcada pela vida.

A cidade se torna uma forma cada vez mais diminuta, e ela, em nenhum momento, olha para trás. Murmura algo e sorri, como há muito não sorria.

Uma risada começa a se ouvir, e, em descontrole, ela gargalha como louca. Um recorte de jornal está em suas mãos, um pedaço de papel amassado que comprova tudo que passou.

Entro no quarto novamente. Atravesso o *closet* e abro uma caixa singela, que Rafael nunca havia percebido ali. Pego nas mãos o mesmo velho recorte de jornal. Comigo ele continua, amarelado, mas intacto. Guardei comigo essa única prova do que havia se passado.

Não precisa meseguir, você pode fazer barulho demais. Já voltei à sacada onde o vento passeia,

cada vez mais inquieto. Releio a notícia pela última vez. Não preciso mais desse papel, pois não haverá mais receios e medo. Quero afugentá-los de vez.

Você será minha testemunha invisível, com seus olhos que acompanham minha vida descrita em palavras. Ou quem sabe o vento se encarregará de levar estas palavras para alguém que saiba melhor avaliar esta trajetória.

Pico o recorte e o jogo pelo ar. Toda aquela dor que pensei ainda existir em mim, se esvai com o último vestígio funesto de um plano tão bem arquitetado.

Um último pedaço com as palavras “crime e morte” passa diante de mim. Se tivesse sido só isso, tudo seria mais simples...

Aqui, diante de você, contarei, enfim, em detalhes a minha história. Se em algum momento eu parecer cruel, insensível ou uma grande cachorra, peço que me desculpem, mas fui mesmo. Não estou aqui para ser julgada pelos meus atos. Diante do que fizeram comigo, eu fiz o que achava justo. E se errei, espero que Deus me perdoe...

1^a PARTE
FRAGMENTOS DE ILUSÃO

CAPÍTULO 01

O salão é branco, como pedaços do céu eternizando aquele momento. Tudo brilha. A suave luz do luar entra pelas janelas, brincando com os castiçais. Nunca me senti tão feliz. Aqui, a escuridão não existe.

Os olhos dele me fitam e eu nada mais vejo. Os braços fortes tomam delicadamente a minha cintura e eu rodopio pelo salão, como naqueles belíssimos filmes antigos. Nada parece ser verdade.

Quando menos espero, ele me puxa. Nossos corpos, unidos, parecem seguir a mesma respiração, e as bocas se aproximam ansiosas e saudosas de um contato já tão conhecido...

Devo estar no céu!

Ou só posso estar sonhando...

Sonhando... Sonhan... So...

O rádio-relógio gritou no meu ouvido! Droga... Era mesmo um sonho! Infelizmente era hora de largá-los e correr para a triste realidade do dia a dia.

Tomei um banho rápido e o tempo passou impiedoso, dando somente a oportunidade de me arrumar com o básico, tomar um rápido café e correr para o trabalho.

Que pena que não podia ficar dormindo... Trabalhar; era nisso que tinha de pensar agora. Tranquei a casa como uma autômata e corri para o ônibus.

Como tenho saudade de quando a vida era mais calma e ser adolescente não era fonte de preocupações. Ser independente tem o seu preço.

Cheguei nesta cidade há pouco tempo. Antes morava com minha família em uma grande fazenda em Minas Gerais, encravada no pé da serra. Ali para mim era o paraíso na terra. Quantas boas lembranças tenho de lá! Tantos momentos felizes! Tive uma infância ótima. Éramos uma família que sempre teve como lema a alegria e felicidade para com todos. Não consigo mensurar em palavras o amor que recebi de meus pais. Minha mãe era uma pessoa alegre, repleta de vida, e meu pai... Amei cada instante que passei ao seu lado. O carinho e atenção que fizeram parte da minha infância foram essenciais.

Sinto muita saudade de cada gesto de carinho. Mas na vida tudo acaba repentinamente e esse momento não tardou a chegar.

Em um dia nublado, eu vi meus pais discutindo pela primeira vez. Não acreditava em meus olhos, que eram testemunhas daquela cena inédita. Minha mãe, visivelmente alterada, e meu pai, tentando dialogar quando não havia mais possibilidade.

Ele, com os olhos tristes, curvou as costas e saiu lentamente da sala, como se seu corpo não tivesse mais forças. Saiu, mesmo querendo ficar, e a porta da sala bateu com um estrondo, ao sabor do vento. Eu queria alcançá-lo. Precisava saber o que estava acontecendo naquela situação que enchia de medo

o meu peito. Mas, logo à minha frente, ele não deu nem sequer dez passos. Curvou-se, em um gesto de dor, e caiu espalhado pelo gramado.

Meu coração pareceu estancar no peito. Naquele instante, perdi meu pai, sem conseguir dizer pelo menos um simples adeus.

Foi naquele dia que me despedi do colorido da minha infância. Tudo passou a adquirir um sombrio tom cinza. Nada mais seria igual.

Minha mãe se fechou para o mundo. E o segredo da discussão nunca foi revelado. Seu amor pela vida e por mim morreram junto com meu pai. Conheci o significado da palavra desprezo.

Cansada daquele clima pesado que pairava sobre todos nós, fui embora. Peguei minhas poucas coisas e segui em frente, sem olhar para trás. Queria uma nova vida, repleta de sensações que pudessem preencher o meu vazio. Queria sentir-me livre!

Ao chegar à cidade nova, encontrei uma pensão pequena, mas respeitável, onde paguei o aluguel de alguns dias com o pouco dinheiro que eu tinha trazido comigo. Arrumei minhas roupas em uma cadeira, tomei um longo banho e devo ter dormido por umas dez horas seguidas.

No outro dia, saí à procura de emprego, e, com sorte, não demorei muito a encontrar. Graças à minha aparência, consegui a vaga de atendente de uma videolocadora, onde ainda trabalho.

Pelo meu esforço e dedicação, fui recompensada com muitos amigos e a confiança de todos. Atualmente, eu dirijo a loja. Um trabalho de grande responsabilidade e muito amor. Com muitas economias, aos poucos comprei os meus móveis e aluguei uma pequena casa, perto do centro da cidade.

Como todo jovem, estou ralando para tirar a minha carta de motorista e comprar o carro que tanto irá facilitar a minha vida. Mas isso ainda leva tempo...

Pena que a minha vida amorosa não é tão simples assim. Nesse quesito, nasci com os dois pés esqueléticos. Como se pagasse por alguma maldade terrível de alguma vida passada!

Meu último namorado foi uma fonte de tristezas e decepções. Ele se chama Rodrigo. Mas depois descobri que em muitos lugares escuros da cidade seu apelido impera: Rambo. Ficar com ele era a mesma coisa que estar em uma roleta russa: uma emoção intensa e quente, mas extremamente perigosa.

Ansiava pelo toque dele como um beduíno morrendo de sede que encontra uma fonte.

Rambo não pedia, exigia. Tomava de mim tudo o que julgava possível. Mas em uma noite ele conseguiu destruir tudo o que sentia por ele. Os meus planos sumiram em meio à vergonha que me fez passar. Vamos esquecer isso...

Não me achava pronta para novos relacionamentos por enquanto. Talvez não tenha encontrado o homem especial. Mas no fundo devia estar com medo das marcas desse meu relacionamento. Bom, por enquanto nada disso me interessava. Nem ninguém.

Entrei no ônibus em um pulo, brigando com o prendedor que, teimoso, soltou dos meus cabelos. Sentei, acompanhando o ritmo dos solavancos e quando comecei a relaxar, era hora de descer novamente. E recomeçar a maratona.

São duas quadras do ponto até a locadora, que percorri com velocidade sobre-humana. Entrei na loja parecendo um furacão.

Pontualidade britânica! Melhor dizendo, quase...

Parei repentinamente diante do balcão. Só então respirei, me ajeitei e ouvi os comentários brincalhões dos amigos:

— Que pressa é essa, meu Deus!

— E é dada a largada da grande corrida... Ana está na frente, em disparada...

Ah, antes que eu me esqueça, a Ana sou eu! Muito prazer!

— Oi, gente! – respondi, depois de tomar fôlego. Cumprimentei a todos e estou pronta para mais um dia que começa...

É assim que passo os meus dias, que correm ligeiros como páginas amareladas, arrancadas pelo véu do tempo. Concentrada em trabalhar sem cessar até me sentir exausta, mas realizada. Não quero parar e pensar que preciso de um tempo para mim mesma.

Não posso dizer que o assédio não acontecia, ainda mais lidando com o público. Mas levo na brincadeira e deixo passar. Preferia passar as minhas noites com os amigos ou vendo filmes tranquila no sofá. Quando estava em casa e a solidão me avassalava, saía pela porta e ia bater papo com a minha vizinha, Paula, que havia se tornado uma grande amiga.

Querem saber como eu sou?

Dizem que sou bonita, mas não sou muito de avaliar. Várias vezes os homens me paqueraram na rua, me chamando de linda. Nesses dias penso que estou arrasando os corações.

Bem, vou tentar me descrever. Sou morena com cabelos longos com cachos que caem até o meio das costas. Gosto da sensação que me dão, como se emoldurassem meu rosto. O nariz é pequeno e arrebitado e minha boca é grande e carnuda. Ela é a parte que mais gosto do meu rosto.

Nada de grandes curvas. Corpo magro e esguio, mas tudo no seu exato lugar. Não sou convencida, mas amo cada parte minha do jeito que é. Não sou especial, mas vivo bem com o que tenho.

E o mais importante: tento cada dia fazer o melhor para os que estão comigo. Afinal, ter amigos é cultivar preciosidades.

A Adriana e o Tiago trabalham comigo na locadora. Apesar de extremamente brincalhões, são pessoas sinceras e amáveis.

Willian, namorado de Adriana, é um amigo superafetuoso e a Paula é a alegria em pessoa. Cada um deles é um pedaço de felicidade na minha vida.

CAPÍTULO 02

Os meses passam rápido quando a gente não sai da rotina e se deixa amortecer por ela. Maio chegou com o seu sol inclemente e tempo seco e meu corpo clamava por água.

Adriana e eu tivemos a ideia de aproveitar o final de semana que ficaríamos de folga para ir ao clube.

O lugar era meio afastado da cidade, cercado de árvores e sombras. Perfeito para distrair do cinzento cenário da selva de pedra.

Ao chegarmos ao clube, a brisa mais fresca já nos convidava para um dia alegre. Tudo prometia que seria cheio de horas descontraídas e relaxantes, quando eu não iria e nem queria pensar nos pequenos problemas ou desavenças que surgem durante a semana. Mas o destino sempre tece contra a gente e trata de destruir todos os sonhos e desejos que construímos.

Entramos no clube. Caminhei em direção ao vestiário feminino, perdida em meus pensamentos. Foi quando levei um grande esbarrão. O susto foi tão grande que os pés perderam a firmeza e acabei caindo no chão. O meu grito diante do inesperado acidente foi tão alto que todo mundo em volta começou a olhar.

Que vergonha! Mas esse sentimento passou rápido, dando lugar a um intenso ódio por quem tinha me feito passar por aquilo. Como estava com vontade de chorar por fazer papel de idiota!

Trinquei os dentes num acesso de raiva, contendo o palavrão que coçava minha língua para tomar forma. Bem que tentei manter a calma, mas mesmo assim o desabafo surgiu num gemido abafado:

— Você é cego? Não olha onde anda, não?

O rapaz que trombou comigo me olhou meio sem jeito. Seu amigo, não querendo passar vergonha, continuou a andar.

Suja e dolorida. O dia perfeito já estava estragado antes de começar. E eu ainda tinha ido com roupa branca! Havia levado outra roupa, mas teria que caminhar até o vestiário daquele jeito.

Vi uma mão se estender em minha direção. Adriana apareceu repentinamente ao meu lado, espantada com toda a situação. Seus olhos pararam em cima do rapaz que havia me derrubado e que tentava me levantar.

Pensei que ela ia brigar com ele, me defender. Ao contrário disso, ela abriu um pequeno sorriso.

— Só podia ser você – ela disse.

Ele a encarou e abriu um tímido sorriso.

— Oi.

— Oi, Ricardo.

Ele me levantou, pediu desculpas e ofereceu um suco para compensar a falta de educação. Eu nem olhei na cara dele, mas Adriana aceitou em meu nome, tentando acalmar a situação.

Ao chegar à lanchonete, a raiva já tinha sido amortecida. Sentei no banco e pela primeira vez olhei

de frente o famoso causador da queda. E me senti muito melhor.

Não há palavras que consigam descrever aquele momento impactante e mágico. Acabei por me perder naqueles olhos azuis e pele dourada, como se o próprio astro-rei marcasse sua presença por ali. Os cabelos, loiros e cacheados, brilhavam, refletindo a luz daquele dia. Será que havia aparecido o anjo iluminado para mostrar o caminho da minha vida?

Fiquei lá, olhando para ele como uma boba, tentando descobrir cada detalhe e segredo daquele homem que literalmente me derrubou.

Eu fiquei tanto tempo o encarando que Adriana acabou me dando um cutucão.

— Ai!

— Vamos nos trocar, Ana. Acorda!

Ele ainda nos acompanhou até a porta do vestiário e se despediu com aquele sorriso lindo e um refrescante beijo na minha bochecha.

Encostei-me na parede, meio tonta, e o vi se afastar. Nunca imaginei que a loucura do amor me tomasse como uma montanha de fogo e desejo.

Comecei a me trocar. Tentava respirar calmamente, agir como se nada tivesse acontecido, mas era como se um furacão emocional passasse pelo meu peito.

Gritar, sorrir, cantar, agir... O que fazer? Precisava provar a mim mesma naquela hora que não estava delirando.

Por isso não perdi tempo e botei pressão na Adriana:

— De onde você conhece aquele gato?

— De cego para gato?! Uma grande evolução... – ela retrucou, sorrindo.

— Não brinca comigo! Conta, vai!

— Calma! Conheci-o em um barzinho um dia desses. Temos alguns amigos em comum, apenas isso!

Não sei nada da vida dele, antes que tente me perguntar...

Mal ouvia o que ela me disse. Estava perdida em pensamentos doces e ingênuos de amor.

— Amor... Quem sabe agora eu mudo de ideia... – deixei escapar alto. Adriana me olhou séria. Conhecia cada detalhe da minha vida e o sofrimento por ter amado o homem errado. E ela temia, assim como eu, que minha solidão se transformasse em um novo sentimento, talvez intenso demais.

— O que está se passando na sua cabeça, Ana?

— Nada.

— Mesmo? – ela sabia que eu estava mentindo.

— Tudo, Adriana, tudo!

Eu tinha uma necessidade de preencher minha alma com paixão. Queria explodir de felicidade e que todos soubessem disso.

Deitei em um banco com um sorriso no rosto, vendo os olhos sérios de Adriana sobre mim. No fundo, ela sempre havia sido o lado racional desta amizade e sabia que eu não deveria tomar decisões precipitadas. Como eu deveria ter seguido o conselho dela...

— Ana, vá com calma. Quero te ver feliz, completa em todos os sentidos e, acima de tudo, com a cabeça erguida. Mas faça tudo com calma...

Falar assim trazia de volta todos os temores na minha cabeça; todas as más lembranças que eu queria esquecer.

— Tudo será diferente. Tenho certeza. Confie em mim, Dri.

— É o que espero, de verdade. Mas antes de sonhar, vê se o cara merece tanta dedicação. Você

acabou de vê-lo e não sabe o que ele pensa. Tem horas que você acha que tudo vai ter final feliz. Não torne suas decisões erros!

— Nunca mais deixarei alguém me machucar...

Adriana cortou o clima de tristeza no ar. Remexeu nos meus cabelos e sorriu para mim, e eu tentei retribuir. Ela ergueu os braços, em sinal de rendição.

— Tudo bem. Vou te ajudar a ficar com ele, ok? Se você quer o Ricardo, você irá tê-lo.

Comecei a dar pulos em volta dela de alegria.

— Sossegue! Está parecendo aquelas garotinhas às voltas com o primeiro amor!

— É como eu me sinto!

Nesse clima de alegria, terminamos de nos trocar e fomos para a água.

Hoje eu sei que por mais que parecesse, eu nunca fechei os olhos para o mundo, mas nunca deixei de ser a inocente que fingia não perceber o verdadeiro desejo que consumia os homens ao ver a menina-mulher, de pele dourada pelo sol, passeando de biquíni. Mas eu até hoje não consigo definir o sentimento que me tomou naquele dia. Sentia-me pequena diante do mundo.

Corri para a piscina. No silêncio da água esfriaria um pouco a cabeça. Em tudo na vida temos de dar um passo de cada vez.

Sei que o amor e o ato de seduzir caminham lado a lado. Estamos em um jogo, onde todos podem vencer, basta analisarmos os passos daqueles que se encontram à nossa volta.

Não podemos contar com a vitória antes da hora. Saber dar o passo certo é essencial em todos os momentos. Assim é viver. Um jogo dentro de outro.

Amar e odiar. Pequenas ações que podem determinar tudo. Poderia arriscar-me a voltar para este jogo?

Ao sentar-me na borda da piscina, Adriana apareceu ao meu lado, como em um passe de mágica.

— Ana, enquanto você fica aqui vou dar uma volta. O Willian chegou.

Vi seu namorado acenando para mim. Os dois formam um belo casal, cujos tamanhos se encaixam naturalmente. A delicadeza de Adriana em contraste com as costas largas de Willian é lindo de se ver!

Despedi-me e voltei para a água. Senti-me abençoada em contato com ela. Ela me limpou com seu toque suave, naquele silêncio onde só ouvia as batidas do meu coração. Queria sentir o tempo se esvaír, sumir entre as gotas que percorriam meu corpo.

Na água conseguia adquirir mais controle sobre minha ansiedade. A questão era me deixar levar e descobrir o que o destino me aguardava.

Subi lentamente a escada e procurei uma cadeira para me esticar. Nada melhor que sentir o sol secando meu corpo. Não queria que essa sensação boa acabasse.

Mas, para variar, alguém parou na minha frente, tampando sol que me aquecia. Já fechei a cara para brigar com quem estava fazendo aquela sombra inconveniente.

Meu Deus! Calma, Ana, calma! Os batimentos cardíacos foram se acelerando com a visão das coxas grossas e musculosas e a sunga justa que se encaixava com perfeição. Subi os olhos em direção ao seu peito largo, coberto por uma camada de pelos dourados, e aquele sorriso iluminado fez cair todas as minhas reservas por terra.

Sua voz me tirou dos devaneios com um simples “Oi, morena”. Aquele tom grave parecia pousar sobre a pele, arrepiando.

Suas mãos tocaram as minhas e o tremor nas pernas foi inevitável. Ele me ajuda a levantar.

— Te deixaram aqui sozinha?

Eu ainda não acreditava que o Ricardo estivesse ali, na minha frente.

— Fui abandonada hoje...

— Precisa de companhia, então? – os olhos azuis dele pareciam me queimar.

— Claro que sim.

— Vamos dar uma volta e conversar um pouco.

Conversamos sobre tudo e sobre nada. Traçamos palavras e pensamentos iguais. Era como se naquela tarde as palavras acabassem com a distância, sanasse os medos e os desejos presentes em nossos corpos.

Eu sabia onde aquilo iria terminar. E ia deixar acontecer.

Ele me confidenciou sobre o seu último relacionamento e como o final havia sido com mágoas e lágrimas. Naquele dia, eu estava disposta apenas a escutá-lo, não querendo me estragar falando sobre o Rambo.

Paramos de falar repentinamente. Nossos olhares se cruzaram e eu não conseguia mais me desviar. A força transmitida pelo seu olhar me deixava estremecida de puro prazer antecipado.

Olhava seus cabelos cacheados brilhando sob a força do sol e o contorno de seus lábios grossos.

— Ana...

— Estou aqui – respondi baixinho, quebrando o silêncio carregado de expectativa.

Abraçamo-nos e finalmente relaxei, me permitindo estar novamente como participante do jogo da vida.

Ele colou a sua boca ao meu ouvido e sussurrou um pedido:

— Fica comigo?

— Sim.

O beijo veio esfomeado, longo e acelerado, como estava programado para acontecer. Bocas em combustão, e meu coração explodiu com o contato do corpo dele junto ao meu.

Lembro-me de sentir a grama às minhas costas e os beijos recomeçarem, me entorpecendo. Seu peito rígido junto aos meus seios tornava tudo melhor. Sua língua vasculhava cada parte da minha boca, descobrindo segredos e pontos até então secretos.

Ficamos ali a tarde toda, entre beijos e carícias. Só fomos embora quando a noite chegou.

Saímos de mãos dadas. Infelizmente, havia chegado a hora.

— Nos veremos novamente? – Ricardo me perguntou, ansioso, enquanto mexia nos meus cabelos.

— Você quer?

— É o que eu mais quero.

Ofereceu-se para me levar embora, mas recusei. Dei-lhe o meu telefone. Combinamos de nos encontrar no dia seguinte.

Despedi-me e entrei no ônibus, sozinha. Olhei para trás e vi aquele sorriso que me derrubava se afastando. Mas não ia me perder nas ilusões, estava com os pés no chão. Sem chances de cometer mais erros, pelo menos é o que esperava.

Foi assim que saí dali, sem ter ideia do que iria acontecer. Achava que dessa vez eu teria o controle de tudo, que não cairia em armadilhas. Iludia-me que não haveria mais jogos. Mas o verdadeiro jogo da sedução estava apenas começando.

CAPÍTULO 03

Cheguei em casa cansada, mas realizada. Tomei um banho para relaxar da ansiedade e alegria pelos acontecimentos do dia. Estava me enxugando quando o telefone tocou.

— Oi, Aninha!

Era Adriana.

— Oi, Dri.

— Voltei para o clube e não te encontrei. Aconteceu alguma coisa?

— Mentirosa! – comecei a rir. — Você não sabe fingir. Não tente enganar. Sei que você armou toda a situação.

— Qual? O que eu fiz?

— Vou resumir em um nome: Ricardo. Estou mentindo?!

— Ele te disse isso?

— Minha amiga, não tivemos tempo de falar sobre você...

— Assumo a minha culpa! Mas vocês dois... Só faltava um empurrãozinho, né? E aí, foi bom?

— Quer saber a verdade?

— Lógico!

— Foi maravilhoso! Obrigada!

— Conte-me os detalhes sórdidos...

Falei para ela tudo que aconteceu depois que havia saído.

— Vão se ver novamente? – ela perguntou ansiosa.

— Amanhã.

— Já? Quanta pressa! Bem, boa sorte para os pombinhos! Vou ter que desligar agora. Não aguento mais aqui...

— O quê?

— O Willian me beijando, pedindo para desligar. Não dou conta!

Ela não me deixou séria por muito tempo. Despedi-me, mas ela nem ao menos respondeu. Desligou o telefone.

Desmaiei na cama e só acordei com a luz do sol batendo no meu quarto na manhã seguinte. Tirei o dia para relaxar e só saí do sofá para atender o telefonema de Ricardo, combinando de vir me pegar à noite.

Perto da hora, estava pronta. O tempo parecia não passar. Será que ele viria?

A campainha tocou. Era Paula, a minha vizinha. Aquela era uma amiga que não te deixava triste. Alegria e confusão estavam em seu nome e ela sempre transmitia o bom humor da vida por onde passava. Nunca a vi triste ou reclamando da vida.

— Oie!

Ficou surpresa quando viu que eu estava pronta para sair.

— Milagre! Deixa-me olhar para o céu porque o mundo vai acabar!

— Só vou passear.

— *Tá bom...* Quem é o felizardo?

— Não consigo esconder nada mesmo.

Ela acabou entrando e nos sentamos no sofá. Conversar me ajudaria a passar o tempo.

— Você ainda não o conhece.

— Isso é óbvio, né?! Mas quando irei conhecer?

E lá fui eu contar mais uma vez tudo o que havia me acontecido no dia anterior. Então, ouvi um carro parar na porta de casa. Era ele.

Saímos para o portão e Ricardo me esperava com um lindo carro conversível vermelho. Gente, aquele homem não parecia real...

Ele desceu do carro e me cumprimentou com aquele beijo enlouquecedor. Aqueles braços em volta do meu corpo despertavam sensações que não imaginava sentir a tempos.

Apresentei-o a Paula, que nem tentou disfarçar. Ficou parada, com a boca aberta, feito boba. Quando se recompôs, se despediu de nós. Abraçou-me com carinho, sem perder a chance de sussurrar no meu ouvido:

— Manda brasa, garota!

Acharam que eu iria conseguir me conter? Comecei a gargalhar, deixando Ricardo sem entender nada.

— Aonde você quer ir hoje? Um bar ou uma boate? – ele me perguntou assim que saímos com o carro.

— Prefiro lugares calmos. Não sou de badalação. Lugares muito cheios não são comigo. Sempre tenho medo de sair briga.

— Então hoje vou mudar seus conceitos. Conheço uma discoteca bem legal! E não precisa ter medo porque vou estar com você.

Fui meio receosa, mas nunca é tarde para mudarmos de opinião.

Soltei-me como uma louca. As luzes embaçando tudo e o som vibrando, dando um ritmo novo e frenético ao corpo que insistia em não ficar parado. Ricardo, como um perfeito cavalheiro, não saiu do meu lado. Seu corpo colado no meu parecia se encaixar no ritmo sensual da música. O calor subia pelo meu corpo e grudava nele, querendo tocá-lo, senti-lo, beijá-lo...

Saímos dali com a madrugada já alta e encontramos um bar ainda aberto, com uma banda tocando ao vivo.

Ao me sentar, vi o tanto que estava com fome. Fizemos o nosso pedido e o mundo se fechou em torno da gente.

Ricardo de repente se levantou e pediu uma música ao cantor. O rapaz assentiu e começou a tocar; afinal, a noite parecia ser nossa.

Levou-me para o meio da pista para dançar. Minha cabeça se apoiou em seu ombro e esqueci que o mundo lá fora existia. Recordei daquele sonho do homem perfeito e a valsa em seu castelo iluminado. Ao seu modo, o sonho era real.

A música que tocou se tornou marca indelével da minha história. Entre suas notas, as palavras bíblicas mescladas com Camões se alojaram na minha alma por toda a eternidade. Em todas as minhas lembranças, boas ou ruins, essa música está presente.

Ricardo tirou-me dos devaneios, sussurrando algo:

— O quê?

— Esta será a nossa música.

— Sim. Sempre que ouvi-la, irei me lembrar deste momento.

— Eu também.

A nossa noite terminou na porta da minha casa. Ele não perguntou se podia entrar e nem eu o chamei. Despedimo-nos ali mesmo, dois corpos embalados pela brisa, que se revelava cheia de promessas para o que chega.

Aquela foi a época à qual chamo de dias perfeitos. Encontros em que o importante era estarmos juntos.

Foi numa noite dessas que Ricardo e eu começamos a namorar, com direito a pedido oficial e tudo. Aconteceu quando ele saiu com todos os meus amigos. O clima era bem alegre e festivo, mas o interrogatório só começou quando os meninos resolveram ir ao banheiro. Primeiro sumiu o Ricardo; depois, Willian e Tiago, o meu amigo de trabalho na videolocadora, o seguiram. Mal eles saíram de cena, Paula para variar foi a primeira a quebrar o silêncio.

— Aninha...

— Fala, Paula – lá vinha bomba.

— Conta a verdade para a gente: como é tudo aquilo debaixo dos lençóis?

— Pode parar com isso! – fiquei sem graça.

— Só queria saber, oras. Se fosse comigo arrancaria toda aquela roupa e...

— Ainda bem que ela não é você! – Adriana nem a deixou terminar a ideia.

— Calma, não pense bobagens! Sou uma menina pura! Não ia falar nada...

— Só se for pura sacanagem! Ao invés de ficar ciscando, olha o Tiago dando sopa! – tentei dar uma de cupido.

— Até que ele é bonitinho. Nunca fiquei com um morenã como ele! Se preencher todos os requisitos...

— Quer um homem perfeito? Vai sobrar para titia – brincou Adriana com ela.

— Sem chance!

O papo estava tão bom que nem percebi que os meninos ainda não haviam voltado. Nem me toquei quando os olhos da galera se fixaram no palco. Só reparei que os meninos voltaram, mas o Ricardo não.

— O que será que aconteceu com o Ricardo?

Olhei para a Paula e ela parecia hipnotizada.

— Paula?! Onde será que ele está?

— Olhe para o palco, Ana.

Era onde ele estava! Com a pose de um astro do *rock*, ele cantou para mim a música que dançamos naquela primeira noite.

— Para a mulher que eu amo!

Cada palavra e sussurro ressoavam em minha pele como uma carícia secreta. O prazer intenso do seu olhar era como se tocasse todo o meu corpo. Estava presa àquele homem. Sufocava, querendo

explodir.

Quando terminou de cantar, estendeu as mãos em minha direção. Queria abraçá-lo, afundar a minha cabeça em seu peito largo e seus cachos dourados. Mas foi ali diante de todos que ele pediu para namorar comigo, como um romance à moda antiga.

— Não quero uma brincadeira ou viver apenas os dias, sem me preocupar com nada. Quero ter uma história ao seu lado. Basta você dizer sim...

— Sim! É claro que sim!

Sob aplausos, nos beijamos e selamos o começo oficial da nossa história.

CAPÍTULO 04

Naquele tempo, cada dia era uma surpresa nova. Desde piqueniques à beira do lago a encontros românticos, Ricardo transformava cada dia em um conto de fadas.

Mas o clima começava a esquentar e não sabia como me deixar levar. O que havia acontecido comigo ainda me enchia de medo ao menor toque. Sentia fome daquela boca sobre o meu corpo, mas não sabia como continuar.

Um dia, na minha casa, Ricardo me olhou e pediu:

— Quero você...

Eu travei. Maldito trauma que me consumia! Comecei a tremer e me afastei dele na hora.

— Não me peça isso, por enquanto...

— Por que, Ana? Sinto que toda vez que o clima esquenta você se afasta! Estou fazendo alguma coisa errada?

— Acho melhor você ir embora, Ricardo.

— Tem certeza?

— Por favor.

Fechei os olhos. Só ouvi a porta batendo. Sozinha, pude dar vazão às minhas lágrimas. Será que o passado sempre ia me atormentar? Precisava seguir em frente, mas cadê forças para isso?

Deitei-me no sofá.

Precisava esquecer...

Precisava...

Adormecer.

Dias depois, quando eu cheguei à locadora, Adriana me chamou num canto. Pensei que Ricardo tinha passado por lá, mas não era isso.

— O Rambo passou por aqui atrás de você.

— Que cara de pau a desse calhorda! Como teve coragem?!

— Você sabe que ele não lida muita bem com derrotas. Ele só deu um tempo. Estava bem diferente do normal, até estranhei...

— Como assim?

— Carro zero, roupas de marca, relógio caro no pulso. Estava muito bem cuidado...

Pois é, o tráfico estava dando dinheiro.

— Ele teve a cara de pau de perguntar por mim?

— Sim, com a cara mais cínica do mundo!

Tiago apareceu e entrou na conversa.

— Fiz questão de falar para o cara que você está bem e feliz. Ele fez a maior cara de dó!

— Nossa, que ódio! Ainda bem que esse cara não faz mais parte da minha vida!

Adriana me olhou firme. Só ela e Paula sabiam o que havia acontecido.

Naquele dia, se tivesse coragem suficiente, poderia matá-lo. Hoje, não posso falar mais nada...

CAPÍTULO 05

Meu aniversário caiu em plena segunda-feira. Todo mundo apareceu no meu trabalho e deu um jeito de me cumprimentar. Menos Ricardo.

Sei que depois daquela noite, nosso relacionamento havia dado uma ligeira esfriada. Mas minha cabeça estava repleta de pensamentos negros: será que ele seria tão mau que me abandonaria justamente nessa data?

Vóltei para casa desiludida pela falta de notícias. Tirei a roupa e nem no chuveiro as dúvidas param de bater na minha cabeça.

Foi quando a campainha tocou. Por mais que minha razão gritasse que eu estava me iludindo, me vesti e corri para atender. Abri a porta de repente e vi somente o maior buquê de rosas vermelhas da minha vida.

Logo acima aqueles olhos azuis tão conhecidos que não havia visto ainda naquele dia. Literalmente, pulei em cima dele. Ricardo sempre seria o meu melhor presente.

Entre beijos, ele me pegou nos braços e rodopiamos como se fôssemos duas crianças. Depois, me encarou e começou a dizer, me enchendo de emoção:

— Te amo e desejo você de todas as maneiras possíveis. Desde o mais suave andar ao modo que seu cabelo brilha no sol. Apaixonou-me a cada dia por esta covinha que sua bochecha faz quando sorri. Vivo cada dia ao te ver e morro quando você se afasta. Sendo assim, me transformo ao seu lado em um homem sábio, pois cada dia é uma vida ao seu lado, de amor e conhecimento...

— Eu te amo, Ricardo. Demais... – essa frase saía tão fácil do meu coração.

— Vamos sair daqui! Agora!

Coloquei um vestido preto e saí com ele.

Ao ligar o carro, seu semblante estava sério e compenetrado. Um clima de ansiedade pairava entre a gente. O que será que ele teria aprontado?

Andamos durante certo tempo e repentinamente ele parou o carro em frente a um palacete, em um dos bairros nobres da cidade.

— O que estamos fazendo aqui?

— Primeiro, vamos descer. Depois você vai ver, *ok*?

Entramos em um pátio gigantesco com um jardim belíssimo. Havia também uma área de churrasco e uma enorme piscina. Ricardo me levou pelas mãos por aquele lugar fantástico e me fez sentar em um banco de pedra que havia por ali.

— Sente-se aqui que vou acender as luzes.

— Vai me deixar aqui sozinha?

— Rapidinho, amor. Relaxe.

Quando menos esperava, as luzes foram se acendendo – para o meu alívio. O que de fato me assustou

foi que ao mesmo tempo o portão principal da casa começou a se abrir lentamente. Levantei-me rápido.

Para minha surpresa, todos os meus amigos apareceram. Estava tão desanimada com o sumiço de Ricardo durante o dia que nem ao menos percebi que eles estavam armando uma surpresa. Por isso nem citaram em sairmos para qualquer tipo de comemoração!

Cada rosto amigo e conhecido estava ali. Todos, sem exceção, vestidos de branco, cantando o tão conhecido “Parabéns”. Tudo era bonito demais!

As meninas foram as primeiras a se aproximarem. Abracei cada uma com força, emocionada. Queria todo mundo perto de mim!

Os meninos vieram em seguida e me cumprimentaram também de maneira efusiva.

Paula, para cortar o clima de emoção da noite, comentou:

— Garotinha, além deste lugar lindo, trouxemos um bolo do tamanho do nosso amor para você! – e estendeu as mãos, me entregando um bolinho tão pequeno, que só cabia uma vela em cima.

— Só isso?! – sorri, fingindo decepção.

— Tem mais. Espera aí!

Adriana falou e mandou-me olhar para trás. E assim, numa visão digna de um filme *hollywoodiano*, entraram quatro homens fortões, sem camisa, puxando um bolo gigantesco, todo enfeitado com morangos! Sério, o bolo era maior do que eu!

Assim que me refiz do susto, Paula veio comigo até perto do bolo. Um dos bonitões me entregou uma faca.

— Esfaqueeie o bolo e faça um pedido! – Paula gritou. Todos caíram na risada.

Quando a faca encostou no bolo, a voz de Ricardo surgiu do nada:

— Seu desejo foi atendido.

Mais uma vez, naquela noite, não tive tempo de pensar. O alto do bolo se abriu e Ricardo apareceu. Comecei a rir diante da brincadeira. Era verdade, todos os meus desejos estavam sendo atendidos.

Ele me deu de presente um colar delicado feito de pedras marinhas e uma chave com um laço.

— Ofereço a você as minhas ofertas de devoção, minha rainha. Além do colar, te entrego uma chave. Não é a do meu coração, porque você já a tem, mas é a do meu apartamento, quando quiser aparecer por lá querendo um carinho...

Os homens aplaudiram o discurso dele. Eu só o beijei para que se calasse.

O resto da noite foi só festa. Quando dei por mim, estávamos todos na piscina.

— Que tal sairmos daqui agora mesmo para você testar sua chave? – ele sussurrou no meu ouvido, já quase no final da festa.

Eu o empurrei e saí da água, sorrindo.

O pessoal, cansado, estava se despedindo. Adriana havia falado que eu tinha ganhado o dia seguinte de folga como presente de aniversário do chefe (um dos melhores presentes da noite).

No final, estávamos apenas nós dois por ali, abraçados na beira da piscina. Fiquei com um pouco de frio, portanto entramos na casa.

— De quem é esta casa, Ricardo?

— Dos meus pais. Você ainda não os conheceu porque não estão no país. Vão ficar fora este ano.

Foi ali que percebi o quanto Ricardo era rico e sua família poderosa. Nunca havia me dado conta disso.

Vesti um roupão que ele me ofereceu e me aconcheguei no sofá, enquanto ele pegava uma garrafa de

champanhe.

Estava tão relaxada que demorei para perceber que ele me olhava sério. Vi em seus olhos um misto de dor e medo que não consegui entender. Fiquei reta na mesma hora.

Ao ouvir ele me chamar, sabia que aquela era a hora da verdade.

— Ana, eu preciso saber... Você tem medo de mim?

— De onde tirou esta ideia absurda?! Nunca senti medo de você!

— Então por que foge de mim quando eu quero ir para a cama com você? Sei que você me quer, mas se afasta quando vai ceder. Por quê?

— A culpa nunca foi sua...

Havia chegado a hora de acabar de vez com o mistério. Por mais que doesse, ele tinha o direito de saber a verdade. Iria exorcizar os meus demônios sobre meu passado com Rambo para sempre.

— O problema foi o que aconteceu antes de você. O nome dele é Rodrigo, mas seu apelido é Rambo...

Rambo! Aquele caso intenso, cheio de desejo e loucura. Eu queria aquele homem comigo a toda hora. Não conseguia resistir à sua boca e às suas mãos, que me faziam perder a razão. Tínhamos fome um do outro. Queríamos nos possuir. Mas viver com ele e seus jogos começou a se tornar perigoso. Ele dominou os desejos e vontades da minha vida. Eu era apenas um instrumento de prazer, sem controle diante das ordens dele, que se considerava meu amo e senhor.

Foi aí que decidi largá-lo, antes que fosse tarde demais.

Fui até sua casa. Tudo estava mergulhado na escuridão. Entrei no seu quarto e lá estava ele, jogado em um canto. Achei que ele estava passando mal e corri para socorrê-lo.

Na verdade, ele estava chapado. Agarrou o meu braço com força. Tentei conversar, fazê-lo ver como aquilo estava fazendo mal a mim.

— Quero transar com você agora. – ele tentava arrancar minha camiseta.

— Não! Acabou, Rambo.

Desvencilhei-me dele e tentei sair. Ele levantou tão rápido que nem percebi. Trancou a porta.

— Você fica aqui até eu mandar, sua puta! Eu sou seu dono!

Eu o olhei, cheia de ódio...

— Você não manda em mim! Aceite que não sou nada mais sua!

Tentei empurrá-lo, mas não tinha forças suficientes para ganhar essa luta. Ele me jogou com força na parede...

Não sei quanto tempo passei prisioneira. Para me manter fora do ar, ele injetava suas drogas na minha veia em doses fracas demais para me matar.

Em um dos meus poucos momentos racionais daquele período, pude ver uma mulher nua no quarto, provavelmente uma prostituta.

— Minha última fantasia – ele sussurrou no meu ouvido. — Depois eu te deixo ir. E não abra a boca para ninguém, senão te apago rapidinho, vagabunda.

Lembro-me daquela mulher sobre mim. Língua e dedos me penetrando antes de cair na escuridão novamente.

Lembro-me só de acordar, nua, em cima de uma cama. A casa estava vazia. Peguei algumas roupas

que estavam jogadas no quarto e saí para nunca mais voltar.
Engoli as lágrimas e segui em frente, mas com o eterno medo de que esse pesadelo um dia se repetisse.

Ao terminar de contar a minha história para Ricardo, eu chorava.
— Acabaram-se os segredos. Espero que entenda o motivo de permanecer retraída. E espero que você não desista de mim por isso.
Silencioso, ele me acalentou em seus braços e beijou minha testa.
— Só peço que você não me pressione, Ricardo. Isso não aconteceu há tanto tempo assim. Se quiser largar tudo e ir embora, tudo bem. Só não quero ver dó em seus olhos e que fique comigo como um prêmio de consolação. Não vou aguentar isso!
— Eu queria matar esse cara! – nunca havia ouvido sua voz tão fria, isenta de qualquer sentimento carinhoso.
— Não chegue perto dele! – me afastei de seus braços e o encarei.
Seu olhar era gélido, frio e calculista. Por um momento, não reconheci nele nenhum traço da gentileza e bondade que tanto amava. Mas foi apenas por um segundo.
Logo seus olhos me fitavam com carinho.
— Calma, meu amor. Quando acontecer, quero que seja especial para você. Perfeito. Sem mágoas. Agora que sei de tudo vou esperar o seu tempo, *ok*?
Assenti mais tranquila. Deitei a cabeça em seu colo e suas mãos acariciaram meus cabelos, até que o sono me dominou.

RICARDO

Deixei-a dormindo no sofá e limpei cada canto da casa, sistematicamente. Fui fechando cada porta, verificando cada recanto escuro. Eu era o senhor do castelo e nada se esconderia de mim ali.

Peguei-a nos braços e a ajeitei com todo cuidado no carro. Não queria que ela acordasse agora. Sua história triste era mesmo como havia imaginado. Uma mulher que tem medo de sexo com um cara é porque teve algum sério problema em relação a isso.

Bem, poderia ficar comovido, se sentisse alguma coisa por ela. Ou pelas mulheres, em geral. Joguei a bolsa dela no banco de trás e sentei no carro, ao lado dela. Sua saia havia subido e mostrava aquelas coxas morenas que tanto gostava de ver.

Se quisesse, poderia fazer como o tal do Rambo. Rasgar as suas roupas e comê-la ali, no carro. Demonstraria meu poder e ela cederia, como qualquer uma das outras que eu conheci. Quebrar a vontade delas é fácil demais.

Subi as mãos pelas coxas roliças. Passei os dedos pela sua calcinha e a senti quente, com apenas um pano separando meus dedos da sua carne. Subi pela sua barriga e apertei um dos seus seios entre meus dedos.

Ela gemeu baixinho. Tirei a mão rapidamente.

“Mão boba, mão boba. Não ainda, nem assim. Depois...”.

Comigo não ia ser assim. Sabia demonstrar o meu poder sobre as mulheres. Queria devorar a alma dela, acordada. Queria despertar o que ela tem de mais sujo e obsceno. Ela iria se abrir para mim. Toda desejo, pele, ossos e sangue. A vida de Ana seria minha.

Aquela mulher angelical iria me tocar, beijar, chupar... Engolir-me ao menor gesto, quando eu olhasse para ela. Ah, eu sabia esperar.

Beijei castamente aqueles lábios doces e sofridos e liguei o carro, indo em direção à manhã que começava.

CAPÍTULO 06

Já era bem tarde quando o sol, teimoso, passou pelas barreiras da minha janela. Mesmo tendo dormido grande parte do dia, acordei sorrindo. Afinal, nem sempre podemos dormir nos braços do homem que amamos.

Quando despertei, por fim, percebi que estava na minha cama. Será que todas as minhas lembranças foram um sonho? Aquele aniversário nunca aconteceu?

Levantei vagarosamente, estiquei o corpo e vi uma folha em cima da mesa. Reconheci a letra de Ricardo escrita à caneta.

Aninha,

Como você dormiu, acabei te levando para casa. Não se preocupe, pois todas as peças de roupa estão nos seus devidos lugares. Te amo!

Te encontro à noite, no meu apartamento...

(Agora você já tem a chave!)

Ricardo

Aquele dia estava quase no fim, mas ainda ia me trazer muitas coisas boas. Eu ia finalmente buscar o carro que comprei com o dinheiro resultante de muita economia. Não era novo, mas era meu! Adeus correria diária para pegar ônibus lotado!

Saí da concessionária me sentindo realizada, como uma criança que ganha o seu brinquedo mais desejado. Fui fazer umas compras e voltei para casa.

Enquanto descarregava as sacolas, uma moto parou em frente ao portão. O rapaz desceu, pegou um buquê parecido com aquele que Ricardo havia me trazido no dia anterior e chamou o meu nome.

Mais um presente! Ele era mesmo imprevisível.

Agradei ao motoqueiro e corri para dentro de casa, querendo ler o que ele havia escrito desta vez.

Ricardo era romântico todos os dias. Eu o amava por isso. Eu arrumei as flores em um jarro e abri rapidamente o cartão.

Um calafrio me percorreu a espinha e a alegria aos poucos acabou dentro do peito. Parecia que a temperatura havia caído vários graus. Minha vontade era de fugir.

Não se faça de difícil...

Venha se acabar e me acabar. Quando quiser, basta pedir que eu apago seu fogo, safada!

Feliz aniversário!

Rodrigo, sempre seu Rambo

Cega de raiva, picotei o cartão e joguei as flores no lixo. Ódio, raiva e tristeza se misturavam dentro de mim. Será que ele nunca me deixaria em paz? Era só o que eu queria!

Precisava de ar. Só queria sair dali, sumir em meio às pessoas e me perder no turbilhão da cidade.

O máximo que consegui foi esbarrar em Paula, que acabava de chegar.

— O que aconteceu, mulher? Parece que viu um fantasma!

Mal sabia o quanto estava com a razão. Ela me levou para dentro da sua casa e desabafei, por fim. Falei tudo que sentia, a sombra de Rambo sobre o meu relacionamento e o temor de ir para a cama com Ricardo. Ela esperou eu soltar tudo o que me incomodava, em silêncio. Quando terminei, pegou em minhas mãos e me encarou.

— Garota, siga o seu coração. De que adianta ver a vida passar ao longe e não participar dela?! Pare de se torturar com uma coisa que não é culpa sua. Receba de braços abertos este sentimento maravilhoso que é só seu, antes que tudo perca o sentido em meio ao medo e à indiferença. Certas chances de sermos felizes passam rápido demais e se a perdermos, pode ser que nunca consigamos recuperar. Viva intensamente o hoje. O amanhã é incerto e pode não chegar. Vá viver!

Sabia que ela tinha razão e que não podia desanimar. Ficar com medo da vida era deixar Rambo vencer. E isso não podia acontecer.

Agradei e saí dali disposta a me resolver de vez com Ricardo. Mas, antes, iria cuidar de mim. Escolhi cuidadosamente a roupa com a qual iria encontrá-lo aquela noite. Tomei meu banho, me enxuguei e passei creme por todo o corpo. Hoje queria ser a mais bonita. Me maquiei com cuidado e fui para onde ele morava.

Pouco tempo depois, cheguei ao meu destino. Desci do carro, liguei o alarme e segui em direção ao seu prédio. Quando estava quase entrando, ouvi um carro frear bruscamente no meio da rua.

Me virei para ver o que havia acontecido. Do carro parado no meio da rua desceu um homem alto, cabelos negros na altura dos ombros e os olhos profundos de uma ave de rapina. Um perfeito exemplar de predador que sorriu, maldoso, caminhando em minha direção.

— Oi, delícia.

Eu queria gritar. Queria correr, mas não poderia mais fugir dos meus medos.

Afinal, meu sombrio pesadelo se transformava em realidade. Estava novamente frente a frente com Rambo.

CAPÍTULO 07

Meu pesadelo se aproximou sutilmente, sem tirar os olhos de mim. Estava presa, morrendo de medo, diante dele, que estava perto demais.

Seus lábios roçaram nos meus e ele me cumprimentou calmamente, como se nunca houvesse acontecido nada entre a gente.

Recompus-me e senti toda a minha força voltar. Não me deixaria abater por causa daquele canalha.

— O que você quer comigo? – resmunguei, me afastando dele.

— Calma, gatinha! *Tá* brava por quê?! Só quis saber se você gostou das flores.

— Eu não, mas o lixo adorou o presente.

— Pelo menos alguém, né? – ele roçou as mãos pelo meu cabelo. Seus olhos pareciam me devorar.

— Como vai o meu corpinho, hein?

Desviava como podia das suas investidas. Comecei a caminhar.

— Tenho mais o que fazer, com licença!

Ele não saía do meu pé. Sabia que ele poderia ser violento se quisesse. Tinha que me livrar dele rápido.

— Faço questão de acompanhá-la.

— Vamos, sim! Adoraria que você conhecesse o meu namorado!

Ele estancou de repente. Sabia que ele estava morrendo de raiva.

— Arrumou um novo cafetão, vagabunda? – ele falou baixinho. Seus olhos pediam por sangue.

Olhei para trás, sabendo que não iria mais me conter em bons modos.

— Por que você não cai fora?!

Ele veio para cima rápido demais e eu não consegui desviar. Puxou-me pelos cabelos e grudou o corpo no meu. Sentia o seu hálito quente no meu rosto. Ele torceu os meus braços, mas eu não iria me dar por vencida. Olhei os seus olhos alucinados com indiferença. Sabia que ele estava drogado e brigar com ele seria pior.

— Quando menos esperar, cadelinha, você vai voltar para mim e fazer todas as coisas sujas que eu mandar. Vai pagar caro por se fingir de difícil.

— Pode sonhar bastante com isso!

Dei uma joelhada nele, que me largou e se abaixou, torcendo o corpo com dor. Corri para o portão de entrada do prédio, sem pensar duas vezes.

Quando ele conseguiu pensar novamente, eu já estava trancada e segura, do lado de dentro. Comecei a andar, mas ele me chamou. Não resisti, me virei e, surpresa, vi que ele ria, como se tudo fosse uma grande brincadeira.

— Acha que esse número me deu medo? Mas é idiota mesmo! Não tem problema, eu sei esperar.

Sentei-me um pouco no sofá da recepção para respirar. Como as mesmas palavras na boca de dois

homens poderiam ter significados tão diferentes?

Eu sei esperar.

O que eu posso esperar de cada um deles? De um, amor; de outro, medo.

Assim que minha respiração se normalizou, chamei o elevador. Não iria mais me curvar aos meus medos criados pelo passado. Iria lutar com todas as forças que tinha contra isso.

Como eu queria os lábios de Ricardo sobre os meus. Meu corpo pulsava, cheio de vontade, raiva e adrenalina. Queria enfrentar todos os medos do mundo naquela noite.

Abri a porta de seu apartamento silenciosamente. O som estava alto, tocando uma *dance music*.

Chamei o seu nome, mas ninguém respondeu. Passei pela sala e adentrei o corredor.

Havia uma porta aberta, com a luz acesa logo na minha frente. Foi para lá que me dirigi.

— Ricardo... — comecei a chamá-lo, mas parei, sem ação. Fiquei espantada com a surpresa que o destino me guardou para essa noite.

Estava no banheiro do apartamento dele. Era um espaço amplo, bem elegante, inteiro de azulejos pretos e no meio uma majestosa banheira. E de costas para mim, o mais delicioso presente. Meu anjo havia acabado de sair do banho.

A visão do seu corpo completamente nu me deixou tonta. Vários pensamentos passavam pela minha cabeça, apagando de vez minhas dúvidas e receios. E todas as ideias envolviam o meu desejo. Afinal, eu sou humana. Feita de carne e ossos. Meu corpo havia sido criado para amar e se excitar.

Pequenas gotas escorriam pelas suas costas largas. Seu cabelo molhado escorria pelos ombros. Ele estava concentrado na tarefa de se enxugar com uma toalha, que parecia extremamente pequena entre suas mãos.

Decidi parar de pensar no amanhã. Vendo aquele homem, sabia que iria curtir o presente. Cada pedacinho dele.

Ele ainda não havia me visto. Apoiei-me na parede e sussurrei o seu nome, com um sorriso nos lábios. Ele se virou ao ouvir minha voz.

— Ana!

Com a surpresa, a toalha caiu de suas mãos. Vi então o corpo rijo dele em toda sua plenitude. As coxas grossas, os pelos desenhados do peito, a virilha e seu sexo, que aos poucos ficou pronto para mim.

Não é preciso palavras. Sabíamos o que queríamos. Em poucos minutos minha roupa estava no chão. Meu corpo doía querendo o toque dele. Beijeí sua boca com vontade.

— Estou pronta para você — disse com voz trêmula.

Ele me prendeu na parede e sua língua brincou com minha orelha. Desceu pelo pescoço e arrancou a renda do meu sutiã. Fiquei completamente nua e arrepiada. E não era de frio.

Suas mãos marcavam meu corpo como território dele. Eu arfei ao sentir a sua boca sugar meus seios. Não ia mais aguentar.

Puxei-o para dentro da banheira. Cruzei minhas pernas sobre ele, numa amorosa armadilha. Seu membro pulsava sob minha coxa, querendo abrir caminho ao êxtase. Ali o controle era meu.

Inverti a posição com ele e beijeí cada canto de seu corpo. Quando ele não aguentava mais, fiz um pedido irrecusável.

— Te quero aqui — e antes que ele pudesse reagir, cavalguei-o, querendo sentir cada centímetro dele dentro de mim.

Naquele ritmo desenfreado, nossos corpos se tornaram um. Meu corpo se movimentava em uma

velocidade cada vez maior.

O nosso orgasmo veio rápido. Prazer e paixão em sua forma mais intensa. Não teve como fugir.

Olhava para ele. Sentia-me linda, amada e dona de mim.

— Já acabou? Quero mais!

Ele sorriu para mim.

— Tudo que a senhora desejar.

RICARDO

Eu saí daquele banheiro satisfeito. Cada instante ali haviam sido melhor do que havia planejado. Ela era minha agora.

Que delícia vê-la abrir as asinhas e tomar conta da situação. Como uma fadinha sacana, soube me enlouquecer direitinho. E que corpo! Não é preciso usar muito a imaginação para ficar excitado! Mas não era o suficiente. Todas elas tinham de pertencer somente a mim, até a parte mais profunda de suas almas. Fui para o meu quarto e peguei a caixinha que seria o meu grande trunfo. Ana era igual às outras. Depois disso, seria tão mais fácil tomar o controle daquela vidinha medíocre que ela vivia. Afinal, quantas vezes já utilizara daquele artifício? Já perdi as contas. Voltei ao banheiro com o meu “presente”. Sabia que iria servir direitinho.

Ela estava se enxugando, como eu havia feito há pouco tempo. Tinha certeza que ela viria essa noite. Como conseguiria resistir?

Como ela é pontual, deixei tudo esquematizado para que ela me encontrasse aqui no banheiro. O porteiro me avisou que ela estava subindo, e preparar o ambiente foi questão de segundos.

Como ela parecia tão frágil naquele instante. Tão fácil de exercer sobre ela o meu controle. Adorava isso!

Entreguei a caixinha nas mãos dela.

— O que é isso, Ricardo?

— Descubra.

Os olhinhos dela brilharam ao ver o par de alianças.

Tentei fazer o olhar de garoto apaixonado. Ela tremia, delicada. Peguei na sua mão e senti em seu pulso um rápido acelerar, como um passarinho preso na armadilha. Nesse caso, a minha.

— Casa comigo, Ana?

Coloquei o anel no dedo dela. Como toda mulher, começou a choradeira, uma das partes que mais me irrita. Ela assentiu vagorosamente, me olhando com um arzinho afetado de gratidão.

Puxei-a para que ela sentisse que eu já estava excitado. Mais uma vez.

— Já que não vamos marcar o casamento agora, que tal recomeçar de onde tínhamos parado? — falei no seu ouvido, descendo a língua de novo pelo corpo dela.

Ela fechou os olhos e bem baixinho, respondeu:

— Acho uma ótima ideia.

Peguei-a no colo e joguei-a na cama. Do jeito que eu estava, ia mantê-la acordada até o amanhecer.

Acordei sentindo o coração de Ricardo batendo calmamente nos meus ouvidos. Já havia amanhecido e eu precisava ir para o trabalho. Tentei acordá-lo com meus beijos. Ele abriu os olhos devagar, meio sonolento.

— Preciso ir trabalhar – sussurrei.

— Falte! Só hoje, vai.

— Sabe que não posso, já tive minha cota suficiente de folgas. Preciso ir até minha casa e trocar de roupa ainda.

— Vai dar tempo.

Comecei a me vestir para ir embora. Quando chegava perto da sala, ele me agarrou por trás. Ali no tapete, começamos tudo novamente.

RICARDO

Assim que Ana saiu do meu apartamento, procurei dormir, mas estava excitado demais para isso. Havia conseguido!

Não que ela fosse diferente das outras, ou sequer melhor. Para mim, todas as mulheres são nada. O meu objetivo era soltar aquela fera escondida que brilha nos seus olhos e depois domá-la, prendê-la.

Precisava comemorar. E sabia com quem fazer isso. Precisei apenas discar um número, e minutos depois Daniela estava entrando no meu apartamento.

Ela era igual a mim, dominadora. Brincava com os homens e suas emoções como quem troca de roupa. Não aspirava compromissos.

Trocar nossas experiências me excitava.

Eu a amarrei como sempre. Fechei os olhos. O chicote estalou nas costas dela e entre suas coxas. Seu rosto era uma mistura de prazer e dor.

Ela pedia mais força. Queria sentir na força de meu punho o poder e a dor.

Acabamos deitados na cama, e eu, passando a língua vagarosamente entre as coxas dela, lambendo as pequenas pérolas de sangue que escorriam dali.

Não estava ali para fazer amor. Afinal, isso é para os tolos! Um sonho inútil de mentes fantasiosas. Coisa de pobres de espírito.

Peguei-me pensando em fazer tudo isso novamente, mas no corpo imaculado de Ana. Morder, bater, dominar...

Tudo a seu tempo. Joguei Daniela de bruços, puxei-a pelos cabelos e atirei meu peso sobre ela. A solução seria começar de novo esse delicioso joguinho de tortura.

As noites da minha vida passaram a ser feitas de beijos, abraços, gemidos e o ritmo tão conhecido dos corpos suados. Ele conseguia realizar minhas mais secretas fantasias. Experimentei todos os prazeres que imaginei e desvendei os mais ocultos segredos do sexo.

E o tempo passou.

O ano acabou e no *Réveillon* fomos para o litoral. Passamos a virada só nós dois, em uma praia deserta trocando beijos e promessas para o ano novo que chegava.

Em janeiro, comemoramos o aniversário dele em um jantar a dois. Conheci também seus pais, que me pareceram extremamente frios. Me trataram polidamente, mas bem. Esperava que com o tempo esse distanciamento acabasse.

Paula finalmente cedeu aos nossos apelos e começou a namorar o Tiago. Pouco tempo depois já estavam noivos. E em fevereiro, Adriana e Willian casaram-se, em uma linda cerimônia, e nós fomos padrinhos.

A única coisa triste dessa história toda é que minha amiga iria embora. O pai de Willian era dono de várias fazendas de gado de corte, no interior de Goiás, e eles iriam para lá, onde administrariam a maior delas. O pai dele, já idoso, resolveu aos poucos passar as responsabilidades para o filho. Uma nova vida começava para eles. Pena que era longe da gente.

Pensar em viver cercada pela natureza, me deu saudades de casa, como não acontecia há muitos anos. Como será que minha mãe estaria? Será que já era hora de eu dar notícias? Deixei para pensar nisso depois.

Quando chegou a temida hora de me despedir daquela que foi o meu apoio grande parte da minha vida adulta, fiquei sem palavras. Não sabia expressar o que me vinha no peito.

Eles iriam de carro. Tudo já havia sido transportado para a sede da fazenda de caminhão.

Desde que acordei naquele dia, senti o peso da tristeza oprimir o meu peito. A falta daqueles que você considera seus amigos é uma sensação inesquecível, como um grito mudo de dor que não se consegue dar vazão.

Todo mundo começava a trilhar os seus próprios caminhos. Assim era a vida. E eu tinha de começar os meus, sozinha.

Como poderia esquecer?! Ricardo estava ao meu lado. E tinha certeza que iria me acompanhar em todos os momentos.

Agarrava-me a essa hipótese com todas as forças. Se ele me faltasse, o que seria de mim?

Foi na porta da casa de Adriana, onde passamos tantos momentos alegres, que nos despedimos. Tentei me manter firme, mas, ao abraçá-la com força, as lágrimas começaram sua queda.

— Não fica assim que eu choro também, Ana! Não é o fim de tudo. Vamos nos reencontrar sempre.

— Minha amiga vai embora e você não quer que eu chore?!

— Calma...

Paula se aproximou e nos abraçou.

— Nada de adeus. Só um até logo está bom! Vamos parar de drama, gente! – começamos a rir, entre fungadas e suspiros.

Enquanto o carro de Adriana se afastava e sua mão acenando sumia em meio à rua, Paula me abraçou.

— Ainda somos duas, viu?

Assenti com a cabeça. Mal sabia eu que demoraria meses para que as três se unissem novamente.

RICARDO

Vendo as lágrimas da minha “noiva”, eu não cabia em mim de satisfação. Como estava frágil. Conseguia ver a dor no rosto da pobrezinha.

Tudo estava mais fácil do que eu pensava. Todo mundo achava que ela estava “encaminhada” e seguia o seu próprio caminho.

Fiquei imaginando qual seria a reação quando ela e seus amigos tolos descobrissem que nunca pretendi casar com ela. Mas até lá eu já teria conseguido tudo o que desejava.

O noivado era apenas algo para ela se sentir segura. Quando estivesse enjoado, iria me livrar dela rapidinho, como fiz com as outras.

Arrasar a vida dos outros pode ser tão bom.

Se alguém me perguntasse por que sou assim, iria responder: “Você já perguntou a um escorpião por que ele fere? Por que o verdadeiro predador brinca com seu alimento e o tortura antes de abatê-lo?”

Essa é a minha natureza. Ter o poder de possuir vidas em minhas mãos é o que me dá o verdadeiro prazer. Não conheço amor, ódio, indiferença. Não sinto essas coisas. O que sinto e reconheço é força, poder e obediência. E não hesito em destruir quem atravessa o meu caminho.

Controlar Ana seria muito fácil. Vestir o papel de bom moço caía com perfeição na minha carinha angelical. O amor a acendia, era a chave para libertar a ferinha que ela escondia dos outros e mostrava para mim, entre as paredes do quarto.

Não tenho nenhum receio em mentir e fingir ser exatamente o que ela quer. A vida não deve ter limites. Deve ser tomada em um gole só.

Tudo era um jogo de poder. E por saber andar nesse tabuleiro, eu sempre saía ganhando.

Já fazia um ano que havia conhecido Ricardo naquele dia ensolarado. E era ótimo acordar cada dia e ver que nada havia mudado. Apenas fortalecido.

Acordei atrasada e tomei um cafezinho básico em uma lanchonete no caminho do trabalho e comecei a correria.

Profissionalmente, minha vida havia mudado. Descobri uma verdadeira vocação: a fotografia. Paula havia me dado uma máquina de presente e decidi começar um curso, e me saí melhor do que esperava.

Captei imagens dos meus amigos e saí pela cidade atrás dos cenários mais inusitados. Um dia, ao mostrar as fotos para o Tiago na videolocadora, um cliente observou de longe.

— Posso dar uma olhada nas suas fotos?

— Claro. Não repara não que são amadoras.

Ele folheou cada uma, silenciosamente.

— Seu potencial é muito bom. Gostaria de trabalhar com isso?

Mal sabia eu que ele era dono de um estúdio fotográfico, que cobria eventos, festas e tinha uma parte dedicada a atender famílias e pessoas que querem criar os seus famosos *books*. Não hesitei e aceitei. Lázaro era uma excelente pessoa e me tratava como se fosse uma filha, ensinado as artes da fotografia e seu significado para quem a compra.

Naquele dia, tínhamos uma sessão para uma revista de moda, e eu iria auxiliá-lo.

A sessão de fotos transcorreu a manhã toda e ia ainda pegar um pedaço da tarde. Perto da hora do almoço, comecei a passar mal. Minha cabeça latejava e meu estômago se contraía, enjoado.

Corri para o banheiro e me joguei diante da privada, com uma enorme crise de vômitos. Quando terminei, me sentia pesada. Mal conseguia me mover. Maldito cafezinho da manhã de padaria. Isso que dá fazer as coisas correndo.

Passei o dia inteiro daquele jeito. Cheguei em casa, tomei um remédio e me joguei na cama. Ricardo veio para casa e ficou comigo a noite toda. No outro dia, me sentia melhor.

Mas dois dias depois, tudo voltou, ainda pior. Me sentia horrível, inchada, pesada e chata. Uma vontade de sumir, esconder-me em um canto. Queria chorar sem motivo. O que estava acontecendo comigo?

Os dias passaram e nada de melhorar. Meu corpo estava reagindo tão mal à doença que nem minha menstruação, tão pontual, veio na data certa.

Precisava ir a um médico. Tinha medo de ser algo sério.

Marquei a consulta. Iria sozinha. Todos tinham de cuidar de suas vidas e não queria atrapalhar ninguém. Paula e Tiago tinham seus compromissos e Ricardo estava correndo com os negócios da família. Tinha uma rede de empresas, divididas em vários setores, espalhados pelo país todo.

Antes de sair de casa, veio uma sensação estranha, que me incomodava há vários dias. Senti que tinha de dar notícias para minha mãe, mas não tinha ideia como interceptá-la. Como ligaria para ela depois de tanto tempo?

Como sou melhor com palavras, decidi escrever uma carta a ela. Perguntei sobre sua saúde e falei da saudade que tinha de lá. Falei sobre o meu noivado e que, se ela quisesse, poderíamos visitá-la. Mandeí fotos, lembranças afetuosas e mandei o número do telefone de casa, se por acaso ela

quisesse entrar em contato. Seleí a carta e, no caminho para o médico, a enviei pelo correio. O médico me pediu um exame de sangue, que ficaria pronto no mesmo dia, e me receitou alguns remédios para minimizar os enjoos.

Esperei o tempo passar dando voltas pela cidade. Esperava que não fosse nada grave. Só queria me livrar desse mal estar que me incomodava.

Quando voltei para o consultório, o médico me recebeu com um sorriso no rosto. Meus temores arrefeceram. Não poderia ser nada grave.

Eu sentei em frente a ele no consultório.

— Pode ficar calma – ele já falou, vendo meu estado de tensão. — Não é motivo para preocupações o que a senhora tem.

— Doutor, pode deixar de formalidades. Pode me chamar de Ana. Só quero saber quando irei melhorar.

— Essas crises de enjoo irão parar daqui uns três meses.

Fiquei estática.

— Como assim?!

Estaria eu morrendo? E ele sorrindo! Meu Deus, o que era aquilo tudo?

— É, até o bebê se desenvolver e a barriguinha começar a aparecer.

Bebê?

— Quer dizer que...

— Parabéns, você está grávida!

Como eu não havia percebido antes?! Quanta felicidade! Saí do consultório uma nova pessoa. O ápice da minha alegria estava ali, vivo dentro de mim. Um filho que completaria a minha vida para sempre. Havia conseguido a minha família e nada iria destruir isso. Nem ninguém.

CAPÍTULO 08

RICARDO

Mesmo dedicando a maior parte do tempo aos meus jogos de poder e prazer, tinha uma vida social e profissional a manter sem suspeitas. Minha família possui um grande conglomerado de empresas e tenho que tomar conta de determinadas áreas. Nada que pelo celular não resolvesse, mas de vez em quando tinha que atender alguns assuntos importantes pessoalmente.

Ocasionalmente, eu aliava negócios a prazer. Como naquele instante, em que tinha uma reunião com uma sensual cliente de uma das empresas. Já tinha saído com ela algumas vezes e sempre era bom ter uma diversãozinha fora de casa. Tanto para ela, quanto para mim.

Um dia perfeito em que eu ia almoçar com a sobremesa. Fomos a um restaurante discreto, onde costumo me reunir com os clientes, o qual possui mesas separadas entre pequenos cubículos e uma cortina, tornando o ambiente muito mais reservado. Ali poderíamos falar de negócios sem sermos incomodados.

Ao terminar de acertar os itens em pauta e assinarmos os documentos necessários, olhei bem nos olhos dela e perguntei:

— Já almoçamos e fechamos negócios. Que tal começar a sobremesa?

— Aqui? – seus olhos claros me olhavam, espantados. Via em seu rosto uma mistura de medo e desejo. Exatamente o que eu gostava.

Cheguei perto dela e afastei suas pernas. Coloquei minha mão entre elas e senti seu calor.

— Aqui mesmo – e beijei-a.

Ela abriu minha calça e me pegou entre seus dedos. Mordeu meus lábios e desceu, ávida para beijar onde suas mãos brincavam tão ritmadamente.

Desfiz o seu coque e preendi seu cabelo entre as mãos. Forcei a cabeça dela em direção ao meu corpo. Que ela me sentisse inteiro, sem dó.

Estava prestes a atingir o gozo quando um barulho se fez ouvir do lado de fora.

— O senhor não pode fazer isso!

A cortina se abriu repentinamente, no mesmo momento que eu atingia um orgasmo. A minha cliente levantou a cabeça apressada, limpando a boca e eu fiquei extremamente irritado com quem ousava fazer aquilo.

— Quem você pensa... – não concluí a frase.

Droga, mil vezes droga! Tiago, o amiguinho de Ana, estava na minha frente. Como ele havia me encontrado? E logo daquele jeito?

Ele tremia de raiva e seus olhos pareciam me fuzilar. Como aquele serzinho mirrado acha que pode comigo? Ele deu dois passos em minha direção, pronto a desferir um golpe. Depois parou,

repentinamente, e correu para fora do restaurante.

Meus planos, pela primeira vez, estavam em perigo. Tinha certeza de que ele estava correndo para contar à sua noivinha o acontecido. Era o típico homem fraco que não sabia esconder nada.

Ou pior, e se fosse contar para Ana?

— Me desculpe pelo inconveniente. Um motorista virá buscá-la. Vou resolver isso.

Sai correndo atrás daquele impertinente.

Ele iria ser calado. Se fosse preciso matá-lo, não hesitaria em fazê-lo.

Vi o fracote entrando em um carro e saindo em disparada. Entrei no meu e comecei a minha caçada. Liguei para a empresa para alguém ir buscar a cliente no restaurante e pagar a conta.

Comecei a sorrir de alegria. A adrenalina correndo solta nas veias. Como era bom brincar com o perigo.

TIAGO

Até agora as ideias não tinham entrado na minha cabeça direito. Tudo aconteceu rápido demais. Fui naquele restaurante para encontrar um antigo colega do colégio. Não nos víamos fazia muito tempo e finalmente conseguimos fazer nossos horários baterem. Avisei a Paula que não iria vê-la naquele dia durante o almoço e fui encontrá-lo.

Não conhecia aquele lugar. Poderia ter passado em frente várias vezes e nem percebido. Ao entrar, percebi que era bem mais chique do que eu imaginava.

— Adoro vir aqui – Roberto, meu amigo, me confidenciou. — Além desta parte, está vendo aquela porta ali?

— Claro, Roberto. O que tem?

— Ali funciona a parte chique da casa. São áreas reservadas, tudo fechado, onde as pessoas vão resolver seus assuntos particulares. Que nem nos filmes americanos. Tem um botão em cada mesa e o garçom só vem se ele for pressionado.

— Cara, coisa de grã-fino!

Ficamos rindo e conversando durante um bom tempo. Quase terminando o almoço, cada um acertou sua conta e nos despedimos. Antes de sair, fui ao banheiro.

Foi quando Ricardo passou por mim, com uma loira muito gata. Será que era uma reunião de negócios? Afinal, ele estava todo engravatado com uma pasta nas mãos. Estava indo cumprimentar o cara, quando, achando que ninguém o via, ele deu um apertão na bunda dela.

Que porcaria era aquilo?!

Esperei ele entrar no reservado e o garçom passar. Vi que o reservado ao lado dele estava com a cortina cerrada. Foi lá mesmo que eu entrei.

E ouvi o cara falar com ela de negócios. Até aí tudo bem, mas ele a pediu como sobremesa!

E ouvi os gemidos baixos, o sussurro, as sacanagens que ele dizia para ela e a raiva foi aumentando. A Ana não merecia aquilo. Era tão legal com a gente, uma amiga sem defeitos. E ainda me apresentou à Paula. Ela não tinha ninguém. Eu era a única pessoa que ela tinha parecido com um irmão.

Nessa hora, o garçom abriu a cortina de onde eu estava e me viu com a orelha colada na parede.

— Meu senhor, o senhor não pode fazer isso!

Cego de ódio, dei um soco na cara do garçom e abri a cortina de onde Ricardo estava.

A cena que vi dispensava explicações!

Fui para dar um soco na cara daquele filho da mãe, mas parei a tempo. Não resolveria nada.

Acabaria com isso de uma vez por todas. Tinha de encontrar a Ana.

Corri para o carro e saí em disparada. Vi que ele tinha vindo logo atrás. Não tinha chance contra o carrão dele, então tinha que despistá-lo.

Subi avenidas e desci ruas durante uma meia hora. Fui parar em uma pista estreita, no alto de um morro, na saída da cidade.

Estacionei o carro entre duas árvores e resolvi esperar um pouco. Precisava colocar as ideias em ordem antes de procurá-la. Sabia também que não poderia demorar muito, ou ele chegaria antes.

Após me acalmar para não fazer besteira, voltei para o carro. Comecei a sair da beira da pista em direção à cidade novamente. Liguei o rádio...

Um estrondo repentino e o meu carro inteiro chacoalhou. Minha cabeça bateu com força no volante. Aquele bastardo tinha me achado! Queria acelerar o carro, mas tudo rodava. Algo quente escorria por minha testa. Coloquei minha mão para ver o que era e só senti dor.

Não teria medo do cara. Afinal, o que ele poderia me fazer de mal?

Vi pelo retrovisor ele descer do carro, como um felino. Sorria, mas seus olhos estavam frios. Aquele não era o Ricardo que a gente conhecia.

Ele abriu a porta e me puxou pela gola da camisa. Quando conseguiu me tirar, me jogou em cima do capô.

Ele ajustou a sua roupa e ficou me encarando. Estava tonto demais ou o cara estava usando luvas? Estava mesmo, aquelas que os médicos usam para cirurgia.

— Precisamos esclarecer umas coisinhas por aqui. – ele disse, por fim. — Você vai ficar de bico caladinho.

Eu não podia estar ouvindo aquilo.

— Tá maluco, cara! Sem chance de te livrar dessa.

Ele veio para cima de mim e me prensou com seu corpo no carro. Ele puxou os meus cabelos e acabei torcendo o pescoço. Mais dor. Muita.

— Todo mundo tem seu preço. Qual é o seu? – ele pegou e apertou meu corte na cabeça com os dedos. Não consegui me segurar. Gritei.

— Não tem essa comigo não, cara! Não sou de ferrar os outros que não merecem. A Ana não merece isso, cara.

Ele sorriu e vi naquele rosto a verdadeira face do mal. Ele me jogou no chão. Minha cabeça bateu com força no asfalto quente. Será que ninguém apareceria? Como poderia Deus ser tão mau assim comigo?

O cara estava lambendo o meu sangue dos dedos dele. Que tipo de mente doente era a dele?

Ele sumiu por uns instantes do meu campo de visão. Ouvi o porta-malas do meu carro se abrindo. O que aquele maldito estava fazendo?

Levantei-me para fugir. Precisava superar a dor. Tinha que fazer Ana ver a burrada que estava fazendo com um maldito daqueles. Ela corria perigo.

Tinha de sair da pista, quem sabe conseguiria me esconder no meio do mato?

Dor insuportável e meus ossos se quebrando. Meus olhos encontrando o chão.

— Socorro! Alguém, por favor, me ajude!

Ricardo me virou de qualquer jeito. Vi o que havia me acertado: a chave de rodas do meu carro.

— Vai calar esta boquinha suja, vai sim!

Seu pé voou em direção ao meu rosto. Tantos chutes que não conseguia pensar em mais nada. Só na dor e como queria que aquilo parasse.

Com meus olhos quase se fechando, a última coisa que vi foi a chave de rodas vindo em direção à minha cara.

RICARDO

Um belo final para o cara: no meio de seu próprio sangue. Confesso que me descontrolei um pouco, mas estava bom demais aquilo. O som de ferro contra a carne, os ossos se quebrando, os gemidos de dor e medo. A cara de Tiago estava uma massa irreconhecível de pele, ossos e sangue. Tinha de ser rápido agora. Minhas impressões digitais não estavam em lugar nenhum. Joguei a chave de rodas no meio do mato. Revirei as coisas dele e tirei a carteira, relógio e outros itens importantes. Puxei o rádio do carro também. Não poderia deixar o carro ali, com um puta amassado. Sendo assim, tirei o freio e o deixei descer o morro. Logo à frente tinha uma curva fechada, onde o carro passou reto, rolando o barranco. Um amassado a mais, um a menos, não faria falta. Afinal, hoje em dia a violência é tão banal. Mais um assalto hediondo na cidade grande. Quem perderia tempo falando o contrário?!

Dali eu via a cidade inteira. Sentia-me o rei daquela corja! Quem me impediria?

Ninguém faria o que eu não quisesse.

Sentei no carro, tirei as luvas e joguei em uma sacola, junto com as coisas do Tiago. Depois daria um jeito naquilo de forma rápida e eficaz.

Fui até a oficina e deixei o carro para consertar. — O cara bateu em mim e não tinha seguro, acredita?

Não fez tanto estrago assim.

Fui até a casa de meus pais e coloquei fogo em tudo. Cada estalo das chamas era como se mil anjos cantassem nos meus ouvidos. Ali, sobre o barulho suave da canção daquela fogueira improvisada, dancei mais uma conquista. Eu era um deus!

Cheguei em casa excitado pela vitória. Precisava descarregar toda aquela tensão. Como Ana deveria estar naquele estúdio brincando com suas fotografias, resolvi chamar Daniela para mais uma sessão de prazer.

Tomei um banho e estava me enxugando quando o celular tocou. Era a Ana.

— Tudo bem, amor?

— Agora estou melhor. Passei meio mal, estive no dia todo no médico.

Eu me alarmei.

— Espero que não seja nada sério.

— Não é não, logo passa. Queria te ver, você vai ficar aí?

Droga! Teria que dar uma desculpa. Mas bem que a ideia de Ana e Daniela comigo na cama me deixava duro. Mas ela não permitiria isso.

— Não dá, amor. Estou indo para uma reunião agora. Pode ser no começo da noite?

— Pode sim – a vizinha dela desanimou. — Mais tarde a gente se vê.

— Tá tudo bem mesmo?

— Tá sim. Boa reunião. Te amo.

— Também te amo.

Nem coloquei a roupa, esperando Daniela chegar. Iria começar ali mesmo na sala. Afinal, ainda tinha a tarde toda.

Uma pena que Ricardo não poderia me ver agora! Mas tudo bem, eu esperaria! Estava me sentindo realizada. Tinha tudo que desejava.

Ainda não conseguia acreditar que estava grávida. Um pedaço do meu amor e de Ricardo estava ali, vivo dentro de mim.

Veria minha barriga crescer, generosa e redonda, e precisaria conviver com os desejos mais loucos no meio da noite. Mas não tinha de cuidar de tudo sozinha. Afinal, estava noiva! Ficava imaginando a cara dele quando soubesse a notícia. Será que iria querer adiantar o casamento por causa do bebê? Fui andar um pouco para espairecer. Parei em uma praça e me sentei sob a sombra de uma árvore. Fechei os olhos, me sentindo completa, como há muito não me sentia.

Peguei novamente o resultado impresso do exame nas mãos sem querer acreditar em tamanha alegria. Segurava-o com força como se minha felicidade dependesse daquele resultado.

Minha cabeça começou a se encher de planos. Casamento, mais filhos, nossa casa, uma vida plena. Assim como os sonhos, as dúvidas também nos assaltam e encham a cabeça. Afinal, eu sabia que estava feliz. E ele? Ficaria mesmo ou eram apenas suposições da minha cabeça?

Será que ele estava pronto para isso, meu Deus?!

Não tenho que pensar nisso e sim seguir meus sonhos e meu coração. Enfrentar os obstáculos que possam surgir são partes da vida. O importante é o modo com que lidamos com cada coisa.

Ainda faltava muito para ele chegar ao seu apartamento. Mas voltar para casa e esperar seria uma tortura. Esperar para quê? Eu não tinha a chave? Quando ele chegasse, iria surpreendê-lo, pronta para amá-lo.

O porteiro não estava na portaria, mas não tive que esperar. Tinha uma mulher saindo e aproveitei que o portão estava aberto para entrar. Subi o elevador ansiosa para deitar na cama dele e descansar um pouco.

Abri a porta com a chave. Ao contrário do que pensava, o apartamento não estava vazio. Uma música suave tocava, bem diferente de quando pisei aqui na primeira vez. Havia roupas espalhadas pelo chão.

Deixei de sorrir. O que o destino tramava contra mim? Ouvi vozes no quarto. Corri e abri a porta. E meu coração se desfez em mil pedaços.

Ricardo estava lá, mas não estava só. Debaixo do seu corpo, de braços, estava uma moça. Ela usava uma venda em seus olhos e Ricardo a penetrava por trás sem dó nenhuma.

Ele agarrava os cabelos dela, como se não fosse o homem que eu conhecia. Se é que um dia o conheci de verdade.

— Sofra, maldita. Sofra... — ele ergueu os olhos e encontrou os meus.

A dor chegou de uma vez e com ela a vontade de fugir. Tirar aquela visão horrível da minha frente. Só queria esquecer de tudo.

Minha bolsa caiu, mas eu nem podia pensar em voltar para pegá-la. As lágrimas não me deixavam ver nada.

Ouvi ao longe ele gritar meu nome. Não queria ouvir as explicações. Chega de mentiras. Não queria a sujeira dele contaminando o meu filho. Fugi pela cozinha e saí pela entrada de serviço.

Comecei a apertar o botão do elevador insistentemente. Estava me sentindo fraca, queria cair no chão

e sumir. Mas tinha de ser forte... Pelo meu filho.

Corri para as escadas. Quando comecei a descer os degraus, Ricardo apareceu e me puxou pelos braços.

— Me escuta, Ana!

— Não tenho nada para conversar com você, Ricardo. Acabou!

— Não pode ser verdade, eu vi o papel na sua bolsa!

— Que papel? O exame?

— Vamos resolver isso, Ana.

— Você não faz parte da minha vida mais, Ricardo. Nem da vida do meu filho!

— Não posso te dividir com ninguém...

Fui me virar, mas ele me empurrou. Tentei agarrar suas mãos, mas não as alcancei.

Cada pancada do meu corpo nas escadas foi um pedaço da minha alma que se esvaía, junto com a dor. Coloquei instintivamente as mãos na minha barriga e senti uma quina dos degraus quebrar um dos meus dedos.

Meu corpo chegou ao andar de baixo e ouvi um grito baixo. Seria do Ricardo ou meu? Gosto de sangue na boca. Sangue escorrendo pelas pernas... Meu filho não, meu Deus! Mal comecei a amá-lo e você vai tirá-lo de mim?

Minha vida foi revivida cada segundo enquanto estava ali, enrodilhada no chão frio. Mal tinha ideia que o meu pesadelo apenas começava. E o conto de fadas que sonhei viver nunca havia sido real. Tudo era amarga fantasia.

2^o PARTE
A OUTRA FACE DA MOEDA

CAPÍTULO 09

RICARDO

Que merda! Hoje foi o dia das cagadas! Primeiro aquele infeliz do Tiago. Agora a própria Ana?! Será que ele tinha conseguido entrar em contato com ela e não percebi?

Pulei da cama. Tinha que dar um jeito naquilo rápido. Corri atrás dela e vi que ela havia deixado a bolsa cair.

Ela correu em direção à cozinha. Vesti uma cueca e peguei a bolsa dela jogada no chão. Para minha sorte e para me atrapalhar ainda mais, todo o conteúdo caiu no chão.

Um papel chamou a minha atenção. Era de um hospital e tinha o nome dela. O que seria? Meus olhos ficaram embaçados ao ver o resultado daquilo. Grávida?! A ordinária estava grávida?!

Como ela ficou grávida? Será que fui tão azarado dela esquecer de tomar os remédios também? A vagabunda achou que poderia me tapear, mas estava muito enganada. Ia domá-la direitinho.

Não queria uma baleia deformada na minha cama. Minha cabeça não aceitava a ideia de alguém ao meu lado enjoada o tempo todo. Um bastardozinho só iria atrapalhar os meus planos. Não deixaria acontecer algo que colocaria tudo a perder.

Ouvi-a socar a porta do elevador. Ainda podia resolver isso. Tinha de pensar numa forma de acabar com aquele problema rapidamente. Foi quando a encontrei nas escadas e a puxei que vi a oportunidade perfeita aparecendo.

— Não posso te dividir com ninguém.”

Eu cuidaria para que tudo fosse como antes, por isso a joguei pelas escadas. Ela quicando, com a cara de puro terror e surpresa, foi um misto de anseio e prazer. Meu sorriso se abria cada vez que via sua barriga se chocando nos duros degraus, conseguindo resolver a minha situação. Tudo sempre ficava a meu favor.

Ela olhou para mim de lá de baixo. Um olhar tão cheio de dor que por um momento eu poderia me encher de remorso; mas estava alegre demais para sentir essas coisas.

Sorri, acenei para ela e vi o sangue escorrer entre suas pernas.

— Fale tchau para o papai.

Daniela apareceu na porta da cozinha. Parecia assustada. Mais uma das minhas muitas bonecas. Para meu prazer, elas sempre deveriam estar perfeitas. Obedientes, cheirosas e limpas. Sempre cordatas e passivas. Se alguma não seguisse as coisas como deveriam, eram punidas. Nunca precisei quebrá-las... Muito.

— Vou chamar uma ambulância. Pode ir embora, outro dia terminamos a nossa festinha – disse e beijei levemente a boca dela.

Fui para o quarto terminar de me vestir. Só então liguei para a emergência. Chamei alguém na

portaria com uma voz chorosa. Fui para o lado dela e fiquei esperando a ajuda chegar. Sabia que em breve alguém da portaria viria ao meu encontro.

Enfieei sem dó os dedos nos olhos. Afinal, tinha de estar chorando. Mentir, para mim, era uma coisa natural.

Quando a emergência chegou, meu show de dor já tinha começado. Soluçava alto, gritava o nome dela, pedia por socorro.

— Ela tropeçou na escada. Caiu. Meu filho, ela está esperando o meu filho.

— Calma, vai dar tudo certo – alguém me segurava. Os malditos curiosos dos outros andares, com certeza.

Agarrei o enfermeiro pelo colarinho.

— Moço, ela está grávida! Descobrimos hoje. Salve-a, pelo amor de Deus!

O trajeto para o hospital foi uma loucura. Do lado dela na ambulância, eu antecipava o prazer de ver o médico me contar a notícia trágica que o “pequeno problema” havia sido resolvido. Só precisaria ficar mal durante um tempo e pronto. Afinal, tinha que ser forte... Por ela. Não era?

A morte de Tiago e do bebê levariam Ana para onde eu queria. Fragilizada, ferida, amargurada. Seria mais fácil me reaproximar dela.

Pensaria numa desculpa perfeita. Sempre achava uma.

Estava sentado no corredor, pensando nesta conquista, quando o médico me tirou dos devaneios. Chamou-me até o consultório dele para conversarmos. Agora era a hora do grand finale.

— Co-como ela está, doutor?

— Apesar de sofrer muitas fraturas decorrentes da queda, ela vai sobreviver. Está em estado de choque e quando voltará emocionalmente ao estado normal é difícil dizer. Qualquer coisa, a encaminharemos a psicólogos especializados nesse tipo de trauma aqui mesmo na instituição.

— E a criança, doutor?

Já estava tenso demais. Aquele clima ridículo de filme B estava me irritando. Só faltava a trilha de fundo.

— Por um milagre, conseguimos salvar a criança. Mesmo tendo hemorragia, por pouco não finalizamos com um triste resultado.

Ele falava com um sorriso cansado no rosto, mas não entendia mais nada. Aquilo ainda vivia?

Comecei a tremer, de raiva. Odiava que meus planos fossem contrariados. Tinha de pensar em algo. Já. Só havia uma chance.

— Onde posso achar um telefone, doutor?

— No fim do corredor, senhor.

Iria transferi-la daquele hospital antes que acordasse. Sabia de uma clínica que iria resolver isso rapidamente.

— Tem certeza que quer fazer isso?

A voz me interpelou do outro lado da linha.

— Sim. Por isso estou pagando pelo melhor.

— Certo. Daqui a pouco a ambulância estará aí.

Chamei o médico novamente e falei que iria transferi-la para um hospital particular. Ele nem se preocupou, afinal era mais um leito vago por lá.

Esperei a ambulância pegá-la e fui para casa. Quem iria imaginar que numa cidade daquelas, em um dos hospitais mais conceituados da região, teria um lugar especializado em abortos?

Afinal, o dinheiro compra tudo. Até o conforto das madames que possam descobrir um acaso “indesejável” com seus amantes.

Riqueza compra, conserta, corrompe. Cria e destrói tudo o que você deseja.

Hora de ir para casa. Ligariam para mim ~~me~~ quando tudo tivesse acabado.

CAPÍTULO 10

Eu queria gritar. Presa, não conseguia me mover. Meus olhos doíam e minha língua não parecia caber dentro da boca.

Imagens desfocadas voavam sobre a minha cabeça. Não conseguia segurar meus pensamentos, que eram como bolhas de ar explodindo ao meu redor.

O que era real? Presa em um pesadelo que parecia não ter fim. Alguém sorria para mim, no topo de uma escadaria longa... Faziam sexo. Quem eram aqueles dois? Por que eu achava aquilo errado?

Um corredor longo parecia me engolir, escuro e feio. Alguém queria me pegar! Mas quem era?

Estava em uma mesa? Meus pulsos amarrados e as pernas abertas. Por que alguém fazia isso comigo?

Vi que minhas mãos estavam enfaixadas. Doíam muito. Machuquei protegendo alguém. Lembrei: o meu filho! Na verdade, o nosso. Meu e de Ricardo.

Eu havia ido encontrá-lo. E depois? Imagens horríveis passam pela minha cabeça. Não! Sumam daí! Vão embora!

Minha cabeça doía. E a escuridão chegou para trazer o silêncio.

Mexiam no meu rosto, abriam meus olhos. “Meu bebê”, tentei murmurar, mas ninguém me escutava.

Uma sensação de urgência e medo tomou conta do meu peito. Não sabia como, mas tinha que sair dali.

Mãos me seguravam. Vozes dispersas sussurravam coisas sujas no meu ouvido. Tudo para por um instante, mas a dor volta com tudo.

Abriram minha roupa. Encostaram-me em uma superfície gelada.

“Deixem-me em paz.” Onde estará minha voz?

Dedos me abriram. Violada. Um frio me penetrou. Será que é assim que a morte vem?

Ela me rasgou, sem dó. “Meu Deus, por que não me livra disto? Proteja meu filho!”

O frio me penetrou mais fundo. Não sei quanto tempo iria aguentar.

Minha barriga se contraiu, sem dó. “Não faça isso comigo! Oh meu...”

No fundo da minha alma eu ouvia o grito angustiado de dor do meu filho. Ele queria ficar, eu também queria, tentamos lutar, mas não conseguimos.

“Estão matando o meu filho.”

A única vida que ansiava, o único pedaço de lucidez que carregava comigo, escorria de dentro de mim.

Queria gritar, rasgar o meu corpo cercado de dor, mas não conseguia tirar nem o mais leve suspiro. Estava sufocando.

Naquele momento, minha alma se despedaçou em mil pedaços. “Quero morrer!” Pedi que Deus fosse misericordioso e me levasse para o lado daquele que não tive tempo de amar.

A escuridão é bem-vinda.

Abri os olhos depois de muito tempo perdida entre a dor e o sofrimento. A luz me doía as vistas. Luz refletida no quarto todo branco.

Aspirei o ar. Enchi os meus pulmões. E gritei! Como eu gritei! Por tudo que senti e vivi naquele delírio horrível.

Chorei até os médicos entrarem no quarto. Eu já havia arrancado as sondas e estava de pé, andando em círculos pelo quarto. Em choque, eu batia as mãos espalmadas na barriga.

— Meu filho, cadê meu filho? Onde está meu filho? – meus murmúrios viravam gritos cada vez mais altos.

O médico se aproximou como um fantasma de branco. Anunciador da morte.

— A senhora sofreu um aborto devido a um acidente. Se lembra?

— Não! É mentira! Vocês estão querendo me enlouquecer!

— Calma, minha senhora. Tente se controlar.

Eu avancei no doutor, como uma fera acuada, ferida. Perdida.

Colocaram-me de volta na cama. Gritei, esperneeiei, queria saber o que não conseguia mais lembrar!

Eles não me respondiam. A agulha entrou no meu braço, trazendo o silêncio.

RICARDO

Após uma semana, eu poderia finalmente ver a Ana pela primeira vez. Ela ficou isolada de todo mundo. As coisas aconteceram melhor do que eu esperava. Saí do consultório do psicólogo do hospital com excelentes notícias.

— Algumas pessoas, quando passam por um trauma muito grande, tendem a suprimir essa lembrança do seu consciente. Isso é chamado de Amnésia Dissociativa.

— Mas ela esqueceu tudo?

— Só o referente ao incidente do aborto.

— Essas memórias podem voltar rápido?

— Cada pessoa leva o seu tempo. Eu aconselharia que ela continuasse o tratamento com um terapeuta, como estamos fazendo com ela no momento. Apesar dela não estar reagindo muito bem.

— Como assim?

— Ela está confusa e isso é normal agora. Ainda é tudo muito recente e as lembranças são extremamente dolorosas para ela. Sendo assim, ela involuntariamente jogou cada uma delas no seu inconsciente, para que fossem esquecidas. Estamos tentando tratá-la, mas ela frustra qualquer iniciativa nossa para que essas recordações voltem. Ela só afirma que não lembra nada desse “tempo perdido”, digamos assim.

— Suprimir essas lembranças pode causar algum mal a ela?

— O que ela pode achar ruim é como ela vai reviver essas lembranças. Mal, no sentido real, físico e psíquico, não irá fazer. Vamos dizer que ela tem uma bolha revestindo essas lembranças. Ela pode estourar ou não. Só um tratamento apropriado e o tempo poderiam determinar isso. Com um profissional da área, ela pode trazer à tona as circunstâncias e sensações do acontecimento, que podem causar as mais diversas reações, mas são positivas para a recuperação.

— Vou ver o que posso fazer para ajudá-la, doutor. Pode contar comigo.

Como tive vontade de beijar o médico! Que alegria! Nem precisava pensar em desculpa nenhuma. Ela estava de volta como se nada houvesse acontecido.

Desde pequeno, eu sempre quis ter o controle de tudo. Nunca pude fazer nada quanto às coisas erradas que via na minha casa. As surras que meu pai dava na minha mãe e em nós, os filhos.

Tinha de sair de casa para assumir o controle. Com os amigos na escola, com os bichinhos no parque. Mas via que não era o suficiente. Queria machucar as pessoas, ferir, como meu pai fazia. Ser adorado e temido da mesma forma.

Hoje consigo isso. Tudo acontece para a minha vitória. E minhas mulheres, belas e intocadas, como a minha mãe. Por mais que ela apanhasse, sofresse, bebesse e chorasse, quando saía de casa para algum evento, estava sempre linda. Intocada como uma boneca.

Será que a vida deles ainda é assim? Papai, se eu te contasse como você me inspirou, me admiraria? Se mostrasse como sou melhor que você, me temeria?

Minha família, queria sentir alguma coisa por vocês. Mas nem sei o que é isso.

Ricardo?

Onde ele estaria? Por que não podia ver ninguém?

Tinha de me acalmar. Não aguentava mais ser medicada. Tinha de ser forte e encarar a realidade, mesmo que o menor pensamento me doesse.

No começo, queria lembrar como ocorreu o aborto. Não conseguia por mais que tentasse. Sabia que havia perdido meu filho por informação dos médicos, mas tudo o que aconteceu depois que Ricardo me disse que tinha uma reunião e que me encontraria mais tarde era um grande vazio. Sempre que pensava no que havia acontecido, um branco aparecia na minha mente. Tentar pensar nisso me dava dor de cabeça. Precisava tanto do Ricardo me amparando ali, só ele sabia de verdade o que havia acontecido.

O quarto estava coberto pela penumbra e escutei alguém suspirar. Tinha alguém me vigiando. Um calafrio subiu pela minha espinha. Quem seria?

— Ana, você acordou.

Aos poucos o rosto dele entrou em foco. Estaria sonhando? Era ele!

— Ricardo!

Ele veio ao meu encontro. Como era bom o seu abraço! Nossas bocas se encontraram e sabia que não estava mais sozinha. Peguei o rosto dele entre minhas mãos e vi suas lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Eu não deveria ter deixado você colocar o lixo na área de serviço. Se não tivesse chegado perto da escada não teria escorregado e...

Então foi isso. Um pequeno acidente que destruiu um momento mágico das nossas vidas. Eu havia perdido nosso filho e nada o traria de volta. Essa certeza caiu no meu coração como uma bomba. Abracei-o e choramos juntos aquela perda. Na verdade, se havia algum culpado nessa história, seria eu. Por que eu tinha de ir perto da escada? Por que trazer essa dor para as nossas vidas?

— A culpa foi minha, Ricardo. Como puder ser inconsequente?

— Não fale essa besteira! Vamos dar uma nova chance das coisas acontecerem. Sem culpados!

Mas eu não acreditava naquilo.

Uma enfermeira passou no corredor. Ela carregava uma criança, que chorava inconsolavelmente. Aquele choro me deixou tonta.

Alguma coisa naquela cena não estava certa. E tinha a ver comigo e com o Ricardo. O que era?

Instintivamente, me afastei dele.

— Amor, me deixe sozinha, por favor. Preciso pensar nisso tudo.

Ele beijou a minha testa e se encaminhou para a porta.

— Tudo bem. Amanhã venho te ver.

— O pessoal não vem também? A Paula e o Tiago?

Ricardo pareceu empalidecer por um instante.

— Sim, sim. Estão ansiosos para te ver. Tchau.

Fechou a porta silenciosamente.

Sozinha, pensaria na minha vida. Tinha que ter forças para recomeçar. Reconstruir novamente os meus castelos de sonhos que o destino levou. Adormeci naquele travesseiro de hospital, cheia de decisões tomadas e lágrimas.

Hoje, relembro tudo com tristeza. De como era ingênua, aguentando em silêncio uma vida de ilusões. Tudo que sonhei. E perdi. E para minha infelicidade, só voltei a me lembrar quando era tarde demais! Tanta coisa poderia ter sido evitada, mas agora não posso mais voltar atrás.

RICARDO

O melhor de tudo era que, além de não ficar mais sem mim, a bobinha ainda achava que era a culpada de tudo.

Eu criei uma teia bem elaborada de mentiras e ela não sabia como escapar. Daria uma excelente refeição.

CAPÍTULO 11

Passei aquela noite muito mal. Revirei-me na cama refletindo sobre a minha conversa com Ricardo e como havia me sentido estranha com a aproximação dele. Ele era a única coisa boa que me restava. Esperava ser capaz de recomeçar a vida sem me culpar. Apesar de ter esquecido tudo o que aconteceu, tenho certeza que ninguém teve culpa.

O dia amanheceu e o sol iluminou o quarto, mas eu não percebi. Estava concentrada em minhas lembranças e pensamentos, à procura de respostas.

Só saí dessa letargia quando Ricardo chegou, se sentando ao meu lado.

— Oi, amor.

— Oi.

Seus olhos estavam fundos. O coitado deve ter passado a noite toda em claro.

— Você está bem? – perguntei a ele.

— Passei a noite me revirando. É difícil pensar em você aqui, no escuro, sozinha.

— Já estou melhor – eu o abracei. — Obrigada, meu amor.

Ele me aconchegou em seus braços e eu não queria mais nada. Sei que passamos por momentos terríveis naquela noite, mas iríamos vencer.

— Ana, agora que você está melhor, preciso te dizer uma coisa.

Senti muita tristeza na voz dele. Será que a vida tinha colocado mais desgostos em meu caminho? Afastei-me e olhei-o nos olhos.

— O que foi, Ricardo?

— É que o Tiago...

Naquele instante veio na minha cabeça a imagem do meu amigo. Conosco na videolocadora sempre rindo. Ele e Paula refletindo amor um nos olhos do outro.

Havia estranhado que eles não vieram com Ricardo naquele dia. Será que eles já tinham vindo e eu não me recordava? Maldita cabeça.

— O que aconteceu, Ricardo?

— Ele foi assaltado. Mataram ele, Ana.

Que brincadeira mais macabra o destino me reservava. Por que Ricardo fazia aquele tipo de piada? Não via como eu ainda estava fraca? Mas por mais que eu tentasse não acreditar, via nos seus olhos que era verdade.

— Não pode ser. Tenho certeza de que daqui a pouco ele irá entrar por aquela porta...

— Ele deve ter tentado resistir ao assalto e foi brutalmente espancado. Seu rosto ficou irreconhecível. Paula teve de ir confirmar se era ele no necrotério...

Estava apagando de novo. A voz de Ricardo aumentava e diminuía de volume, como se eu estivesse, por fim, me desligando da vida. Meu irmãozinho também me abandonou.

— Onde eles o encontraram? – consegui perguntar.

— Jogado em uma vala. Parece que ninguém viu nada.

Não queria mais saber das coisas. Poderiam me esconder as verdades da vida que não me importaria.

Deixem-me esquecer.

Não aguentei. Desmaiei.

Voltei ao colo de Ricardo tão repentinamente quanto havia caído. Um nome gritou na minha cabeça.

— Paula – eu o repeti.

— Ela está aflita. Completamente desamparada. Eu passo lá sempre que dá, mas ela não reage.

Queria muito vir te ver, mas agora está sem estrutura para isso. Dá para perceber por quê.

Minha determinação voltou. Tinha alguém por quem lutar. Estar ao seu lado, ampará-la e lhe dar forças, como ela fez comigo tantas vezes. Depois choraríamos juntas pelo que perdemos.

— Ricardo, por favor, me tira daqui agora. Preciso me despedir de Tiago, ver a Paula.

— Tiago já foi enterrado, Ana.

— O quê?

— Ele foi morto no dia do seu aborto. Horas antes.

Enquanto eu sorria, cheia de esperanças em uma nova vida, Tiago morria esquecido. Enxuguei discretamente as lágrimas. Não podia dar vazão à toda aquela dor naquele instante.

Algumas horas depois, Ricardo conseguiu atender o meu pedido. Recebi alta após duas semanas naquele hospital.

Ao me olhar no espelho, já não me reconhecia. Tornei-me uma sombra. Onde estava aquela menina que todos os dias mandava beijos para o reflexo antes de ir trabalhar?

“Onde estou eu, espelho?” Tentei passar lápis nos olhos, mas o choro impedia de secar. As lágrimas criavam marcas negras escorridas pelo rosto.

Tinha de ver a Paula. Os passos mais difíceis da minha vida. Haviam tirado de nós duas aquele querido ser humano, amado e irmão. Prometi a mim mesma que não deixaria que a chama alegre de Paula se acabasse.

CAPÍTULO 12

Tiago. Morto.

Na minha cabeça até hoje não consigo acreditar que meu amigo não vá entrar pela porta, sorrindo, contando que tudo fazia parte de uma brincadeira.

Tinha esperanças que não fosse verdade, até meus olhos encontrarem os de Paula e ver a dor estampada neles. Ficamos abraçadas, apoiadas uma na outra, restando apenas o nosso choro sentido.

— Mataram um pedaço de mim, Ana – ela desabafou entre lágrimas. — Nunca imaginei que tudo ia terminar assim.

— Eu sei, minha amiga.

— Parece que Deus me odeia! Quando encontrei alguém que me fazia feliz, o tiraram de mim! Por que ele me deixou sozinha?!

Eu estava vazia por dentro. Meu coração estava tão destruído que não sabia como consolá-la, mas precisava tomar conta dela.

— Eu vou estar sempre do seu lado, amiga. Pode ficar tranquila.

Ela tentou sorrir para mim, mas saiu algo mecânico, um arremedo fraco e falso da alegria que ela tanto tinha.

— Queria ele de volta para mim, Ana. Revê-lo pela última vez, por pelo menos cinco minutos...

— Eu também, amiga, eu também.

Ficamos em um silêncio carregado de emoções.

E a roda do tempo voltou a se mover. Machucada, cheia de lembranças, mas girando em seu eixo inexorável. Voltei aos poucos a me dedicar à fotografia. Além de trabalhar no estúdio, onde passei a ser cada vez mais requisitada, comecei a fazer fotos pela cidade, das mais inusitadas situações.

Queria transformar toda aquela minha dor em arte. E estava conseguindo.

Ricardo e eu estávamos cada vez mais juntos. Levávamos uma vida quase de casados. Ele insistiu que eu levasse minhas coisas para o apartamento dele para poder cuidar de mim. Não sei se conseguiria mesmo ficar sozinha em casa, por isso aceitei. E ele organizava tudo para mim, desde mandar uma faxineira para a minha ex-casa até ir pessoalmente pegar correspondência e alguma coisa que eu precisasse.

Faltavam apenas seis meses para vencer o contrato de aluguel de lá e preferi não ficar brigando para rescindir o contrato antes do prazo. Por isso, ficaria nesse período com duas casas mesmo.

Já começávamos a ver datas e preparativos para o casamento, nos poucos momentos que tínhamos de calma. Meus horários eram loucos com as fotografias, e os dele com os negócios da família. Mas de uma coisa não podia reclamar, ele estava se mostrando um marido perfeito! Ajudava com carinho e atenção às minhas feridas.

Além disso, me encarreguei de cuidar da minha própria recuperação e da de Paula. Tentava

diariamente enfrentar os meus medos indo até a área de serviço no apartamento de Ricardo. Sentia pavor ao fitar aquela escada, meu coração disparava e minha cabeça doía demais. De vez em quando, tinha pequenos *flashes* de dor e temor, e não sabia por que um dia vi a figura do Ricardo aliada a uma dor insuportável. Corri para dentro novamente e nunca mais voltei.

Paula acabou se mudando de onde morava e achou uma nova casa, em um bairro mais tranquilo da cidade. Sugeri que ela morasse em um apartamento, mas recusou com veemência.

— Sou do tipo pés no chão – ela brincou.

A mulher que eu conhecia começava a voltar. Mágica.

Um dia tive uma ideia: e se captasse nas minhas fotos aquela beleza que via nela? Insisti para ela pousar de modelo para mim. Após muito persistir, tirei várias fotos dela pela cidade. Gostei tanto delas que mostrei para o Lázaro, para ver o que ele achava.

Dias depois, consegui arrumar o primeiro trabalho fotográfico dela. Começava uma nova carreira para a minha amiga e tinha certeza que seria sucesso.

Ela estava nervosa, tremia de ansiedade, mas eu tentava acalmá-la sempre. Não a abandonei em nenhum momento e foi uma alegria ver como ela se dava bem com a máquina fotográfica. Conseguia trazer para as lentes do fotógrafo uma beleza arrebatadora. Toda aquela explosão de sentimentos que ela tinha transbordava pelas imagens.

Logo muitos trabalhos começaram a surgir. O contrato certo com uma agência séria foi só uma questão de tempo. Quando isso aconteceu, todos comemoraram com um jantar delicioso, preparado pelo próprio Ricardo.

Foi um período muito enriquecedor para mim. Diante da tragédia pessoal que me tomou, consegui me centrar e amadurecer com isso.

Só uma coisa ainda me pegava: assim que me sentisse pronta, falaria com Ricardo para em um final de semana irmos à casa de minha mãe. Precisava resolver essa parte da minha vida. Enfrentar a austera dona Eli e mostrar que cresci, mesmo sem a ajuda dela. E deixar o passado de mágoas em seu devido lugar.

RICARDO

Aquele estava sendo o melhor período da minha vida. Tinha liberdade para fazer o que queria e encontrar todas as noites a minha boneca, sempre linda e pronta para mim, sem cobranças e exigências. Como via a gratidão em seus olhos. E como confiava em mim.

A única chave da sua casa ficava comigo porque ia lá de vez em quando pegar a correspondência e suas contas. Tomava conta de cada detalhe da sua vida pessoal, como sempre falei que seria.

Ela estava completamente em minhas mãos! Não a via fazer nada sem consultar-me. Que ela ficasse com suas fotinhas e a missão pessoal de salvar a ridícula da Paula. Cada vez mais acho que deveria ter matado ela ao invés de Tiago. Ou os dois! Seria bem melhor!

A Adriana ligava para o apartamento de vez em quando, mas não voltou mais. Esteve com seu marido, o tal do Willian, na época do enterro do Tiago; passou pelo hospital, viu a Ana e sumiu. Deve estar tirando leite de vacas e me deu sossego. Dois a menos para me encher.

É tão bom como a fragilidade dela aumentou. Mesmo tentando ser forte, uma boneca sempre será fácil de ser manipulada.

Naquele dia, fui até a casa dela pegar umas correspondências. E também brincar um pouco. Afinal, onde você acha que eu faria as minhas brincadeiras sexuais? Isso aí, na casinha abandonada pela inocente Ana.

Estava ou não tudo perfeito?!

Quando Daniela foi embora, tomei um banho e me arrumei para acertar umas coisas no escritório, quando o carteiro passou para entregar as correspondências daquele dia.

Além das contas habituais, um grande pacote, de papel pardo, me chamou a atenção. Vinha de Minas Gerais, da cidade natal de Ana. Assinei o recebimento do pacote e o levei para dentro.

Será que a velha fazendeira tinha batido as botas, finalmente? Mais uma dor para a minha menina: não conseguir se acertar com a coroa antes dela bater as botas! Quase comecei a rir diante da tragédia que assolava a vida dela.

Abri o envelope com rapidez. E ao ler o começo da página, a minha sensação de vitória começou a sumir. Que porra era aquilo?

Ana, minha filha,

Estou com muita saudade suas. Sei que nunca fui muito de demonstrar minhas emoções, mas o tempo me ensinou a aceitar as mudanças como dádivas.

Erramos muito no correr desses anos, mas você precisa saber a verdade de cada coisa que aconteceu.

No dia da morte do seu pai, você nos viu discutindo. Ele chegou aquele dia disposto a pedir o divórcio. Fiquei sabendo da pior forma que ele estava de caso com outra mulher e iria largar tudo para ir atrás dela. Queria dividir as terras e cada coisa que havia acima delas. Imagina tudo que construímos juntos dividido por causa de outra mulher? Eu o ofendi, falei mal, lancei toda a mágoa que aquela traição me trazia. Afinal, eu não regia aquele negócio com pulso firme para ele destruir tudo.

Por isso você viu as ofensas e gritos com um homem que se manteve impassível, mas não por mágoa, e sim porque não tinha argumentos para retrucar. “Eu vou te destruir” foram as últimas palavras que seu pai ouviu de mim antes de morrer, e me arrependo amargamente por isso. Imagino como deve ter sido difícil para você. Me fechei em raiva e dor e deixei as emoções de lado. Você não sabe como era difícil para mim olhar o seu rosto e ver nele a filha mais adorada de seu pai.

Quando, afinal, saí da insanidade que me corroía, você já tinha fugido. Assim como todos que eu achei que me amavam, você também me abandonou. Fiquei só, cada vez mais longe do mundo.

Estou com problemas sérios e queria muito te ver antes que fosse tarde.

Vamos nos perdoar. Venha ver a sua mãe!

Pessoalmente te explico.

Beijos de quem vai te amar sempre,

Eli Costa Sampaio

Que coisa mais melodramática! Só faltava agora essa! Uma mãe pedindo perdão diante de uma filha fugida!

Não ia querer naquela altura do campeonato aquela velha me enchendo o saco.

Quer saber a verdade? Vou deixar tudo do jeito que está mesmo! Vai que a velha tá quebrada e agora quer grana?!

Piquei a carta e joguei tudo no lixo. Afinal, agora tudo que dizia respeito a Ana era meu!

CAPÍTULO 13

Tudo se encaminhava de maneira tranquila. Paula já estava quase recuperada e eu me dediquei cada vez mais à fotografia. Saía às ruas captando os mais diversos sentimentos, e nas atitudes fotografadas deixava transparecer as imagens dos meus próprios desejos e anseios. Esse era o meu modo de reagir diante da vida. Sabia que tinha encontrado o meu caminho e estava disposta a alcançar o sucesso. Ficava cada vez mais atenta às explicações de Lázaro e trazia tudo para o meu dia a dia. Comecei a fazer cursos e batalhar para alcançar os meus objetivos.

Esperei juntar umas fotos bem legais para mostrar para Lázaro. Aconteceu em uma tarde que Paula passou pelo estúdio e ficamos os três trocando opiniões.

— Ana, as fotos são incríveis – a que ele segurava era a de uma garota de programa, sentada na praça, com o sol do amanhecer. Seus pés quase saíam dos sapatos e a blusa entreaberta revelava a suave curva dos seios. Sua cara mostrava um misto de satisfação e decepção. – Você captou em cada retrato os sentimentos mais profundos de cada pessoa. E percebemos que as fotos não são posadas.

— Amiga, por que você não monta uma exposição? – Paula me perguntou, sempre direta.

— Se quiser posso te ajudar a organizar isso – Lázaro se prontificou.

— Vou pensar, prometo.

— Posso ficar com estas fotos emprestadas?

— Olha lá o que vai fazer, hein, Lázaro.

— Pode confiar.

E a resposta veio dias depois, com uma proposta de um amigo de Lázaro para uma exposição com aquelas fotos. Era o primeiro passo da aventura rumo à vitória profissional.

Minha vida pessoal, em compensação, estava ficando cada vez mais estranha. A rotina da vida a dois, como se fosse um casamento, estava nos afastando. Ricardo viajava cada vez mais, estava distante e arredio e se mostrava irritado quando eu não estava em casa o esperando chegar do trabalho. Tinha vezes que eu me sentia encurralada, como se ele esperasse uma excelente dona de casa daqueles filmes antigos, em que o marido chega e a encontra limpa, engomada e com a janta feita. Isso sem esquecer o sorriso no rosto.

Eu estava mudando, mas ele não havia percebido isso.

Minha exposição foi um sucesso. Numa noite calorosa, todos estiveram presentes na abertura da minha mostra de fotografia. Escolhemos colocar o nome de “Reais”, pois cada foto era uma imagem daquele lado negro da vida real que muitas vezes nos recusamos a ver, mesmo que estejam ao nosso lado. Prostitutas, mendigos, crianças vendendo balas e homens mal-encarados preenchiam os painéis, trazendo as mais diversas sensações.

Adriana e Willian não puderam comparecer. Meses antes, Adriana me ligara com a notícia da sua gravidez. Senti-me feliz por ela, apesar da tristeza ter batido em meu peito por um instante. Fazia um

ano que eu havia abortado e minha situação estava a mesma. Não sabia se um dia voltaria a lembrar de tudo novamente. Tinha ansiedade para descobrir o que acontecera, mas tinha medo do que me lembraria. Ver uma criança de perto e ouvir o seu choro me transtornava e me dava uma horrível dor de cabeça. Subir escadas ou descê-las estava fora de cogitação também. Com o tempo iria enfrentar esses meus medos. Mas ainda não era hora.

Mas Paula, Lázaro e tantas outras pessoas queridas estavam lá, acompanhando o meu sucesso. Foi impossível não me emocionar.

Terminamos tarde da noite e entrei no carro com Ricardo para irmos embora. Vi que ele estava calado e taciturno, mas resolvi não perguntar. Essas reações dele estavam cada vez mais frequentes. Onde estava o Ricardo que conhecia? Que chorou comigo ao perder o nosso filho? Que cuidou de mim?

Cada vez que me via conversando com alguém, ficava bravo. Quando eu conquistava uma coisa e corria para contar, ele se fechava. Eu teria que resolver isso com ele, mas não naquela noite.

No dia seguinte, Adriana me ligou. Estava quase para dar à luz e queria que Paula e eu fôssemos para sua fazenda.

— Já falei com a Paula e ela topou na hora! Pediu somente uns dois dias para ajustar a agenda dela. E você?

— Não sei, Dri – a ideia de ficar com ela durante esse período me apavorava.

— Ana, só tenho vocês duas. Sei que é difícil, mas você enfrentou tanta coisa já. Vai deixar os seus medos te vencerem agora?

Ela era assim, adorava me confrontar com os meus problemas. Por mais que as pessoas tentassem colocar panos quentes, ela me jogava na parede. O que nem sempre funcionava. Mas dessa vez eu estava disposta a escutá-la.

— *Ok*, eu vou! Vou ver se o Lázaro pode ficar responsável pela exposição, para poder ir tranquila. Mas fique sabendo que se acontecer qualquer problema terei que voltar correndo. Você sabe disso.

— Obrigada, garota!

Acabamos rindo. Resolvi tudo com Lázaro e sabia que se precisasse ele me ligaria. Mas antes de me despedir, ele me chamou no escritório dele para uma conversa.

— Ana, eu te ensinei tudo o que podia. Com o dinheiro desta exposição, acho que você pode começar a pensar na sua carreira solo. Alçar os seus próprios voos.

— Como assim?

— Eu vou te dar todo o apoio que você precisa, como amigo. Mas seu talento é maior que o meu. Você logo vai embora desta cidade em busca de grandes projetos. Ouça o que estou te falando.

— Larga de ser bobo, Lázaro.

— Bem, nestes dias pense nisso. Mas não se esqueça de levar a máquina!

— Nunca.

Só esperava que Ricardo fosse comigo.

RICARDO

Já estava cansado! A boneca estava se afastando de mim. Não era mais dependente, bonita e carinhosa. Às vezes chegava e ela não estava. Via-a sorrindo para outras pessoas, trocando olhares. Quem eram as pessoas com quem conversava? O que ela fazia quando eu não estava por perto?

Eu podia fazer o que quisesse! Ela não! Minhas tardes com Daniela e outras tantas garotas perdiam a graça, por que eu não sabia o que ela estava fazendo. Com quem será que estava dividindo seus segredinhos sujos? Será que tinha uma mente pervertida? Gostava da dor como eu gostava?

Observava cada dia dela, sem ela perceber que era seguida. Via as pessoas que ela conhecia, as fotos que tirava e como ela estava crescendo.

Não queria uma mulher que pudesse tentar me dominar. Onde estava a bonequinha serena e cordata que esperava ansiosa pelos meus beijos e braços em volta dela? Se continuasse assim, teria de puni-la.

Uns dias após aquela ridícula exposição de fotos, cheguei em casa cansado. Não estava nem um pouco disposto a conversar. Estava com tesão e queria ela quieta e de preferência sem roupa; obedecendo-me, gemendo, atendendo aos meus mais quentes caprichos. Quem sabe aquilo não poderia acontecer?

Ilusão minha! Ela estava querendo conversar comigo.

“—Amor, como você sabe, a Adriana está quase ganhando nenê e pediu para Paula e eu irmos lá, ficar com ela. Vamos comigo? —”

Já vi que aquele papo ia me cansar.

“—Você acha que nesta altura das coisas eu vou para uma fazenda no meio do nada, Ana? Tenha dó! —”

“—Só pensei que... —”

“—Pensou errado! —”

“—Nossa, Ricardo! Você não era assim! O que está acontecendo com a gente? Você nunca me tratou com tanta grosseria! —”

Estava ficando cada vez mais irritado. Não sei se conseguiria me controlar por muito tempo.

“—Eu? E o que você está fazendo pela gente?! Não para em casa, nem dá atenção. Chega depois de mim correndo atrás dessas porcarias de fotos e me faz ficar te esperando. Cadê a boneca que você era? —”

“—Boneca? —”

“—Linda, bonita, arrumada. Sempre sorridente e disposta a ir para a cama comigo. Acha que eu não vejo os seus olhares para os outros? Pensa que eu sou trouxa? Fica mesmo tirando suas fotos ou está se esfregando pelos cantos da rua? —”

Pela primeira vez eu a vi indignada. Ela ia colocar as garrinhas de fora e eu iria cortá-las rapidinho.

Eu não acreditava nas coisas que ele estava me dizendo. Fiquei magoada com aquelas acusações sem sentido. O que estaria passando pela cabeça dele?

— Que besteiras você está falando, Ricardo? Onde está com a cabeça?

— Não são besteiras, Ana. Eu estou vendo. Sigo você pelas ruas e vejo seus olhares para os outros. Quero que você pare com isso!

— Isso o quê, meu Deus?!

Ele estava transtornado. Olhou nos meus olhos e eu tinha certeza que observava um homem completamente estranho para mim.

— Pare com tudo, Ana! Com essa besteira de fotografia, para começar. Fique aqui, não vá não. Quero você, todo dia aqui comigo! Vou tirar umas férias. Vamos ficar juntos, trancados neste apartamento. Seja minha agora, Ana!

Ele me agarrou e tentou me beijar, mas eu desviei dos lábios dele e dos seus braços. Estava triste com o que estava vendo, mas acima de tudo estava muito assustada. Ainda bem que minha mala já estava arrumada. Iria para Adriana naquele mesmo dia. Precisava de um tempo para entender o que estava acontecendo.

— Ricardo, você não está bem. Eu vou sozinha. Se quiser ir para lá, depois a gente se encontra, *ok*? Eu queria entender o que está acontecendo, mas estamos ambos nervosos e não vamos resolver nada. Tentei beijá-lo calmamente, mas ele desviou. Meus lábios roçaram de leve sua face suada.

— Você vai me deixar?

— Não, Ricardo. Vou para a Adriana. Qualquer coisa você me liga.

Fui com a mala em direção à porta. Sem que eu percebesse, ele se aproximou. Pegou meu braço e o torceu. Um choque de dor chegou até os meus ombros.

— Você não vai embora. Se tentar, eu irei punir você. Como o papai fazia com a mamãe. E comigo se não me comportasse.

O medo suplantou a dor no meu braço. Ricardo só poderia estar bêbado! Ele o torcia e sussurrava aquela frase sem emoção nenhuma. No seu rosto eu via uma frieza implacável. Eu tinha de trazê-lo de volta a realidade.

— Ricardo, se você não me largar agora, eu nunca mais volto, me entendeu? E se eu me atrasar, sabe o que vai acontecer? A Paula está me esperando lá na portaria e tenho certeza que adorará fazer um escândalo se vir alguma coisa errada!

Eu menti descaradamente, mas ele não sabia. Mantive-me firme, olhando nos olhos dele. E isso pareceu por fim surtir efeito.

Ele aliviou o peso da sua mão no meu braço. Ergui a manga e vi as marcas roxas dos seus dedos na minha pele. Ele se encolheu, derrotado.

— Vá embora, agora!

Eu saí rapidamente do apartamento, descii o elevador sem pensar em nada. Estava magoada, dolorida. Precisava de um tempo para analisar a situação.

E, com certeza, estar perto das pessoas que me amavam era o melhor. Afinal, não sabia como a minha situação com Ricardo ficaria.

Na verdade, as máscaras começavam a cair. Mas, antes de alcançar a vitória, minha queda seria

vertiginosa.

CAPÍTULO 14

Nem me lembro direito como cheguei à fazenda de Adriana. Estava analisando friamente minha situação com Ricardo. De quem eram aqueles olhos que não conhecia mais?

Fiquei irritada com aquela atitude grosseira dele, mas, acima de tudo, magoada. Não sei de onde tirei força para enfrentá-lo. Será que havia mais coisas em mim escondidas que não percebia? Aquele amor que pensei que fosse eterno começava a ruir à minha volta. Mas não iria me desesperar, teria calma e depois nos resolveríamos.

Quando os carros pararam em frente à sede da fazenda, Adriana veio nos receber. Sua barriga, imensa, parecia carregar o mundo!

Apesar de minha vida sentimental estar um desastre, aqueles dias foram feitos de pura felicidade. As horas demoravam a acabar no correr do dia e aproveitávamos bastante. Colocamos toda a conversa em dia, nadávamos na piscina e passeávamos a cavalo. Aos poucos, íamos matando a saudade que ficou conosco durante um bom tempo.

Naqueles dias, Adriana foi tratada como uma rainha. Cercamo-la o tempo todo de cuidados. Ela simplesmente foi impedida de fazer qualquer coisa. Estava me sentindo em casa ali, naquela fazenda enorme. Alqueires de plantas frutíferas cultivadas para exportação, gado e outros negócios. As noites na sede eram tranquilas e serenas, ficávamos largadas na rede, sem ver a hora passar. A crise que me esperava ficou em segundo lugar nos meus pensamentos. Ricardo me ligou um dia e falou pouco.

— Desculpa, amor – ele me pediu, gentilmente.

— Esqueça, Ricardo. Quando eu chegar, conversamos, *ok*?

— Te amo.

— Eu também.

Meu coração doía, mas sentia falta dele. Como dizia a famosa heroína dos filmes: “Amanhã eu penso nisso, porque amanhã é outro dia.”

Willian precisava viajar para acertar uns negócios na cidade mais próxima e perguntou se poderíamos ficar sozinhas. Era lógico que podíamos! O que poderia dar errado? Ele saiu logo cedo e nos deixou o telefone do médico, caso algo acontecesse.

Mas naquele dia eu descobri que por mais que planejássemos, a vida nunca segue um roteiro pré-elaborado. Primeiro, enquanto fazíamos almoço, começou a cair um temporal na área. As portas batiam e o vento uivava, como se algo realmente maligno nos espreitasse.

Willian ligou para falar que não tinha hora para chegar por causa das chuvas e logo a ligação caiu, junto com a energia. Esperava que voltasse logo, já que para qualquer aparelho dar sinal ali, somente

um milagre.

Enquanto Paula ia encontrar velas, eu fui ver Adriana que estava no quarto. Pensei que ela estava dormindo, mas eu ouvi seus gemidos baixos na cama.

Aproximei-me dela e vi que seu rosto estava marcado pela dor. Algo não estava certo. Eu a segurei nos braços.

— O que foi, Dri?

— A bolsa estourou. Vai nascer, Ana.

— O quê?

Meu Deus, não agora! A chuva caía impiedosa e estávamos incomunicáveis. Que droga!

— Calma, amiga. Vai dar tudo certo.

— Não me deixe sozinha, Ana.

— Nunca, Dri. Respire calmamente.

Gritei pela Paula. Quando ela chegou, ficou pálida ao constatar o que estava acontecendo.

Eu não podia estar ali. Não queria ver aquilo: uma criança vindo ao mundo quando havia acabado de perder a minha.

Paula desligou as painéis e ficamos esperando o telefone voltar. Eu acalentava Adriana, chorando, acompanhando cada grito de dor que ela não conseguia mais segurar. Sua barriga endurecia com as contrações e eu tremia.

— Deu linha – gritou uma Paula vitoriosa. Nem sei quanto tempo já havia passado.

— Ligue para o médico, rápido. Precisamos levá-la para o hospital.

Cinco minutos depois, ela foi para o quarto avisar que o médico estava enviando uma ambulância e a esperava no hospital. Seria muito perigoso nós a levarmos no carro debaixo daquela tempestade inclemente. Acalentar minha amiga no colo, enquanto ela sofria com as contrações, criou um coro de vozes em minha cabeça. Pequenos *flashes* pareciam brotar nos meus olhos, como pensamentos e lembranças de outras pessoas invadindo a minha cabeça.

A ajuda estava a caminho. Assim eu achava. Só fomos saber horas depois que o enfermeiro havia se acidentado com a ambulância, devido ao mau tempo.

Mas aí tudo já havia terminado.

— Eu não aguento mais!

— Calma, vai dar tempo.

— Não vai! – o grito dela ecoou pela casa toda, abafado pelo ruído da chuva que não cedia.

— Ana, tenho medo de que ela não consiga chegar a tempo no hospital. Temos de pensar nessa hipótese.

— Imagina, Paula. É loucura!

— Não é! Vamos tirar aquele *short* dela.

Quando a despimos, dei um passo para trás. O bebê já estava apontando. Adriana se segurou na cabeceira da cama, gemendo e chorando.

— Vamos ter de fazer, Ana.

— Não! Eu não posso. Por favor, eu não posso!

A ideia me enchia de pânico. Meus pensamentos embaralhavam e eu começava a ver o meu rosto naquela cama, prostrado de dor. Comecei a deslizar para a parede, mas Paula me suspendeu.

— Chega de falar de você agora, Ana. Ela precisa da gente!

Respirei fundo, engoli o choro e comecei a respirar pausadamente. Pegamos toalhas limpas,

colocamos água para ferver e ajeitamos melhor a nossa amiga na cama. Abrimos as pernas dela.

— Agora é com você, Dri. Força!

— Vai.

— Não vou dar conta!

— Você consegue!

— Dói demais!

— Dri, pensa que tem alguém vindo ao mundo que precisa da sua ajuda. Agora!

Isso pareceu animá-la e redobrar as suas forças. A cabeça começou a sair vagarosamente, seguida dos ombros. Só quem já tocou em um pequeno ser como aquele que chegava, quente e úmido, sabe como somos minúsculos diante do significado da vida.

— É uma menina, Dri!

Ela começou a sorrir, em meio ao cansaço.

Enquanto isso, a água ferveu. Paula pegou as facas que tinha na cozinha e jogou em um pote de água fervente à parte. Ao mesmo tempo, enfiei os dedos pela boca da pequena e fiz o máximo para ela poder respirar, depois eu a coloquei de ponta cabeça.

Seu choro sentido ecoou pela casa toda. Eu me sentia como se não estivesse ali. A minha dor de cabeça disparava, mas lutei contra ela durante todo o parto para preservar o bem-estar de minha amiga e sua filha.

Ouvi risos. Paula pegou um pedaço de fralda, rasgou e amarrou o cordão umbilical para poder cortá-lo. Adriana ainda estava pálida, mas estava mais serena.

De frente para a minha amiga em seu lençol coberto de sujeira e sangue, pude enfim pegar aquele pequeno milagre nos braços. Comecei a limpá-la com uma toalha e água morna. Foi então que veio a minha cabeça que eu poderia ter passado pelo mesmo momento.

— Mas você passou por essa dor – uma voz ressoou na minha mente.

Por um momento fiquei cega. Tudo havia sumido. Restava apenas eu na escuridão, diante de uma longa escadaria.

— Fala tchau para o papai. – uma voz masculina ressoou pelos meus ouvidos.

Virei os olhos, procurando de onde vinha. Meu Deus, minha sanidade estava indo embora?

Quando dei por mim, vi que nada tinha mudado. Estava no mesmo quarto, com Paula e Adriana.

Minha cabeça latejava. Coloquei a criança nos braços de Adriana e saí um pouco para a varanda, à procura de ar.

O que estava acontecendo comigo? Sentia que não estava sozinha.

Vozes retumbavam dentro da minha cabeça. Pequenos relances de lembranças adormecidas. A imagem de Adriana gritando na cama ecoava como um coro insano.

— Tchau para o papai.

Ricardo me acenava na chuva. Como ele havia chegado ali. O que ele estava dizendo?

Corri em sua direção, sem sentir a chuva fria que caía sobre mim. O vento cantava em meus ouvidos, traindo a minha razão. Assustada, comecei a correr sem rumo. Por mais que tentasse entender, não sabia por que estava chorando.

— Meu filho não! Pelo Amor de Deus!

O grito de dor foi tão assustador que tropecei e caí na grama. Só então percebi que era eu que gritava. Coloquei instintivamente a mão na barriga e gritei. E todas as lembranças voltaram de uma só vez. Ricardo me empurrando pela escada, o seu comentário maldoso enquanto eu estendia a mão

machucada em busca de ajuda. O aborto a que fui submetida.

Vendo aquela criança nascer de uma maneira tão repentina, meu cérebro desbloqueou as lembranças mais vívidas que eu tinha sobre aquele episódio. E como eu queria que a minha memória nunca tivesse voltado!

Gritei, liberando toda a dor e angústia que sentia. Havia sido traída, enganada e humilhada pelos simples caprichos de um homem que achei que me amava. Meu coração estava se rasgando em meu peito, até que não restasse nada.

Minha última lembrança foi ouvir o som da minha voz em meio à chuva. Como um lobo preso em uma armadilha final, eu uivava pedindo uma misericórdia que sabia que não teria.

Ouvi Paula me chamando ao longe. Como desejava que ela nunca mais me encontrasse. Queria morrer naquele chão e que cada pedaço meu se misturasse com a terra em busca de um pouco de paz. Deixei que a escuridão me levasse, com o eco da minha dor ainda ressoando em minha alma.

CAPÍTULO 15

Acordei com Paula batendo no meu rosto, debaixo daquela chuva impiedosa. Queria que cada pedaço daquelas lembranças fosse um pesadelo, uma mentira insensível da minha mente – mas sabia que era real.

Por isso eu havia bloqueado tudo na minha mente: Ricardo havia causado o meu aborto. Ele me jogou da escada depois de tê-lo encontrado na cama com outra mulher.

Não sabia definir com certeza como eu me sentia. Raiva, mágoa e revolta se misturavam dentro de mim. Nunca pensei que relembranças pudessem me ferir tanto.

Paula tentou me levantar, mas eu rejeitei seus braços. Afinal, ninguém tinha de compartilhar esse fardo comigo. Não sabia mais em quem podia confiar. Isso acontece quando tudo que você acredita é uma grande mentira.

— Está tudo bem, Ana? – ela estava assustada.

Tentei dissimular um sorriso.

— Está sim. Apenas escorreguei e fiquei meio tonta. Também, quem me mandou querer andar na chuva...

Não queria contar nada a ninguém por enquanto. Para que envolver alguém nessa história, que ainda não sabia se era toda real? Não entendia como a minha cabeça funcionava. Apesar de no fundo eu ter certeza de que aquilo tudo não era ilusão, tinha que confrontá-lo antes.

E se ele fosse um perigo real, quanto menos pessoas soubessem do que aconteceu, seria melhor. Se ele tinha sangue frio para fazer aquilo comigo, que vive e dorme com ele, imagina com outras pessoas?!

Agora eu teria que fingir que estava tudo bem. Mas para onde eu iria? Voltaria para casa e o enfrentaria ou buscaria refúgio em algum lugar?

Entrei e tentei me distrair colocando as coisas em ordem, mas não conseguia me concentrar em nada. Queria gritar aos quatro cantos do mundo o que havia lembrado sobre minha vida e também, como eu queria, se fosse possível, esquecer de novo.

Um carro parou na nossa porta em meio à chuva. Willian escancarou a porta igual a um furacão, pálido e trêmulo. Paula e eu, que estávamos na sala, gritamos com a sua entrada repentina.

— Onde está minha mulher? – seus olhos estavam vidrados.

Começou a caminhar em direção ao quarto do casal. Acabei atravessando a frente dele, bruscamente. Tinha de fazê-lo se acalmar. Estava transtornado!

— Calma, Willian. Elas estão bem. Deu tudo certo.

Ele estancou de repente.

— Elas?

— Isso mesmo. Parabéns! Você tem uma filha linda.

Ele começou a rir e chorar ao mesmo tempo. Como o destino era, às vezes, cruel. Eu havia acabado de descobrir a morte de uma criança graças ao nascimento de outra.

— Entre, amor – Adriana falou baixinho.

Já havíamos tirado com cuidado os lençóis sujos da cama. Sabíamos que movê-la ia lhe causar dor, mas não poderíamos deixá-la naquela imundície. Agora, ao lado de Willian, ela estava limpa e mais tranquila, amamentando calmamente a sua filha.

Ver aquela cena me deixou emocionada. Por causa do homem que eu achava que me amava, não pude vivenciar aquilo.

Ele se sentou ao lado dela, mudo de emoção, e Paula chegou logo em seguida, permanecendo silenciosa ao meu lado. Éramos testemunhas desses laços da vida entre as pessoas, chamado família.

— Obrigado por tudo, meninas – ele disse, nos olhando.

— Como sabia que Adriana estava dando à luz? – Quando entrou em casa, Willian parecia saber os apuros que havíamos passado.

— Encontrei no caminho a ambulância que estava vindo buscá-la.

— E por que eles não chegaram ainda? – Paula perguntou indignada.

— Pelo simples fato que a ambulância sofreu um acidente vindo para cá, por causa da chuva.

— O quê? – falamos as três juntas.

— Eles estão fora de perigo, mas outra ambulância precisou ser acionada para vir buscá-la, amor.

Você ainda vai ter de ir para um hospital.

— *Ok*. Vamos esperá-los.

— Já decidiram que nome dar? – quebrei o silêncio que pairou de repente.

— Vou deixar que ela escolha – brincou Willian.

— Bem, se a Paula não se importa, gostaria de homenagear nossa amiga – sorriu, apontando para mim.

Fiquei sem graça. Pelo menos alguma coisa para me alegrar.

— Ela vai se chamar Eliana, se não se importa e se gostar.

Comecei a sorrir emocionada. Ela havia juntado meu nome ao da minha mãe.

— Lógico que não me importo! Na verdade, eu amei!

Minha mãe... Isso me deu uma ótima ideia.

Sabia que tinha de enfrentar o Ricardo, mas não tinha certeza de que daria conta disso agora e sozinha. Precisava pôr as ideias em ordem. Precisava lembrar nitidamente de cada detalhe para rever o nosso relacionamento e os meus sentimentos em relação a ele. E se ele poderia tentar me machucar de novo.

Bem, primeiro, iria aproveitar e visitar minha mãe. Acertar essa parte do meu passado que ia e voltava na minha cabeça. Precisava me acertar com ela e essa era a oportunidade perfeita para isso.

Esperava que pudéssemos nos perdoar. Não queria imaginar como seria se ela me virasse às costas. Tentaria falar com ela no dia seguinte.

CAPÍTULO 16

Adriana foi com o bebê para o hospital e Willian a acompanhou na ambulância. Ficamos lá na sede da fazenda para ajeitar tudo, já que o pessoal que cuidava da casa só viria no outro dia cedo.

Aquela noite silenciosa, em vez de me fazer descansar, deixou-me mais inquieta. Depois que coloquei na cabeça que tinha de falar com minha mãe, a ideia de vê-la não me saiu do pensamento.

Quando por fim consegui dormir, tive um sonho muito estranho. Estava em um campo muito vasto e nuvens negras se aproximavam rapidamente. Trovões ribombavam no céu e as árvores chacoalhavam, impulsionadas pelo vento.

Ao longe, vi minha mãe que me estendia os braços me chamando. Eu estava com um bebê nos braços e ia em sua direção, sorrindo, ignorando as sombras que surgiam a minha volta. O olhar dela parecia cansado e desconsolado.

Quanto mais tentava alcançá-la, mais ela se afastava. Repentinamente, Ricardo aparecia, pulando na minha frente e arrancando o bebê dos meus braços. Ele corria e eu o perseguia, pedindo ajuda para minha mãe. Ela, ao longe, não se movia. Apenas chorava e gritava, como se o mundo fosse acabar.

Acordei assustada. O sonho parecia me dizer que não adiantava depender da minha mãe para resolver esse meu problema. Tinha mais que parar de fugir das situações, não podia ficar nesse impasse.

“Preciso tomar uma atitude”, pensei em voz alta, diante do sol que nascia, iluminando a janela.

Quando nos sentamos à mesa para tomar o café da manhã, Willian chegou para pegar algumas coisas para Dri e Eliana.

— Willian, posso usar o telefone daqui? – pedi antes que mudasse de ideia. Celular por lá era coisa inimaginável.

— Claro, Ana. Nem precisa pedir. Tenho que resolver umas coisas com o capataz aqui da fazenda para depois voltar para o hospital. Até mais!

Deu um beijo sonoro em cada uma de nós e foi embora.

Ao terminar o café, juntei coragem e liguei para o primeiro lugar que chamei de lar. Após três toques, uma voz meio rouca atendeu.

— Pronto.

— De onde fala? – será que haviam mudado de número?

— É da casa da dona Eli.

— Quem fala?

— Josefa.

Fiquei muda de emoção. Ela era o braço direito da minha mãe, comandava aquela casa como ninguém. Quantas vezes nem percebia as tardes passarem observando aquela gentil senhora trabalhar na cozinha? Após a morte do meu pai, ela foi a única que demonstrou afeto por mim naquela casa.

Mas tinha de deixar o passado para trás.

— Minha querida, sou eu. A Ana.

— Graças a Deus, minha filha, você ligou! Pena que tão tarde.

— Tarde para quê? – Sabia que alguma coisa havia dado errado. — Aconteceu alguma coisa?

— Minha menina, venha correndo para cá. Preciso de você aqui – ela começou a chorar.

Meu coração me disse a verdade.

— É com a minha mãe, né?

— É, meu bem. Ela foi embora essa noite.

— Como assim?! Não brinque comigo, Josefa. Ela sempre foi tão forte.

— O câncer levou-a rapidamente, minha filha.

— Câncer? Desde quando? Por que não respondeu à minha carta?

— Ela te respondeu sim, filha. Você que não mandou mais nenhuma. E como não escreveu seu celular e no telefone ninguém atendia, ela perdeu as esperanças de falar com você.

Minha cabeça girava de perguntas no ar que nunca seriam respondidas. Precisava me concentrar.

— Estou saindo daqui agora. Em pouco tempo estarei aí, ok?

— Certo, minha filha. Venha com Deus.

Coloquei o telefone no gancho, aturdida. Encostei-me à parede e comecei a chorar, escorregando devagar rumo ao chão. Como queria abraçá-la e pedir perdão por todos os meus atos inconsequentes. Mas já não dava mais.

Paula me encontrou ali, prostrada no chão da sala. Falei para ela que precisava ir embora e expliquei os meus motivos.

— Quer que eu vá com você?

— Não precisa, amiga. Só quero que avise o Willian e a Adriana, ok?

— Pode deixar.

Coloquei as malas no carro e saí em disparada. Na minha cabeça, a imagem da minha mãe suplantava todas as lembranças horríveis que haviam sido desbloqueadas no dia anterior.

Nunca vou conseguir descrever a dor de ver alguém que você ama em um caixão. Não há palavras que traduzem o que senti no peito. O nó na garganta me impedia de chorar. Se todo o meu sofrimento desses últimos dias se transformasse em um só grito, esse seria interminável.

Naquele corpo ressequido, devastado pela doença, não havia nem sombra da mulher que ela havia sido. Como queria que estivesse apenas adormecida, que levantasse daquela caixa de madeira, me abraçasse e falasse que finalmente eu teria alguém para me defender. Mas ao abrir os olhos lá estava ela: magra, pálida e fria.

Eu e Josefa, abraçadas, choramos a perda daquela que um dia foi uma mulher de fibra.

Teria de ficar alguns dias ali para falar com os advogados e colocar a documentação em ordem. E minha cabeça também.

RICARDO

Mais uma vez eu tinha a confirmação que minhas coisas sempre davam certo. A Paula me ligou contando que a coroa morreu. Viu como ela estava toda podre e i ria me pedir dinheiro? Livrei-me de uma!

Agora a Aninha ia voltar a ser uma boa menina. Senão, quem a protegeria?

Depois de ter esmagado a cara daquele cretino, descobri que a sensação de poder ao matar alguém é indescritível. Uma fome insaciável. Me excitava dominar a morte.

Meus sonhos com Ana passaram a ser outros. Eu a via, a boneca perfeita, sendo quebrada pelas minhas mãos. Queria saciar minha vontade, quebrando aquele corpo inteiro. Seria o homem mais feliz do mundo ao vê-la sangrar.

Só de pensar, ficava cheio de vontade.

Há quatro dias arrumando as coisas da minha mãe, procurava não pensar em nada do mundo lá fora. Estava me tornando boa em fugir das situações. Aquele era o único modo de me despedir da figura dela e da minha inocência, tão bruscamente arrancadas de mim.

Com tudo em ordem, sabia que poderia ir embora mais tranquila. Nada iria parar. A fazenda continuaria produzindo e tinha deixado um homem de confiança da minha mãe e Josefa para tomarem conta de tudo. Agora só me restava seguir em frente e enfrentar os meus verdadeiros monstros refletidos na figura de Ricardo.

Na última noite por lá, liguei todos os pontos que faltavam. Sentada no escritório, após o jantar, chamei Josefa para sentar comigo. Precisava esclarecer umas coisas.

— Josefa, tenho algo sem resposta na minha cabeça, há anos que eu preciso saber.

— O que, minha filha?

— Por que meus pais brigaram tão feio naquele dia que ele morreu?

— Não é melhor deixar isso para trás? Não vai trazê-los de volta.

— Preciso saber.

— Seu pai ia embora, minha filha. Ele tinha outra.

— O quê?

Não acreditava naquilo. Todas as minhas impressões daquele acontecimento estavam erradas. Joguei na minha mãe culpas que ela não tinha.

— Sim, menina. Ele queria dividir tudo que ele e sua mãe construíram. E ela com unhas e dentes se defendeu. A morte dele naquela hora foi uma infeliz coincidência.

— E eu a culpando esse tempo todo. Mas por que ela me tratava tão mal?

— Imagina para ela ver todos os dias a mais amada filha do homem que a traiu? Ela se recolheu dentro da sua bolha de vidro, concentrada somente no trabalho. Quando conseguiu se reestabelecer, você já tinha ido.

Foi assim que ela me contou todos os detalhes, ditos por minha mãe para ela. A dor e o trauma de se sentir culpada. O arrependimento de não ter se aberto comigo antes de eu ir embora e a doença que posteriormente a consumiu. Através de Josefa, conheci minha mãe como nunca imaginei.

Saí para a varanda e parei para fitar a lua, que estava maravilhosa. Precisava ajeitar todas as ideias na minha cabeça. Como tudo havia mudado naqueles dias! O mocinho se revelou o monstro e a mãe a quem julgava ruim era só alguém com medo de se ferir emocionalmente. Como o tempo mostra que podemos nos enganar!

Fechei os olhos um momento para elevar os pensamentos para minha mãe. Esperava que onde ela estivesse pudesse perdoar-me por tudo que havia feito de errado para ela, julgando e apontando quando não tinha sentido algum.

Depois de certo tempo, Josefa chegou ao meu lado, quebrando o silêncio da noite. Apoiei minha cabeça em seu ombro, sentindo a grandeza da escuridão ao nosso redor. Foi quando me lembrei das cartas.

— Jô, você falou que minha mãe respondeu a minha carta, certo?

— Sim.

— Quando foi?

— Logo após a sua ter chegado. Lembro que ela já estava doente e estava cheia de esperanças de te ver antes de...

— Não precisa terminar, minha querida – não queria pensar nisso agora. — Certo. Só que essa resposta nunca chegou às minhas mãos.

— Como assim? – Josefã estava consternada.

— Pois é. O duro é que não sabemos nem se alguém a recebeu. Deve ter ido para o endereço errado.

— Isso eu posso te responder. Sua mãe tinha a mania de mandar as cartas registradas. Sendo assim, o correio mandou para ela o comprovante de entrega com a assinatura de quem recebeu.

— Vamos resolver isso já! Mostre para mim esse comprovante.

Entramos. Eu estava determinada a resolver aquilo. Alguma coisa me dizia que as peças finalmente se encaixariam. Nem que fosse preciso revirar aquela casa inteira aquela noite, esse papel apareceria.

Depois de muita procura, achei o comprovante, caído entre os documentos da escrivania da minha mãe. Ao ler a assinatura, descobri até onde a maldade humana é capaz de chegar.

Eu conhecia de cor a letra do Ricardo. Queria saber qual a causa de mais essa mentira. Só agora tinha noção que a minha vida ao lado dele nunca foi um conto de fadas. Eu havia sido enganada não uma, mas uma sucessão de vezes. Mas não me manteria calma mais. Ele jogou com a minha vida, como se eu fosse um fantoche com o qual ele pudesse brincar de Deus! Ele ia ver até onde eu era boa e dócil.

Meu amor havia se transformado em ira e eu não iria contê-la. Não deixaria barato!

Quando voltei para casa, na minha cabeça só havia mágoa e ódio. Preparava-me para a maior batalha da minha vida!

CAPÍTULO 17

R ICARDO ~~ieardo~~

É, Ana, qualquer noite com você poderá ser a última. É só você voltar.

Sentia cada vez mais vontade de machucar alguém novamente. E todas as direções me levavam a ela. Ouvi-la me desafiando aquela noite foi desrespeitoso! Iria colocá-la no seu devido lugar.

Queria bater nela com força, penetrá-la com violência e sentir sua carne se rasgar, abrindo caminho para o meu sexo. Como o seu rosto ficaria belo salpicado de gotas vermelhas de sangue.

Eu começava a sonhar com minha boneca ensanguentada. A imagem me excitava tanto que eu me tocava com vontade. Explodia logo em êxtase. Jogado na cama, com o sêmen escorrendo entre os dedos, ficava perdido em meus sonhos de tê-la em minhas mãos.

Conversávamos por telefone e eram só amenidades e juras tolas de amor. Deixei que ela curtisse a viagem, afinal a surpresa dela estava guardada para quando voltasse.

Tomei um banho antes de ir para mais uma sessão com Daniela. Só ela conseguia diminuir um pouco a minha fome com sessões de dor e prazer.

Assim que acabei de me arrumar, o telefone tocou. Adivinha quem era?

— Olá, gato.

Ana tinha voltado.

— Oi, meu amor! Já está de volta? Tô sentindo muito sua falta.

— Estou saindo da fazenda da minha mãe agora.

— Queria tanto estar ao seu lado, mas quando a Paula me falou já tinha acontecido tudo.

— Sem problemas, amor. Eu precisava resolver tudo sozinha. Só preciso de você agora.

— Que horas você chega?

— Lá pelas dez da noite.

— Ótimo, estarei te esperando.

— Me espere na banheira, como na nossa primeira vez. Estou morrendo de saudade de você.

Ela desligou. Vi que a distância e a morte da velha tinham feito bem para ela. Voltava novamente a ser a boneca dócil e delicada. Iria brincar mais um pouco antes de descartá-la de vez.

Logo após a minha ligação, ele saiu. Como era previsível. Já imaginava que se eu chegasse tarde, iria se divertir um pouco antes. Naquele dia eu seria a sua sombra. Ele me pagaria por cada mentira dita com tanta doçura.

Liguei o carro e o segui à distância. Quando vi o seu destino final, entrei em choque. Ele estava indo para minha casa!

Entrou tranquilamente com a minha chave. Cinco minutos depois uma mulher chegava. Mesmo que me acidentasse mil vezes, agora não me esqueceria jamais do rosto da mulher que compartilhava a cama dele naquele dia.

Ele a recepcionou na porta, a beijou e entraram. Vi a mão dele repousando na bunda dela quando atravessaram a porta da minha sala.

Corri furtivamente e abri o portão, tentando me manter o mais silenciosa possível. Poucas pessoas estavam passando na rua, mas não queria ser vista, por isso corri para os fundos. Tinha uma porta na cozinha que dava para o quintal. O que Ricardo não sabia é que sempre deixava uma cópia da chave escondida debaixo do tanque, caso eu perdesse as originais.

Peguei as chaves, que graças a Deus ninguém tinha descoberto. Entrei o mais devagar possível pela cozinha. Queria pegá-los de novo no ato. Tinha que acabar com todo o amor que restava dentro de mim.

Passei pela cozinha. Ricardo devia estar arrumando alguma coisa, pois tinha um martelo em cima da mesa. Peguei-o nas mãos e fui agachada até a porta do quarto, que estava entreaberta.

Ver com os próprios olhos minha confiança destruída foi horrível. Eu tinha dado a chave da minha casa para ele cuidar de mim, não para usá-la como ninho de traições. Será que algum dia eu o conheci?

As vozes estavam baixas, mas eram audíveis.

— Então hoje seu capacho volta?

— Sim, vamos logo que vou precisar de um fôlego! Vou catar ela gostoso hoje.

— Por que me procurou então?

— Porque não posso judiar dela ainda. De você, em compensação...

— Um dia queria ver você com ela.

— *Tá louca?* Sorte sua que a minha boneca não lembra de nada...

“Você está tão enganado, meu querido.” Sua “boneca” já se lembra de tudo.

— E se ela descobrir, Ricardo? – a voz da mulher parecia apreensiva.

— Eu dou um jeito nela.

Ouvi os dois se beijando e rindo. Sacanagens eram sussurradas e roupas eram arrancadas. Eles estavam rindo de mim.

Não conseguia entender o que fazia um homem agir daquela forma. Achava que Rambo era doido, mas havia acabado de constatar que tinha saído da panela direto para o fogo. Mas agora não iria mais chorar. Não conseguia derramar lágrimas por mais nada. Havia cansado de sofrer em vão.

“Nunca mais”, murmurei baixinho me levantando.

Escancarei a porta do quarto. Ela estava em cima dele sem roupa. Quando ela se virou na minha direção, bati com o cabo do martelo na sua boca, com força.

Ela caiu sobre ele. Ricardo, ainda dentro dela, me olhava aturdido. Eu o encarei. Seus olhos já não eram mais belos para mim. Estavam escuros, como se escondessem de mim as verdades que rondavam o coração do seu dono.

As máscaras haviam caído. Ele já não poderia esconder a verdade.

— Eu me lembrei de tudo, Ricardo.

Ele não me respondeu. Colocou sua companheira de lado e se levantou.

— O que você acha que sabe, Ana? – seu rosto não transmitia emoção.

— Me lembrei de você me jogando na escada. Do aborto que me fizeram no hospital. Foi você quem mandou, né?

Ele esboçou um sorriso.

— Pois é, você me pegou. Só isso que você sabe?

Ele nem ao menos tentou se defender.

— Sei da carta da minha mãe que você recebeu. O que fez com ela, Ricardo?

— A carta? Deixe-me ver... Rasguei em pedacinhos.

— Por quê?

— Não queria mais uma pessoa me atrapalhando, só isso.

Não conseguia acreditar no que ouvia!

— Minha mãe morreu e eu nem puder me despedir, seu maldito! Isso não é importante para você?

— Para falar a verdade, eu fiz mais coisas, sabia?

Ele começou a se aproximar, sorrindo.

— Não chegue perto de mim!

— Sabe o que é pior? Os seus amigos são tão bobos que são capazes de morrer por sua causa. Essa coisinha sem importância.

— Como assim? – comecei a recuar para a parede.

— Era uma vez um carinha enxerido que viu o que não devia. O namorado da amiga com outra. E ele foi correndo contar para ela, porque ele a amava e sabia que ela não podia ficar sem saber a verdade – eu não conseguia respirar. — Mas o namorado era esperto e pegou o cara antes. Bum!

Ele socou a parede do meu lado e o martelo quase caiu no chão. Comecei a chorar. Não podia ser verdade. Tiago, morto por ele.

— E quer saber a verdade? Você vai ficar aqui, paradinha, chorando como sempre, porque é o que você sabe fazer. Chora e se submete. E quer saber mais? Eu vou acabar te matando, porque você é fraca por natureza. E eu vou te dominar, como eu sempre faço, bonequinha.

— Cale a sua maldita boca, seu cachorro!

— Venha me calar, Ana. Me mate, se conseguir. Mostre que é capaz de ferir alguém. Vamos destruir toda esta bondade que há em você.

Ele se aproximou e vi que sorri, excitado. Sua ereção roçou meu corpo.

— Isso, se renda. Posso tornar tudo tão doce.

Não podia me render tão fácil. Esperei seus lábios roçarem os meus e bati o martelo com força em seu rosto. Ele levou a mão aos olhos, meio tonto, e caiu no chão.

Larguei o martelo e saí em disparada. Tropecei e vi que tinha sangue nas mãos. Só queria fugir dali.

RICARDO

Fiquei tão entorpecido pela sensação de tê-la como sempre quis que me distraí. Quando dei por mim, minha cabeça rodava com sangue entre meus dedos.

Como me admirei em ver a fúria em seus olhos ao me enfrentar e bater em Daniela. E foi maravilhoso quebrar sua força falando sobre como matei Tiago.

Por um momento, pensei que tinha vencido, mas ela me surpreendeu.

Lambi o meu sangue que escorria pelos dedos. Esta noite a fera estava solta. E iria fazê-la sofrer. Peguei a maior faca da cozinha e fui atrás dela.

Respirando, calma...

Entrei no carro e tentei ligá-lo. Como naqueles filmes de terror onde o monstro se aproxima, o motor não quis pegar. Mas ali a vida era real e poderia custar a minha existência.

Minhas mãos tremiam e deixei a chave cair. Peguei correndo e quando me levantei, ele estava do lado de fora. Esfregou o sangue de sua testa no vidro, sorrindo para mim. Como ninguém aparecia por ali?!

Comecei a gritar, e ele, a socar a janela. Meu medo o motivava a bater cada vez mais forte, rindo insanamente. O vidro começou a ceder.

Como num milagre, o carro pegou. Pisei no acelerador. Ele tentou se segurar na porta, mas acabou caindo no chão.

Para onde eu iria? Não podia voltar para o apartamento agora. E se fosse para a polícia, que provas eu tinha? Se fossem colher alguma evidência, eu que seria presa por bater nele!

Paula ainda não havia chegado. Só me restava encontrar Lázaro. Liguei para ele e pedi que me encontrasse na exposição. Ele estava com a chave da sala e poderia contar tudo para ele sem o risco de alguém nos encontrar.

Parei o carro. Tentei parecer apresentável para não assustar meu amigo. Ajeitei os cabelos, enxuguei as lágrimas e fui para a exposição.

Bati na porta de vidro e ele me olhou espantado.

— Ana, o que aconteceu? Isso na sua blusa é sangue?! – perguntou ele, abrindo a porta para eu entrar.

— Lázaro, preciso da sua ajuda!

— Me explique o que aconteceu.

— Primeiro, preciso de um pouco de água! Vamos à cozinha, lá eu te explico tudo, ok?

Dei as costas para ele por um instante. Precisava respirar um pouco.

— O que aconteceu, Ana?

— Foi ele, Lázaro – lavei minhas mãos e meu rosto na pia. Depois bebi a água da torneira mesmo, refrescando minha garganta ressecada.

— Ele quem?

Tirei a água dos olhos e me virei para ele. E comecei a gritar. Lázaro nem teve tempo de se virar. Ricardo enfiou uma faca enorme nas costas dele, como se cortasse manteiga. Torceu-a no meu amigo, que apenas gemeu antes de cair no chão.

Aquele não era o homem que me fazia carinho. Esse monstro não poderia ser o mesmo que fez amor comigo cheio de palavras carinhosas.

— Você o matou, desgraçado!

— Quem sabe? Agora somos eu e você...

Ele sorriu e lambeu o sangue da faca.

— Minha linda, você me desobedeceu mais uma vez. Papai vai ter de punir você. Vou te sangrar...

— Nunca!

Peguei uma garrafa e joguei nele. Ele se desviou com facilidade e me agarrou.

— Não vou cair nessa de novo, não – a mão dele estourou em meu rosto, pesada. Uma, duas, três vezes. Não conseguia pensar em nada.

— Agora não falta muito, gatinha.

Tentei chutá-lo, mas ele me jogou no chão. Minha cabeça bateu com força. Tudo começou a rodar.

— Agora, quem sabe você fica quietinha – foi a última coisa que ouvi antes de perder os sentidos.

— Acorde...

Ouvia alguém me chamando bem de longe. Um tapa forte no rosto me despertou. E a dor veio com toda sua força. Naquela hora eu queria morrer.

Eu estava dentro do carro dele, amarrada. Tinha certeza de que já não estávamos mais na cidade. A escuridão nos rodeava. Não sei por quanto tempo permaneci apagada.

Ricardo tinha trocado de roupa. Vestia uma calça *jeans* e uma camiseta. Para meu horror, vi que estava de luvas. O que ele pretendia fazer?

Ele me arrastou para fora do carro. Estávamos no meio do mato. A certa distância, eu via os veículos passarem com as luzes brilhantes como pequenas bolas luminosas. Ele me jogou no chão e na mesma hora comecei a me arrastar, tentando fugir dele. Ele me seguia despreocupado.

— É, meu amor. Parece-me que esta será nossa última noite.

Eu não conseguia parar de chorar.

— Para que tudo isso, Ricardo?

— Era para você ser a mais linda das bonecas. Mas quis me desobedecer. Agora é uma puta como todas as outras!

— Você precisa de ajuda, Ricardo!

— Eu acho que não, Ana. Mas você...

Ele ficou nu diante de mim. Agarrou o meu pescoço e pressionou os seus lábios nos meus com força. Parecia estar muito feliz, como se estivesse na melhor festa da vida dele.

Dobrava as roupas metodicamente.

— Não vou sujar a roupa com sangue.

Colocou uma camisinha no pênis que já estava rijo.

— Nada de deixar rastros, rapaz – murmurava consigo mesmo, sem tirar o sorriso do rosto.

Eu sabia que iria morrer naquela noite.

— Nada de fugir – me deu mais um soco que jogou minha cabeça para trás.

Ele estava com a faca novamente em sua mão. Rasgou toda minha roupa, em seguida minha calcinha e sutiã.

Eu só queria que tudo acabasse logo.

Seu dedo cravou em meus seios e a faca riscava minha pele, abrindo brechas de carne e sangue. Tentava gritar por socorro, mas ninguém escutava.

Não dá para descrever em palavras como ele brincou comigo aquela noite. Destruíu meu corpo em todas as formas possíveis, tanto física quanto psicologicamente. Quem nunca sofreu uma violência desse tipo não tem noção do que é sentir um homem te penetrar por todos os lugares possíveis, cortar seu corpo com uma faca e machucar você das formas mais humilhantes.

Jogada no mato, destruída, fui deixada pelo Ricardo para morrer. Só queria que a dama negra com sua foice chegasse rápido. Lembro de ouvir um baque ao meu lado e ele murmurar:

— Sua bolsa. Só para não ser enterrada como indigente.

Sentou no banco do carro, se vestiu e foi embora. Nem olhou para trás.

E eu fiquei jogada no matagal, brigando com a minha consciência para me deixar viver. Chamava pela morte, para que ela me desse pelo menos uma chance.

3^a PARTE
PESADELO

CAPÍTULO 18

Tinha que esquecer a dor!

Precisava viver.

“Meu Deus, dai-me forças.”

Minha cabeça só pensava em uma coisa: sobreviver. Tinha consciência de ter me arrastado pelo mato. A claridade do dia se iniciava sobre os meus olhos, que mal se abriam. A boca seca com o gosto ferruginoso de sangue. Moscas sobrevoavam minhas feridas, formigas caminhavam pelo meu corpo, mas eu não pensei em desistir. Não terminaria daquela forma.

Precisava encontrar uma saída. Peguei a minha roupa rasgada e tentei cobrir meu corpo. Os cortes que ele fez à faca no meu seio doíam. Eu tentei me levantar, mas não tinha forças. Acabei caindo no chão novamente.

Eu poderia desistir, mas não queria. Meu sexo ardia como se estivesse com uma brasa entre as pernas. Voltava a minha mente tudo o que havia passado e o ódio me cegava.

Era isso que me dava forças. Como ele pôde fazer aquilo comigo? Será que sempre ia ser um trapo sujo nas mãos de homens como Ricardo e Rambo?!

Eu precisava de socorro, urgente. Sabia que estava muito machucada e que poderia morrer se demorasse muito.

Segurando o grito que queria sair pela minha boca, eu me levantei. Fui caminhando na beira do mato, em direção à estrada. Perdi a noção do tempo andando em busca de ajuda. Havia recomeçado a sangrar muito e estava prestes a perder os sentidos.

Foi quando vi um carro passar por mim. Eu gritei com todas as minhas forças e caí no asfalto, sem forças. Vi o carro parar. Um homem me pegou pelos braços. Estava salva.

Perdi os sentidos.

RAFAEL

Como uma vida pode virar de pernas para o ar em apenas uma noite?

Tudo bem que os últimos meses não tinham sido uma maravilha, mas nas últimas vinte e quatro horas tudo estava bem pior. Perdi meu emprego no jornal devido a uma matéria que fiz. Achei que ela estava excelente (pena que minha fonte me passou informações incompletas, o que me deixou muito mal diante do patrão), mas acabou causando a minha demissão.

Desempregado e sem dinheiro, só me sobrou pedir ajuda ao meu irmão mais velho, que é fotógrafo em uma cidade no interior.

Somos muito ligados, eu e meu irmão, apesar das diferenças de gênio. Ele é moreno e eu claro. Os olhos dele são castanhos e os meus verdes. Ele tem uma calma tremenda para esperar as coisas. Eu definitivamente não. Lázaro e eu somos assim, unidos pela diferença.

Liguei para ele dias atrás e ele conseguiu uma entrevista para mim no jornal mais prestigiado na cidade onde mora. Fiquei feliz pacas! Parecia que havia luz no fim do túnel.

Até que liguei ontem no celular dele e a polícia atendeu. Parece que apunhalaram meu irmão em uma exposição fotográfica. O policial, muito prestativo ao saber que eu era irmão da vítima, me deu o telefone do hospital.

Meu irmão estava em coma. O filho da puta que tentou matá-lo (eles achavam que era um assaltante) torceu a faca na espinha dele. Não sabiam se ele ia voltar a andar, parece que teria algum problema no movimento das pernas. Eles tinham de lutar para ele sair vivo antes de medir a extensão dos danos.

Desesperado, avisei os nossos amigos em comum, fechei o apê com as malas na mão e me mandei para a cidade dele. Ia chegar lá logo cedo.

E aí o que aconteceu para fechar tudo com chave de ouro? Como em um filme de terror, uma mulher nua e ensanguentada pulou na frente do carro, pedindo socorro.

Freei quase em cima dela e ela caiu no chão. Coitada! Dava para ver em meio ao sangue o quanto ela era bonita. E como judiaram da coitada!

Peguei-a nos braços, afinal não teria como deixá-la daquele jeito. Ia para o hospital mesmo. Já aproveitava e fazia uma boa ação.

Tirei minha jaqueta e a cobri. Tinha algo de estranho no ar. Quem sabe ela não renderia uma boa história?

RICARDO

Cheguei em casa e joguei as roupas no lixo. Como aqueles momentos tinham me deixado bem. Tinha ultrapassado todos os meus limites. E adorado!

Ia arrumar um jeito de ter mais noites como aquela. Ouvi-la chorar e gritar enquanto eu a estuprava me dava o maior prazer.

Será que eu teria a sorte dela ter morrido? Certeza que sim.

Mas agora havia descoberto em mim um novo gosto. Chega das santinhas. Queria as maldosas, desavergonhadas e sujas. Iria puni-las como havia feito com a doce e gentil Aninha.

Comecei a rir enquanto tomava banho. “Ana, você sempre vai estar nos meus pensamentos.”

Agora entraria na internet e reservaria uma passagem para uma pequena viagem ao exterior. Nada melhor do que estar em férias quando acharem o corpo da bonequinha vadia.

Queria encontrar carne nova. Mas mais do que tudo, naquela hora, queria ser uma pequena mosca, pousando no corpo daquela que um dia achou que eu a amava. Agora, minha querida, a única coisa que ocupará seu coração são os vermes.

Lutei para me manter viva durante vários dias, entre momentos de consciência e delírio. Quando abri os olhos, vi Paula debruçada na minha cama. Aquele sorriso tão conhecido estava marcado pelas lágrimas.

— Bem-vinda de volta, Aninha.

— Não podia morrer e dar este gostinho a ele, Paula. Acho que nunca serei a mesma depois do que passei.

Minha voz parecia tão distante.

— Calma, Aninha. O que aconteceu, afinal de contas? Cadê o Ricardo, que deveria estar aqui do seu lado.

Ouvir o nome dele parecia aumentar minhas feridas.

— Não mencione mais o nome dele, por favor. Gostaria que ele apodrecesse na cadeia.

— Por quê?

Foi aí que contei para ela tudo que havia acontecido, sem poupar detalhes. Vi Paula ficar pálida e seus lábios tremerem. Quando dei por mim, ela já estava chorando, desconsolada.

— Por que o Tiago?

— Quem sabe os motivos que rondam aquela mente doentia? Precisamos é que ele apodreça na cadeia.

Algum tempo depois, bateram à porta. Entrou um homem alto e bonito, de olhos claros. Ele olhava para mim, como se já me conhecesse. Quem era ele?

— Você está melhor? – ele sorriu gentilmente. Notei uma pequena covinha na sua bochecha.

— Sim, estou. Obrigada! – abaixei os olhos.

— Bem, você não deve se lembrar de mim, por causa do estado que te encontrei. Sou Rafael, irmão do Lázaro.

Meu Deus, havia me esquecido de Lázaro. Aquela faca em suas costas nunca sairia da minha cabeça.

— Ele está vivo? – rezava para que estivesse.

— Sim, está. Apesar de ainda não ter saído do coma.

Olhei para Paula.

— Também foi ele Paula. E a culpa é minha.

Coloquei as mãos no rosto e comecei a chorar compulsivamente.

— O detetive encarregado do caso dela está aí na porta. Se ela quiser prestar depoimento, será bom – disse Rafael.

— Mande-o entrar – respondi, começando a me controlar.

Enxuguei as lágrimas, cumprimentei o detetive e contei novamente todo o acontecido.

— Vamos emitir um mandato de prisão. Fique tranquila.

Assim que ele saiu, fiquei mais aliviada. A justiça por fim seria feita. Paula se despediu e Rafael ficou mais alguns minutos conversando comigo.

Em muitos aspectos parecia com o seu irmão mais velho, mas ele carregava dentro de si uma vontade de resolver as coisas sempre. Gostei muito dele.

Nem vimos a tarde passar. Ele saiu então para ver o irmão e eu descansaria um pouco.

Acordei somente no dia seguinte. O hospital estava silencioso. Ouvia-se somente os carrinhos da

limpeza andando pelos corredores. Já estava me sentindo melhor. Será que a polícia tinha conseguido encontrá-lo?

Fechei meus olhos, que doíam. Até que alguém entrou no quarto.

— Sei que não vai querer me ver depois do que ele te fez, mas eu precisava.

Reconheci a voz no mesmo instante. Ela estava diante de mim na cama. A mesma pose altiva e jeito de rainha. Mas ao contrário da frieza de sempre, seus olhos mostravam uma dor indescritível.

Respirei fundo, olhei nos seus olhos e respondi:

— Por que eu não iria querer te ver? Só por que quero ver seu filho morto, sogrinha?

CAPÍTULO 19

Apesar de toda a raiva, eu sabia que não poderia culpá-la. O rosto dela era uma máscara de serenidade que segurava com força para não ruir. Seus olhos mostravam claramente a dor que sentia.

— Nunca imaginei que ele chegaria a esse ponto.

— A senhora sabia que ele poderia fazer isso comigo? – comecei a colocar para fora tudo que me incomodava. — Você sabia que seu filho matou um amigo meu e tentou matar meu chefe?

Ela abaixou os olhos, mas eu não conseguia parar.

— Olhe como ele me deixou! – abri o roupão e mostrei meu corpo coberto de curativos. — Ele me cortou enquanto me estuprava! Tem noção do que passei nas mãos do seu filho?

— Tenho, Ana...

As palavras morreram na minha boca.

— Como assim?

— Desde que me casei com Raul conheço essa vida. Somos ambos de famílias ricas que viam o casamento como um contrato. E assim obedecemos à vontade de nossos pais. Enquanto namorávamos, fiquei encantada pelos modos de cavalheiro com o qual ele me tratava. Quase como se fosse uma boneca.

Fiquei chocada ao ouvir esse último comentário.

— Ricardo me chamava assim: bonequinha.

A mãe dele não pareceu escutar e continuou o relato.

— Bem, a primeira violência dele contra mim foi logo na lua-de-mel. Fiquei com receio de me despir perto dele, afinal eu era virgem. Ele me jogou na cama com um soco e me violentou. E, após gozar, sussurrou no meu ouvido palavras que só de pensar me dão um arrepio: “Isso mesmo, fez direitinho. Se você pensar em contar sobre isso para alguém, eu te mato, entendeu?” No começo pensei em abandonar tudo, mas logo fiquei grávida. Foram os nove meses mais felizes da minha vida, porque a tortura dele parou durante a gestação. Mas logo após o nascimento de Ricardo o inferno recomeçou.

— E por que nunca largou dele?

— Ele vivia me ameaçando e ao nosso filho. E sei o que ele é capaz de fazer. Ricardo sempre foi o meu elo fraco. Apanhava em silêncio para não vê-lo machucado. Quantos dias ele foi testemunha disso tudo? Ficava em silêncio, no começo com medo, receoso de qual atitude tomar. Foi depois que comecei a perceber que, no fundo, ele admirava o pai que tinha.

— Admirava?

— Sim. Peguei um dia ele dizendo ao pai que iria ser melhor que ele. Pensei que fosse no sentido de ser íntegro e bom e não louco como o meu marido é.

— Como a senhora consegue viver assim? Por que nunca contou para ninguém?

— Tentei uma vez, mas não deu certo...

— Por quê?

— Tinha uma amiga muito querida do tempo da faculdade. Seu nome era Alicia. Um dia, cansada de tudo, fui a casa dela e contei o que vinha ocorrendo. Ricardo ainda era pequeno. Ela queria que fôssemos à polícia, mas eu não queria expor a minha vida particular daquela forma. Seria muito vergonhoso para eu dizer tudo o que passei na frente dos policiais, e para meus pais seria um escândalo. Por isso resolvi fugir e ela iria me ajudar. Combinamos de fazer uma semana depois. Raul tinha colocado pessoas para me seguir. O ciúme dele até hoje não tem limites. Dois dias depois, minha amiga estava morta. Alegaram que ela se matou com comprimidos, mas sabemos quem foi.

— É, eu sei. Como Ricardo se tornou igual a ele?

— Oras, foi o lugar que ele vivia que proporcionou isso. E grande parte da culpa é minha. Eu ficava jogada na cama e não conseguia falar nada para acalmá-lo. Quando eu e o pai dele tínhamos eventos sociais, eu me vestia feito uma boneca. Tampava cada ferimento com maquiagem e agia como se fôssemos o mais feliz casal do mundo. Afinal, esse era o nosso universo. Depois de certo tempo, o pai também começou a espancá-lo metodicamente e eu nada fiz mais uma vez. Até que Ricardo o desafiou.

— Como?

— Foi numa noite em que Raul chegou disposto a brigar. Deixou-me toda machucada no quarto e depois foi atrás de Ricardo. Momentos depois eu só ouvi um grito. Raul havia batido nele incessantemente, e quando parou, se apoiou uma das mãos na pia. Foi quando Ricardo atravessou a mão dele com uma faca de cozinha. Esse foi o motivo do grito de Raul. Quando cheguei à cozinha, ainda ouvi Ricardo sussurrando: “Viu como eu sou homem, pai, viu como sou melhor que você? E vou provar isso.” Depois desse dia Raul nunca mais olhou para a cara dele.

Entendi então cada frase que o Ricardo falava que eu julgava sem sentido. Quero dizer que a violência e a maldade que ele tanta viu deturparam a forma dele ver o mundo.

— Dona Iracema, não estou aqui para criticar suas atitudes, mas, como pode ver, poupar o seu filho de nada adiantou. Para ele, assim como para o seu marido, nós mulheres somos nada. Objetos meramente descartáveis. E agora?

— Agora vou fazer o que já deveria ter feito. Meu filho precisa de tratamento psiquiátrico...

— Seu filho precisa ser preso!

— Não posso pensar nisso: ver Ricardo atrás das grades. Ele é o meu filho!

— O seu filho me jogou da escada e matou o seu neto!

Ela parou de respirar, pálida.

— Como é que é?

— Ah, ninguém te contou isso, né? Quando o seu filhinho soube que eu estava grávida, me empurrou pela escada do apartamento para que eu abortasse. Como na queda o bebê não morreu, ele me levou dopada para uma clínica e pagou para fazerem o aborto. Eu acordei poucos minutos antes de tudo começar. A senhora não sabe o que é perder um filho, estar acordada enquanto alguém o mata dentro de você. Vê-lo preso para mim não é justiça suficiente! Queria vê-lo morto!

— Eu a odiaria, mas não a culparia, Ana. Apesar de tudo, vou te ajudar.

— Como?

— Vou falar para a polícia onde o Ricardo está. Depois vou largar o meu marido. Descobri que o meu maior erro foi tentar salvá-lo me matando todos os dias por dentro.

Ela saiu sem se despedir, e para mim só restou o vazio do quarto para refletir.

RICARDO

Quer dizer que a vaquinha ainda estava viva! Ao saber da notícia, vi que minhas chances de sair do país se complicariam um pouco. Por isso, peguei com minha mãe a chave da casa dela nas montanhas. Ficaria lá até a poeira assentar.

O lugar ali tinha muito a oferecer. Havia uma cidade turística a poucos quilômetros de distância, onde poderia me divertir e conhecer gente legal para passar o tempo. Foi isso que fiz. Com altas festas lá na casa, onde o sexo e as drogas rolavam sem compromisso.

Em uma noite especial estava com duas mulheres deliciosas na cama, quando ouvi gritos na parte de baixo da casa. Fui pelado mesmo ver o que estava acontecendo. Quando apareci, alguém apontou em minha direção.

— É ele.

Sabendo que era encrenca, corri pelo corredor na esperança de fugir pela janela. Apesar de ser alta, tinha uma árvore muito perto, que facilitaria minha fuga.

Mas um calhorda de um policial me pegou no meio do caminho. Bati a cabeça no chão, meio zonzo.

— O senhor está preso.

O quê? Eu preso? Ninguém iria me prender.

— Homicídio. Estupro.

— O senhor sabe com quem está falando?

— Cale a boca!

O soco que ele deu em mim fez meus dentes se chocarem dentro da boca. Sentia gosto de sangue. Ele ainda iria me pagar.

Aquela vaca desgraçada tinha mesmo aberto o bico! Sair da minha casa com a cara machucada, pelado e algemado me deu uma tremenda sensação momentânea de derrota. Estava com dúvidas sobre quem vencera aquele jogo. Mas eu ainda tinha minhas cartas na manga. E não eram poucas. Ana ainda estava viva – era o meu pensamento fixo.

— Se depender de mim, não por muito tempo... – sussurrei enquanto entrava na viatura.

CAPÍTULO 20

Fazia um mês que Ricardo estava preso. Eu havia recebido alta naquele dia. Recuperava-me aos poucos. As dores me incomodavam de vez em quando e ainda tinha vergonha das minhas cicatrizes. No começo, mal me olhava no espelho, com aqueles riscos claros marcados no meu corpo. Não me esqueço de quando Paula me viu nua pela primeira vez e tentou me animar, declarando:

— Orgulhe-se de suas marcas de guerra!

Pois é, essas são as marcas de guerra que carregarei comigo pela vida toda.

A polícia conseguiu mantê-lo preso até o dia do julgamento para averiguações. Como a família dele tinha dinheiro e o caso foi parar na mídia, tudo seria resolvido rapidamente. Assim esperava.

RICARDO

Estava me sentindo como uma fera acuada nessa jaulazinha suja. Passava o meu dia pensando em várias maneiras de destruir aquela desgraçada que me colocou aqui dentro. Mas eu iria pegá-la de forma diferente. Em vez de destruí-la, iria pervertê-la. Quer pior castigo para ela do que transformá-la naquilo que ela mais odiava?

As coisas estavam se ajeitando para que eu saísse impune dessa palhaçada. Por mais que Ana achasse que a justiça faria o melhor, ela não tinha o item principal: dinheiro. Era ele que manipulava o mundo e denominava poderes. Eu poderia fazer o que quisesse, pois neste país corrupto o meu dinheiro é que manda. E ainda pergunto: alguém se lembra de algum caso com um cara rico que virou alguma coisa? E para ajudar, esse povinho idiota tem memória curta: seis meses depois nem vão se lembrar do que eu fiz.

Quando me prenderam, vesti a máscara de moço exemplar. Chorava, clamando inocência. Falava aos gritos que estava sendo vítima de uma injustiça, que não sabia do que estava sendo acusado. Na cadeia, me comportava como o perfeito bom moço. Queria que até o guarda mais malvado me visse como vítima.

E não é que dava certo? Como era bom quando a noite chegava e no escuro da cela eu ficava pensando que, mesmo preso, eu ainda tinha poder. Não havia nada melhor para passar o tempo do que manipular as pessoas.

Os dias passaram rápido e eu esperei a chance perfeita de dar a minha tacada certa para sair daquela porcaria. E aconteceu quando eu menos esperava, graças a um fator completamente novo: a visita do meu pai.

Não esqueço a cara de nojo quando me encontrou. Ele conseguiu com o diretor da prisão uma sala privada para passar uns momentos com o “adorável filhinho”. Sentou-se à minha frente com uma cara de poucos amigos.

— Só vim te ver por causa da sua mãe. Senão não perderia meu tempo com você.

— Por quê? Agora que estou preso me tornei um problema?

Eu comecei a sorrir diante da situação. Os olhos dele me fuzilaram com um ódio mortal.

— Você ainda pergunta, imprestável?! Onde estava com a cabeça quando fez aquilo com a sua namorada?!

— Aprendi com você, papai – respondi suavemente. Naquele dia resolvi mostrar quem eu verdadeiramente era para ele.

— Como ousa, seu moleque...

— Fique quietinho e me escute agora.

Ele pensou em argumentar, mas, repentinamente, se sentou.

— Pai, vamos deixar de máscaras. Você sabe do que estou falando: das surras na minha mãe, das perversões que fazia com ela. Pensa que eu não via a maneira que você a tratava? Aprendi com você que as mulheres são nosso objeto de destruição e salvação. Devemos transferir para elas a culpa de nossos erros. E puni-las para a nossa salvação.

— Você enlouqueceu...

— Se alguém me deixou louco, papai, foi você. Sabia que as crianças não esquecem jamais? — Comecei a gargalhar e agarrei o seu pulso. — Vou falar uma coisinha que você não se lembra. Um dia à noite você falou para a mamãe que ia me levar para tomar um lanche, lembra?

— Do que você está falan....

Seus olhos se arregalaram. Ele nunca imaginou que eu me lembrava daquilo ainda.

— Pois é, papazinho querido! Seu filhote se lembra! Aquele que você chama de monstro, mas é tão mau quanto você. Lembra que me mandou ficar no carro que ia pegar um negócio na casa da amiga da minha mãe? Era uma surpresa, você falou, não conte para ninguém. Eu era uma criança muito curiosa e lembro que pouco tempo depois não aguentei e fui atrás do senhor dentro a casa dela.

— Oh, meu Deus!

— O menino viu o seu pai segurando a melhor amiga da sua mãe pelo pescoço e enchendo a boca dela de comprimidos. Você apontava uma arma para a cabeça dela, com uma luva nas mãos. Como aquela cena me encheu de respeito e medo de você! Depois daquilo qualquer surra que me desse não tinha importância. O poder que você tinha nas mãos, tirando aquela vida naquele instante, era ótimo. Sempre soube depois daquilo que matar é a melhor droga que podemos ter. Meu pai não se moveu. Ouvia apenas o arfar do seu coração.

— O que você quer me contando isso, Ricardo?

— Provar que ultrapassei os seus limites. Sou forte e poderoso e você não é nada perto de mim. E por isso você vai me tirar daqui, porque você só nasceu para obedecer a mim.

— Por que eu iria te tirar daqui?

— Porque senão o fizer, vou contar todos os seus segredinhos sujos. O assassinato, as constantes surras na minha mãe. Você se manteve livre até agora por puro acidente do destino.

Eu ri novamente.

— Como eu vou fazer isso?

— Me arrume o melhor advogado. Procure falhas no processo. Afinal, não temos testemunhas vivas do crime! Acuse insanidade. Jogue com todas as suas cartas, para vencer! Você e seu dinheiro são capazes disso.

Ele assentiu com a cabeça desanimado e saiu sem olhar para trás. E eu sorri. Só me restava esperar agora.

Tudo a seu tempo. Sabia que agora sair dali era questão de tempo. E que o jogo de poder estava novamente a meu favor.

CAPÍTULO 21

Havia chegado o tão temido dia do julgamento. Tentei me preparar física e emocionalmente para vê-lo pela primeira vez após aquela fatídica noite.

Muitas coisas aconteceram nesse meio tempo: acabei me mudando para o apartamento de Paula, provisoriamente. Ela havia fechado um ótimo contrato com uma agência e iria se mudar para o Rio de Janeiro em breve. Como ela havia comprado aquele apartamento, preferiu não vendê-lo. Sendo assim, eu iria morar lá por “tempo indeterminado”, de acordo com ela.

— Afinal, alguém precisa tomar conta das minhas coisas. Sempre quero ter um lugar para fugir quando precisar descansar.

— Mas, Paula...

— Nem pense em arrumar uma desculpa! – e mudou de assunto.

Ficamos por isso mesmo. Além do mais, eu não dava conta de ir ao meu quarto e pensar que Ricardo havia me traído ali. Era demais para minha cabeça. Não me sentia mais segura entre aquelas paredes. Sendo assim, só guardei alguns objetos pessoais. O restante foi tudo vendido.

Rafael me ajudou bastante durante toda essa etapa. Estávamos cada vez mais próximos. Sentia-me segura com ele.

Ele estava morando na casa de Lázaro, que ainda estava no hospital. O processo de recuperação do meu amigo seria extremamente lento. Ele havia saído do coma, graças a Deus, mas ainda teria uma grande batalha pela frente para recuperar o total controle das pernas, que ainda estavam meio paralisadas. A faca que Ricardo girou em suas costas danificou uma pequena área da sua espinha.

Eu visitava Lázaro sempre, acompanhada de Rafael, mas não conseguia olhá-lo sem sentir culpa. E por mais que ele não me culpasse, eu me sentia muito mal com aquela situação.

Rafael já se adaptara à nossa cidade. Havia começado no emprego que Lázaro havia lhe arrumado no jornal local como jornalista investigativo e começou a se destacar rapidamente. Seus textos tinham uma ironia que o público adorava. Rapidamente arrumou amigos dentro da delegacia central e tentava se manter informado sobre as investigações e me contava, mas eram poucas as novidades que apareciam.

Acima de tudo, comecei a admirar Rafael por estar ao meu lado sem nada exigir. A presença dele era tudo o que eu queria e ele se mantinha presente, sem exigir nada em troca. Em um período que eu via qualquer homem como uma ameaça em potencial, ele me trazia uma segurança e certeza inabaláveis de que nem todos eram iguais, ou seja, que a minha vida continuaria.

“A hora chegou”, pensei, fitando o fórum. Tinha de estar mais do que pronta para confrontar o meu medo com a luz da verdade. Rezava a cada instante para que aquele demônio ficasse acorrentado no fundo de uma cela e nunca mais sentisse o calor do sol. Queria apenas que a presença dele desaparecesse da minha vida.

Com ele preso, tinha certeza de que poderia me tornar uma nova pessoa, mais segura dos meus atos. Deixar para trás definitivamente toda aquela maldade que havia feito parte da minha vida.

Nunca estive mais enganada.

Cada dia passado naquele tribunal foi uma tortura. Várias horas em que minhas feridas eram dissecadas, reviradas e abertas para que todo mundo as visse. Mas não havia como escapar daquilo. Quando Ricardo entrou pela primeira vez, os meus pés pareceram perder a força. Como o mal poderia ser tão belo?

Ele me fitou e seus olhos pareciam refletir todo o amor e ódio que nutríamos um pelo outro. Sentia-me ligada a ele como nunca havia me sentido anteriormente. E eu tinha medo do que ainda sentia por ele, mesmo me lembrando do que havia acontecido. Será que tudo de bom que acontecera entre nós havia sido encenação?

Durante todo o processo, sentia-me a ré muitas vezes, diante de pessoas que me olhavam e tiravam suas próprias conclusões. Quem seria o verdadeiro vilão da história na cabeça deles?

As coisas se mostraram mais complicadas do que imaginei. Com o dinheiro que possuía, Ricardo havia contratado um dos melhores criminologistas do país. E eles me trucidaram diante do júri. Afinal, não havia uma testemunha a meu favor. Ninguém da minha rua estava disposto a falar que havia visto alguma coisa. Lázaro, mesmo que pudesse vir a testemunhar, não tinha visto nada, pois foi atacado pelas costas. As únicas pessoas que eu tinha dispostas a depor me viram depois do fato ocorrido, ou seja, restavam apenas as minhas palavras contra as dele.

Mas ainda acreditava na justiça. O sistema não poderia simplesmente virar as costas diante do que aconteceu comigo!

Mesmo que as minhas marcas no corpo sumissem, como eu faria com as cicatrizes que ficaram em minha mente?

O teatro da corte finalmente estava chegando ao fim. O veredito sairia no dia seguinte. Meu peito estava apertado. De onde vinha esse medo?

No dia seguinte, entrei na sala do tribunal de cabeça erguida, diante do espocar das máquinas fotográficas sobre cada movimento meu. As perguntas viajavam pelo ar e eu não conseguia prestar atenção em nada. Só pensava no resultado que sairia em breve. Queria olhá-lo diretamente nos olhos quando a palavra culpado ecoasse pela sala. Queria ver aquele rosto perder a cor e ter a certeza que não havia arrependimento nele. Aí sepultaria todos os meus sentimentos para sempre.

O juiz entrou no recinto e sentou-se, encarando cada um dos presentes.

— Podem se sentar.

A tensão pairava no ar.

Todos estavam em silêncio.

Cada um dos advogados deu um parecer final sobre o caso. Paula e Rafael estavam comigo, tentando me dar o apoio necessário enquanto a ansiedade crescia.

Só queria que tudo chegasse ao fim.

Sentia que alguém me olhava. Virei-me rapidamente e vi que era Ricardo que me encarava. Podia ter falado que vi alguma dor ou arrependimento no seu rosto, mas só vi satisfação. Ele sorriu para mim e piscou.

Observá-lo tão seguro de si foi um choque. Até onde suas atitudes poderiam me surpreender? Meus olhos estavam fixos nele, enfrentando os meus piores medos com a força de um simples olhar. Não percebi que o juiz havia começado a proclamar o veredito final da minha alegria ou ruína.

—... E eu declaro o réu INOCENTE das acusações...

Tomei um choque e olhei em direção ao juiz.

— Como assim?

Murmúrios de aprovação se misturam aos pedidos de justiça. Olhei para Ricardo que me mandou um beijo e saiu cercado pela imprensa.

Eu acreditava que a verdade estaria acima de tudo. Como pude ser tão idiota? Sabia que nunca mais teria paz.

Chorando, me joguei nos braços dos meus amigos.

CAPÍTULO 22

Os meses após o julgamentos correram de forma calma. Na verdade até demais, como se estivéssemos em cima de um lago profundo, de superfície aparentemente plácida, mas que guardasse nas suas profundezas os mais turbulentos redemoinhos.

Foi nesses dias, antes de Paula ir embora, que comecei a me fortalecer verdadeiramente, a me tornar a mulher que sou hoje. Ainda bem, pois nas horas mais negras que ainda viriam só pude contar comigo mesma.

Hoje, olhando para trás, eu tenho a mais absoluta certeza de que a vida é um grande tabuleiro, onde jogamos pelas nossas almas. E nessa partida, fui a simples torre que dois reis que se achavam poderosos tentaram derrubar, mas sem que eles sequer pensassem, me tornei uma rainha e dei um xeque-mate em cima de todos.

Lázaro saiu do hospital, finalmente, e para nós foi a primeira vitória depois de tantas perdas. Ainda estava sentado em uma cadeira de rodas, mas agia como se nada houvesse acontecido. Rafael tratava dele com tamanha dedicação que me enternecia. O vínculo que aqueles irmãos tinham era algo inigualável.

Um dia, almoçávamos todos juntos, quando Lázaro me chamou em um canto. Fui receosa do que ele iria me falar.

— Ana, preciso falar com você.

— O que foi?

— Eu não posso mais ser seu amigo...

Meus olhos se encheram de lágrimas. Por que ele estava me dizendo aquilo? No fundo, cada vez que eu o via, me culpava por ele estar naquela cadeira de rodas.

—... enquanto você não parar de se culpar! Pare com isso! Precisamos seguir em frente e viver em paz.

Olhei para Lázaro, surpresa. Ele sempre soube adivinhar o que eu sentia.

— Mas a culpa foi minha...

— Nunca foi culpa sua! Foi de uma pessoa perturbada que graças a Deus lhe deixou em paz. Vamos seguir as nossas vidas.

Eu o abracei, emocionada. Cada acontecimento como esse deixava meu coração em calmo.

RAFAEL

Nem parecia que fazia tão pouco tempo que estava ali! Tanta coisa aconteceu. Vi meu irmão voltar do coma, como num milagre, e as meninas me fizeram ver a vida de uma forma tão diferente do que antes via. Mais a Ana, para falar a verdade.

Desde que peguei aquela mulher, tão frágil e machucada, nos meus braços, senti que tinha de protegê-la. Sei que ela tenta esquecer o que aconteceu, mas ela só esconde no fundo da alma o que lhe dói. De vez em quando, observava-a olhando o horizonte e via uma sombra passar pelo seu rosto. Tinha medo do que ela fosse capaz de fazer. Será que comecei a me importar mais do que deveria? Com tanta mulher, eu tinha que me apaixonar logo por aquela que menos queria ter um homem na vida?!

Bom, independente de qualquer coisa, esperaria. Ela tinha de saber que podia sempre contar comigo.

Além disso, sempre estava de olho no calhorda que a machucou. Arrumei um grande amigo na polícia para me ajudar nessa vigília. Seu nome é Carlos Nunes. Quem vê o detetive Nunes imagina que seja um senhor calmo e tranquilo, com um jeito bonachão, mas mal sabe que ele é um dos melhores policiais em atividade da cidade. Além de ser um exemplo de justiça, algo pessoal o impele a me ajudar a vigiar esse cara: ele perdeu uma filha de dezesseis anos, vítima de estupro. E tenho certeza de que, com a ajuda dele, aquele filho da puta nunca mais chegará perto da Ana. E quanto a minha situação com ela, deixaria acontecer e ver o que daria. Serei o melhor amigo até ela estar pronta. Ai quem sabe, não é verdade?

Rafael e eu levamos Paula até o aeroporto. Todas suas coisas já tinham sido enviadas e ela ficou mais uns dias para ajustar os últimos detalhes antes de ir. Daquela vez, eu não me despedia entre lágrimas, pois sabia que ela estava galgando os seus passos rumo ao sucesso.

Abracei-a apertado. Inesperadamente, ela agarrou Rafael bem forte e pude ouvi-la sussurrar em seu ouvido:

— Cuida da nossa amada direitinho, *tá*?

Ele sorriu e respondeu:

— Pode deixar.

E assim ela se foi para a zona de embarque, com todo o seu andar natural e elegante e aquela beleza que fazia todos pararem para olhar. Seu vulto se distanciou cada vez mais e, com ela, um pedacinho do meu peito.

— Seja feliz...

— Ela será. Nós todos também.

Rafael passou os braços pelos meus ombros e caminhamos de volta para o carro. Como eu gostava de sentir a segurança de seus braços e o cheiro do seu perfume. Não sei se me imaginava sem ele por perto.

Entramos e parei para analisar meus sentimentos. Será que estaria de novo trocando os pés pelas mãos? Confundia a amizade de Rafael com um sentimento que não poderia existir agora?

Sem chance! Seria incapaz de amar algum homem agora. Nunca seria capaz de me despir para Rafael e permitir que ele visse minhas cicatrizes. Seria muito humilhante!

Já estava na hora de parar de me comportar como uma criança e ser uma mulher. Amor somente nos enfraquece. Os relacionamentos nos aprisionam. E eu não iria me submeter àquilo novamente.

Ele me deixou no apartamento e me despedi com um grande abraço.

— Você vai ficar bem, Ana?

— Pode ficar tranquilo, Rafa.

— Ok. Qualquer coisa você me liga.

— Pode deixar...

Entrei em casa, joguei minha bolsa na cama e comecei a me despir, quando o celular começou a tocar. Peguei correndo o aparelho.

“Número desconhecido?” Mesmo sem poder ver quem me ligava, atendi.

— Sim?

Ouvi alguém arfar no telefone. Repetidamente. Um calafrio me percorreu a espinha.

— Quem é? – perguntei, sem demonstrar medo. Mas na verdade, minhas mãos tremiam.

A respiração pesada deu lugar a uma série de gemidos. Sabia quem era e por pouco não joguei o celular longe.

— Gostei de te ver na frente do juiz, minha bonequinha. Parecia tão adulta. Me deu até saudades da nossa última noite.

— Sabe o que me consola? Sei que ainda vou te ver morto, Ricardo. Tente se aproximar de mim e descubra o quanto isso pode ser real.

— Se você, com todas as chances, não conseguiu nem relar em mim, quem dirá agora. Qualquer um

se curva diante da beleza da canção do dinheiro.

Seu tom sarcástico ardia nos meus ouvidos. Mas não fugiria apavorada.

— Quantas pessoas você precisou comprar para sair dessa, hein?

— Quem sabe? – ele respondeu, rindo ao telefone.

Eu sempre soube disso. Se tivéssemos justiça igualitária neste país, a verdade viria à tona. Mas eu sempre fui o elo mais fraco dessa corrente.

— Para que você ligou, Ricardo?

— Só para ouvir você se apavorar aí do outro lado da linha. E para te dar um recado: nossa história ainda não terminou. Eu vou te pegar e vou me vingar de você.

— Você não é homem para chegar perto de mim!

— Você é quem pensa. Na verdade, nada em você mudou. Continua sendo o meu brinquedinho.

— Você é louco, isso sim.

— Espere para ver o quanto eu posso ser louco. Ainda mais agora que você está tão fraca. Acha que não sei que seu namoradinho me vigia? E que ele te deixou em casa e foi embora cuidar do irmãozinho aleijado? A bobona foi embora hoje, não é?

Ouvi suas risadas.

— Como sabe disso tudo? – não podia deixar o meu medo me dominar.

— Se eu respirar mais fundo, poderei sentir o cheiro do suor do seu corpo.

Joguei o telefone longe e corri para a janela. Tinha certeza que era ele quem estava na rua, debaixo de um poste, me olhando fixamente.

Fechei as janelas. Verifiquei as portas, tomei um banho rápido e passei aquela noite inteira sentada na cama, com uma faca nas mãos.

Não contei para ninguém sobre aquele telefonema. Para que dar a vitória a ele nessa partida? Ele era problema meu e iria enfrentá-lo sozinha. Não queria preocupar mais o Rafael e o Lázaro. Afinal, eles já tinham problemas demais.

Mas minha verdadeira história de terror ainda não havia terminado. Eu ainda o reencontraria mais uma vez. E, a partir desse encontro, eu me transformaria em um ser sedento de sangue e fúria.

CAPÍTULO 23

Comecei a me dedicar exclusivamente à fotografia novamente. Extravasaria meu medo e dor através das imagens que eu captava. Achei bem melhor transformá-los em alguma coisa boa do que ficar trancada no quarto, apavorada com tudo.

Como o próprio Lázaro previu, criei minhas asas no momento certo e montei o meu próprio estúdio, e, aos poucos, ganhava meu espaço no mercado. As imagens que captava nas horas vagas já estavam selecionadas para outra exposição, que eu iria lançar em breve.

Em um sábado à noite, fui para a casa de Lázaro, e agora também de Rafael. Era incrível como ele se adaptou ao nosso ritmo. E eu, mais do que nunca, me apoiava naquele amigo especial.

Acabei não dizendo nada sobre a ligação de Ricardo. Trazer à tona todo o acontecido só iria tornar sua sombra perversa novamente presente em minha vida. E eu não queria aquilo para nenhum de nós. Lá pelas dez horas da noite, decidi ir embora. Rafael foi comigo até a porta do carro. Deu-me um grande abraço e murmurou:

— Estarei sempre por perto, ok? Não vou te abandonar.

Sua proximidade me dava uma sensação estranha no peito. Sentia os grandes braços dele em volta do meu corpo, como se um escudo me protegesse do mundo. Aconcheguei-me no ombro dele.

— Eu sei.

Ergui a cabeça e nos olhamos. Nossa respiração pairou no ar, cheio de palavras não ditas e desejos querendo se cumprir.

Ele me beijou, sem que eu esperasse. No começo fiquei tensa, mas a maciez dos seus lábios me trazia suaves sensações. Aquela boca tinha gosto de tentação. Por isso me entreguei.

O beijo se aprofundou e suas mãos me carregaram para sua direção. Não conseguiria resistir. O que ele me pedisse naquele instante, teria.

Foi quando um trovão ressoou no céu, parecendo me livrar do encanto dele. Abaixei a cabeça e me virei em direção ao carro.

— Preciso ir.

— Tem certeza? Se eu fiz algo errado...

— Agora não quero falar sobre isso.

Entrei no carro e acelerei.

Que droga, por que eu tinha de fazer essa besteira? Destruir uma amizade maravilhosa com um beijo? Não queria me relacionar agora. Precisava do meu amigo, não de um novo namorado.

Estava perdida nesses pensamentos quando, para completar, meu carro falhou. Fui pegar o celular e a bateria havia acabado.

— Que droga!

O céu escurecia com uma tempestade que se aproximava, meu carro estava quebrado e eu sem

celular. O que poderia ser pior? Pois é, esse foi só o começo. O inesperado nem sempre acontece a nosso favor...

Todos naquele ano ouviram as notícias sobre um tenebroso vendaval que assolou a cidade. Na verdade, a imprensa nunca conseguiu traduzir em palavras a dimensão do pânico de quem esteve em meio à tempestade. Pois foi exatamente nessa situação que o mau tempo me encontrou. E eu me senti como se as mãos frias da morte chacoalhassem tudo ao meu redor.

O vento e a chuva com granizo começaram sem aviso. Eu pulei para dentro do carro e girava as chaves no contato, sem sucesso. Os vidros eram elétricos e sem a colaboração do veículo eu não conseguia subi-los. A chuva entrava pelas janelas sem dó, me deixando com um frio de gelar os ossos.

Dentro do carro, comecei a rezar para que aquilo acabasse logo. Mas, ao contrário do que eu pedia, as águas aumentavam cada vez mais. Eu estava em uma das principais avenidas da cidade, onde um rio dividia as duas vias. Por isso, meu pavor aumentou ao ver a água ganhar força e começar a transbordar.

A luz da cidade se apagou e eu gritei, involuntariamente. Gritos começaram a soar do lado de fora, junto a ruídos estridentes do que era levado pelo vento. Em algum lugar próximo, alguém chorava.

Girei a chave mais uma vez, num gesto de desespero. E o carro colaborou, graças a Deus. Acelerei, querendo sair dali, sob a luz dos faróis altos, mas esta transformava as gotas de chuva em uma parede branca.

Repentinamente, houve um estrondo à minha frente. O vidro se espatifou e um galho entrou no carro. Uma árvore havia caído sobre mim.

Com o impacto, me senti zozza. Não sabia mais onde estava. A única certeza que tinha era que a água não parava de invadir o veículo. Depois, não me lembro de mais nada.

RICARDO

Estava tão bêbado naquela noite da tempestade que nem vi quando a energia acabou e a tempestade começou. Você acha que aquela merda para mim tinha alguma importância?

Quando a chuva pareceu parar um pouco, a galera que estava na festa resolveu dar uma volta para ver os estragos na cidade. Por que não?

Entrei no meu carro e comecei a segui-los. Aquela festinha já estava me entediando e estava muito a fim de ir para casa. Não tinha nada interessante para catar lá. Pelo menos o uísque era de qualidade. E as drogas também.

Estava em uma avenida, apreciando o estrago. Como queria ser Deus durante um ato desses! Destruir as coisas ao mais simples gesto, ceifar vidas com um simples fechar de olhos!

Foi aí que vi um carro que me chamou a atenção. Ele estava meio torto, em um dos lados do acostamento. Os faróis estavam acesos, sendo assim eu conseguia ver em todos os detalhes a árvore que entrava nele, destruindo tudo.

“A verdadeira força da natureza está em destruir tudo em que toca”, murmurei, sorrindo. Como as coisas são boas para mim! Estava reconhecendo aquele carro.

Desci e, em meio à lama, caminhei para lá. Abri a porta do carro dela e vi sua cabeça jogada no banco do passageiro.

— Bingo!

A noite voltou a ter boas chances de diversão.

— Venha para o papai, bonequinha.

Coloquei-a no meu carro e saí dali tranquilamente. No meio daquela confusão, sem energia na cidade, quem iria perceber alguma coisa?

Minha mente começou a fervilhar, cheia de ideias. Limpei os cacos de vidro da cara dela.

— Hoje vou te dar uma bela surpresa, minha boneca. Um presente que você vai lembrar por toda a curta vida que lhe resta.

Fui para casa, cheio de felicidade.

CAPÍTULO 24

Acordei repentinamente, assustada. Junto com a consciência, a cabeça começou a doer terrivelmente. Aos poucos lembrava o que aconteceu: a chuva, o carro quebrado, o choque, os galhos. Quanto tempo eu teria ficado desmaiada?

Minha visão aos poucos voltava a entrar em foco. Eu só tinha certeza de que o dia havia amanhecido por causa do sol que entrava pela janela.

Janela? Onde eu estava?

Foi só então que me dei conta que estava só com uma camiseta, deitada em uma cama. Será que alguém havia me salvado? Se fosse, por que não me levar para um hospital? E por que estava vestida daquele jeito?!

Olhei para o lugar e, apavorada, reconheci onde estava: um quarto que já havia considerado como meu. No apartamento do Ricardo.

Tinha que sair dali. Tentei me mover, mas não pude. Ele havia me amarrado. Ergui o corpo, mas conseguia fazer pouca coisa com as mãos atadas às costas. Meus pés também estavam atados. Tinha de pensar rápido.

Como ele havia conseguido me pegar? Estava cansada dessas infelizes coincidências, parecidas com roteiro de novelas B. Mas o meu risco de morte era real.

Tentei me remexer, afrouxar os nós, mas foi em vão. Vasculhei com os olhos todo o quarto, procurando algo que me ajudasse a fugir dali. Minha cabeça trabalhava febrilmente à procura de uma solução.

Até que avistei a mesa de vidro no canto do quarto. Lembrava-me de quantas vezes nós brincávamos que aquela mesa poderia cortar nossos dedos fora. Se eu conseguisse passar a corda ali, quem sabe tivesse uma chance.

Coloquei os pés para fora da cama e fui deslizando vagarosamente, até conseguir ficar de pé, apoiada no colchão. Fui aos poucos em direção à mesa, arrastando os pés no tapete com os poucos movimentos que eu tinha. Manter o equilíbrio acima de tudo era o meu principal desafio. Sabia que se caísse no chão, ou pior, em cima da mesa, poderia me machucar seriamente.

Primeira etapa vencida. Agora, deveria virar lentamente. O suor descia pelo meu rosto e ardia em meus olhos. Não havia nada que poderia fazer ali, sem ser me concentrar no que estava fazendo.

Pronto! Em seguida, reclinei o corpo em direção à quina da mesa e comecei a raspar a corda na ponta. Força! Senti um pedaço do vidro se quebrar e entrar o meu pulso, mas não poderia desanimar naquela etapa do processo. O sangue se misturou ao suor, mas não sentia dor. A única emoção que veio a mim foi a alegria quando a corda finalmente cedeu.

Peguei a cadeira e me sentei. Peguei o caco do vidro que estava no chão e cortei a corda dos pés. Livre, enfim. Se Ricardo pensava que ainda lidava com aquela garota frágil que ele violentou, estava

muito enganado.

Vi minha roupa dobrada metodicamente ao lado dos meus sapatos, em um canto, e a vesti rapidamente, tentando me manter o mais silenciosa possível.

Abri a porta e saí do quarto. Fui em direção à sala. Estava com medo de que ele aparecesse na minha frente a qualquer momento. Ouvi um ruído logo adiante e voltei para a escuridão do corredor.

O duro é que não sabia nem como sairia dali. Meu carro devia ter ficado jogado na avenida.

Meu Deus, o que Rafael iria pensar? Que fui levada pelas chuvas?! Tinha de avisá-lo que estava ali!

Mas como?

Lembrei-me da porta de serviço. Teria que fugir novamente pela escada, onde minha vida mudou drasticamente. Mas desta vez ele não iria me alcançar.

Corri para a cozinha. E dei de cara com Ricardo sentado na mesa. Mais lindo e maldito do que nunca!

— Já acordou, meu bem? – ele me encarou, com aquele sorriso que eu odiava. Só que dessa vez, eu iria enfrentá-lo. Já sabia todo o mal que ele poderia me fazer. Não iria me surpreender com nada.

Ele estava estrategicamente colocado no caminho, impedindo-me de chegar até a minha chance de liberdade.

— Eu vou embora, Ricardo. Agora.

— Não vai não, bonequinha.

Pelo canto dos olhos vi que a chave da sala estava na mesa. Se eu pegasse e corresse, teria uma chance. Foi o que fiz.

Ele correu atrás de mim. Pulei pelo sofá, a fim de alcançar a porta o mais rápido possível, mas ele foi esperto e me agarrou pelo calcanhar.

Caí com força no chão. Encurralada, gritei por socorro.

— Você sabe que aqui ninguém vai te ouvir.

Ele começou a me puxar pelas pernas de volta para o quarto.

— Você ainda me ama. Para que lutar, Ana?

Eu parei de me mexer. Tinha de mudar de tática. O que lhe dava prazer era a sensação de poder diante do meu medo. E se deixasse Ricardo acreditar que poderia ter tudo o que quisesse de mim?

Ele estancou no início do corredor, como se eu não estivesse mais ali. Divagava, perdido em pensamentos.

— Quero provar do seu sangue de novo, só isso. Terminar o que comecei. Depois eu te mato e jogo no rio. Não é lá que eles vão achar mesmo que você está? E os sentimentos? Gente morta não sente mais nada...

Assustada, vi que ele estava bem pior. Ele falava mecanicamente, sem demonstrar emoção. Como se eu não importasse mais.

— Ricardo, quero você...

Por um momento suas palavras diminuíram de volume, depois pararam. Ele se virou para mim, bruscamente.

— O quê?

Enfiei a minha mão dentro da minha calça.

— Eu quero você.

Os olhos dele brilharam. Ele não iria mais me usar. Nunca mais.

Ele me deixou levantar. Joguei-o no sofá e sentei em cima dele, de frente. Ergui a minha blusa e

coloquei suas mãos em meus seios. Senti a sua excitação aumentar sob mim. Hoje eu estava no comando.

Coloquei a cabeça dele entre meus seios. Ele começou a lambar com força os meus mamilos e me segurava pelas costas. Com uma mão eu apertei sua cabeça contra o meu peito, e com a outra peguei um enorme cinzeiro de prata que estava ao meu alcance, do lado do abajur. Lembrei de que quando ganhei aquele cinzeiro brinquei com Paula dizendo que aquilo poderia matar alguém se acertasse na cabeça. “Tomara que seja verdade.”

Estava tão fria aos seus toques que não hesitei. Tirei sua boca dos meus seios.

— Quero um beijo.

Ele olhou para mim. E bati na cara dele com o cinzeiro, com toda a força que eu tinha.

Foi tudo muito rápido. Ele nem soube o que o atingiu.

— Se sair desta inteiro, seu louco, pense bem antes de chegar perto de mim. Ou eu te mato!

Ele ainda lutava contra a inconsciência. Tentou me segurar, já sem forças.

— Bonequinha...

Virei-me furiosa. E chutei com toda força sua boca.

— E nunca mais me chame de boneca. Repetitivo!

Sua cabeça bateu no chão com força. Ele não se mexeu mais.

Saí do apartamento e tranquei tudo, com a maior calma do mundo. Ele demoraria um pouco para acordar. Se acordasse. E depois teria trabalho para sair dali.

Só respirei aliviada quando estava na rua.

Tirei os sapatos e fui até um hospital. Meu corpo inteiro doía e naquela correria doida poderia ter feito algum machucado mais sério. Foi de lá que liguei para o Rafael, pedindo para vir me buscar.

Ele chegou pálido, poucos minutos depois.

— Graças a Deus, Ana! – ele me abraçou com força. — Como chegou aqui?

— Estava indo para casa quando o carro pifou do nada. Só consegui fazê-lo funcionar com a chuva já alta. Só que uma árvore caiu em cima dele. Eu acho que desmaiei. Quando acordei, só pensava em procurar ajuda. Foi assim que acabei vindo parar aqui: um senhor muito gentil me ofereceu carona.

— E onde ele está? Quero agradecê-lo.

— Eu também queria, mas não o vi mais.

Eu odiava mentir para o Rafael, mas foi instintivo. Uma ideia se formava em minha cabeça.

Toda hora eu relembrava Ricardo sob o meu controle. Como os homens são previsíveis. Por causa de sexo, eles falhavam, abaixavam a guarda. O sexo para o homem era inebriante, como uma droga fatal.

Os meus pensamentos tomaram um rumo tão cruel, que até hoje penso como fui capaz de fazer tudo aquilo. Só o mal impediria o mal. Ricardo pararia só quando estivesse morto. Seria um alívio para todos. Mas como? Fiquei pensando, alheia aos carinhos de Rafael. Tinha de achar uma maneira de fazer aquilo.

Foi quando uma revista me chamou a atenção. Estava entreaberta no sofá e, por um momento, pensei reconhecer um rosto por ali. Desvencilhei-me dos braços de Rafael e a abri. “Rodrigo Gomes e o Deputado Estadual Vladimir Torres” era a legenda da foto de uma grande festa que reunia todas as figuras importantes da sociedade.

Então agora Rambo estava em meio aos altos escalões? Quantos esquemas de lavagem de dinheiro ele estaria coordenando para os ricos e famosos? Somente o tráfico não dava mais lucro?

Bem, parece que o “senhor Rodrigo Gomes” tinha conseguido criar uma fachada de bom moço. Só queria saber a custa de quantas vidas.

Quantas pessoas ele tinha matado?

Um sorriso me iluminou o rosto. Combater o mal com o mal.

Naquele dia recebi meu batismo de fogo. Nele, deixei nas chamas a menina doce e inocente que havia sido. Surgia uma arma inclemente de vingança. Aniquilaria os dois com um só golpe. Sem misericórdia. Se o ponto fraco daqueles homens era o meu corpo, iria enlouquecê-los de desejo. Extremamente sedutora. Mortalmente enganadora.

Homens guiados pela excitação eram fracos. Ricardo só havia confirmado isso. Ele nunca imaginaria que eu o atacaria.

Surpreender sempre. Esse é um fator essencial. Eles seriam usados, como eu fui. Iria tecer uma teia e enganá-los tão habilmente que eles só cairiam em si quando não tivessem mais como fugir.

O primeiro seria Rambo. Com ele ao meu lado, a morte seria o instrumento necessário para o próximo passo: Ricardo, o falso anjo. Eles gostavam de brincar? Mostraria o quanto isso também me diverte.

Meninos, bem-vindos ao jogo, cuja sedução é a melhor arma de vingança.

Só então me dei conta de Rafael, me fitando pensativo. Teria de me afastar dele e de todos os que amava. Aquele batalha seria entre nós três apenas. Não queria fraquejar diante de outras pessoas queridas.

E eu estava disposta a ver o sangue rolar. Queria enganar, mentir, trair e magoar. Acabaram-se naquele dia os meus limites e pudores.

A vingança estava à solta. E vamos ver quem seria o vencedor.

4ª PARTE 4
VINGANÇA

CAPÍTULO 25

Fiquei tão centrada em meus planos que acabei me afastando de tudo, naturalmente. Cada atitude minha era sem emoção, tanto no pessoal quanto no profissional. Minha mente era alimentada só pelo desejo de que tudo se concretizasse rápido. Acreditava que assim encontraria a paz que tanto ansiava.

Percebi que Rafael havia notado a minha mudança. A todo o momento pegava seus olhos sobre mim, tentando saber o que estava acontecendo.

Eu estava precisando de um tempo para acertar minha vida em relação a ele. Depois daquele nosso beijo, vi que não era exatamente amizade o que sentia por ele. Exatamente por isso era a hora exata de afastá-lo. Por mais que me doesse, ele e Lázaro não poderiam se envolver na sujeira que eu estava entrando. Ele perto de mim poderia significar fraqueza e, conseqüentemente, minha derrota.

Quando ele apareceu no meu apartamento sexta-feira, sabia que era a ocasião ideal. Tentava não olhar seus olhos suaves e aquela boca que, por mais que parecesse loucura, eu tinha a certeza de que queria beijar novamente.

— Rafael, precisamos conversar... — nem esperei que ele se sentasse.

— Sobre o quê?

— Nós. E aquele beijo.

Ele me olhou, sério.

— Pode falar, Aninha.

— A gente não deveria ter dado aquele beijo, Rafael. Você tem noção de como anda a minha cabeça nesses últimos tempos?!

Uma sombra de tristeza percorreu o seu olhar.

— Eu não diria isso...

Tinha de ser fria. Magoá-lo para afastá-lo.

— Você diria o que, então? Que é o meu protetor? Que acha que terá de ficar comigo a vida inteira como um guarda-costas? Eu não preciso disso. E não quero!

Ele estava pálido. Sabia que o estava ferindo fundo, mas não podia parar.

— Quer saber? Acho melhor a gente parar de se ver, senão vai ficar pior. Pode deixar que passo na sua casa para ver o Lázaro somente nas horas em que você não estiver.

— Por que isso, Ana?

Vê-lo daquele jeito estava me matando. Por que tinha de ser tão difícil? Quando eu finalmente acho um cara decente que me quer, tenho de mandá-lo embora?

— Porque, Rafael, não aguento mais ver a forma que você me olha, confundindo tudo. Eu não te amo como você quer. Preciso viver e não quero ninguém na minha vida agora.

Ele pensou em dizer alguma coisa, mas se calou. Foi em direção à porta. Repentinamente, se voltou

em minha direção.

— Não gostei dessa Ana que eu vi... Má.

Só me sobrou o vazio. Comecei a chorar.

Era melhor assim. Se alguma coisa acontecesse, ele seria poupado. Agora era só dar continuidade aos meus planos. Tinha que ir até o fim.

RAFAEL

Nunca imaginei que iria doer tanto! Sabia que aquele beijo poderia tanto ser recompensador ou destruidor. Não me dei conta que poderia perder todas as minhas chances de ficar perto dela daquele jeito. Por que tinha de ter feito aquela cagada?

Sabia que nunca conseguiria deixá-la sozinha. De uma forma ou de outra sempre estaria por perto, até que ela ficasse bem e feliz.

Se não fosse comigo, teria que superar. Mas, antes de tudo, eu me conhecia. Sabia que não me daria por rendido. Desistir sem lutar não fazia parte dos meus planos. Iria vigiá-la de longe e, quando não pudesse, perguntaria a Nunes se algum oficial poderia fazer isso na surdina.

Algo não estava encaixando naquela história. Eu vi a dor com que ela falou cada palavra, sem me olhar nos olhos pela primeira vez. Ela sentia alguma coisa por mim, tinha certeza. Meu faro de jornalista sabia que vinha bomba por aí e o máximo que eu poderia fazer era minimizar os danos.

Estava na hora de dar o primeiro passo.

Naquele sábado, tive um dia atribulado no estúdio. Assim que tive um instante de folga, peguei o telefone. Fazia tempo que eu não discava aquele número. Surpreendi-me que ainda o soubesse de cor.

— Alô.

Ouvir aquela voz me deu a certeza que agora não havia mais como voltar atrás. Sorrindo, respondi com a voz mais *sexy* possível ao chamado da morte.

CAPÍTULO 26

RAMBO

Estava na beira da piscina com alguns políticos, discutindo negócios. Lógico que o meu produto não poderia estar de fora: duas carreiras brancas estavam sumindo rapidamente pela narina de um deles. A diversão tem de agradar a todos.

Tinha de tratá-los bem, afinal financiar o poder é a melhor maneira de se lavar dinheiro. E se molhar as mãos certas, ninguém te pega.

Pois é, já estou muito diferente do pivete sem-vergonha que era o “avião” dos malucos da favela. Quem me visse ali, sentado em meio aos grã-finos, com uma gostosona no colo, nem imaginaria que saí do buraco.

Foi lá, naquele barraco miserável, com uma mãe que se matava de trabalhar e um pai que nunca conheci, que os moleques me apelidaram de Rambo, apelido que ainda uso para fazer meus serviços. E a galera respeita e teme.

Sem grana, comecei desde moleque no mundo da bandidagem. Em vez de ficar em roubos pequenos, sempre pensei grande e nunca deixei ninguém me pegar. E foi ganhando a confiança dos caras certos que cheguei onde compensava ter amizade no tráfico.

Ficar rico foi só uma questão de tempo. E não ter escrúpulo de matar a própria mãe por causa disso também. Não que eu tenha matado a minha.

Matar os chefões que confiam em você também ajuda. Cresci na parada e ganhei visibilidade, mas tive que matar muita gente para chegar onde estou.

Agora estava de boa. Expandi meus negócios: abri uma firma de exportação para dar um jeito de legalizar a grana que eu tenho. Possuo os contatos certos, o carro do ano, a mina mais gostosona. Bom, não posso negar que já fiz muita merda também. Tipo usar a droga que vendia. Mas hoje estou de boa. Consigo só vender aquela merda em vez de cheirá-la inteira.

Estava me sentindo o próprio mafioso de filme estrangeiro. A última coisa que fiz foi a melhor: estava a fim de um bicho de estimação. Sabe, aqueles que o povo gosta de ter para mostrar para os outros?

Mas eu não sou igual aos outros. Por isso, mandei meus moleques roubarem uma onça do zoológico daqui. Ninguém toma conta dos bichanos mesmo. Assim, dou um jeito de sumir com os corpos dos caras que tentarem me ferrar.

Fiquei rindo sozinho, vendo aquele bando de velhos tentando puxar o meu saco. Como era bom ter grana.

De repente, meu celular tocou. Não reconheci o número.

Tirei a mina do meu colo e pedi licença para atender.

— Alô?

— Uma surpresa se adivinhar quem é.

Não sabia quem era, mas que estava me dando uma vontade louca de descobrir, isso estava. Principalmente na cama.

— Fala para mim quem é. Depois a gente resolve o negócio da surpresa.

— Sou eu, Rodrigo. Ana. Não reconhece mais a voz que tanto gemeu no seu ouvido?

Caraca! Será que ela tinha finalmente caído na minha de novo?

Ana era uma das poucas mulheres que perdi por causa do quesito “cagada”. Curtia ela, apesar de ser mais uma da minha lista. No começo até pensei que gostava dela, mas amor é uma coisa que não faz parte da minha vida. Só poder e dinheiro.

Ela, além de ser muito gata, era boa de cama e inteligente. Mas a bendita da droga fudeu com a minha cabeça e, para variar, deu tudo errado.

— Fala, delícia! Voltou a pensar no grandão aqui?

Ê dia perfeito!

— Voltei.

— Está tudo bem, gata?

— Muito melhor agora.

Como ela estava diferente. Aquela voz carregava uma tensão sexual que me dava cada ideia. Ela sempre soube como me dar vontade. Mas por que ela havia resolvido me ligar? Para quem estava até uns tempos atrás com namorado e me batendo, até que estava bem mansinha.

— Vi sua foto na revista – ela continuou.

Estava explicado, só estava afim da minha grana, a vagabunda. Mas não é por isso que vou deixar de me divertir. Afinal, seria uma boa desfilar com uma mulher como ela agora. Imagina andar com aquela morena entre os ricos?

— Ué, cadê o cara que você namorava?

— Não namoro mais ninguém.

— Ah, legal. E me ligou a fim do quê?

— Você. – ela respondeu suavemente.

Realmente as coisas haviam mudado.

— Quando você quiser.

Ela riu. Sentia sua respiração acelerada no telefone.

— Por mais que eu tenha ficado magoada por você ter ferrado tudo, quero te ver. Acho que a gente deveria se resolver como adultos que somos. Tentar te odiar não vai me levar a nada.

— Parei com a droga faz tempo, Ana – falei de repente.

— Jura?

Por um momento ela pareceu não acreditar.

— Juro, gata. Estou limpo. Vida nova.

— Podemos nos ver hoje, Rambo?

— Você é uma das poucas mulheres que passaram pela minha vida que conhece esse meu apelido. E não tem medo dele.

— Eu conheço mais coisas suas do que todo mundo. E você sabe disso.

— Ê, eu sei.

Aquela mulher conseguia abalar minhas estruturas de homem. Tinha de tomar cuidado.

— *Vamos nos ver hoje? – ela quebrou o silêncio.*

— *Por mim, tudo bem.*

— *Anote o meu endereço.*

— *Até que foi fácil arrumar esse encontro tão repentino. – Mal percebi que tinha pensado aquilo em voz alta e ela tinha ouvido tudo.*

— *Nem sempre é ruim ser fácil – ela me respondeu e desligou.*

Fiquei olhando o celular desligado. Agiria com cautela com ela. Desconfiar, para um homem como eu, nunca era demais.

Adoraria correr este risco. A noite com certeza seria deliciosa.

Quando a noite caiu, comecei a me arrumar. Com uma roupa bem justa e insinuante, devidamente maquiada e os cabelos arrumados, estava do que jeito que queria: simplesmente *sexy*.

Aprovava o resultado em frente ao espelho, quando a campainha tocou. Fui atender pensando em quem poderia ser.

Quando abri a porta, vi Lázaro na minha frente. Ele já não ficava mais na cadeira de rodas. Andava aos poucos com um par de muletas e tinha esperança de que sua recuperação seria breve.

Ele foi entrando no apartamento e se sentou com alguma dificuldade no sofá.

— O que está fazendo aqui, Lázaro?

— Rafael me contou tudo o que aconteceu entre vocês. O que está acontecendo, Ana? Conheço cada atitude sua e isso não está certo. O que está armando?

— Como assim, armando? O Rafael te trouxe?

— Não, ele nem imagina que estou aqui. Vim de táxi – ele me analisava. — Esta não é você. Nem nas roupas ou palavras rancorosas. Você está planejando algo e tem a ver com o Ricardo, não é? Você acha que me engana?

Pensei em inventar uma desculpa, mas me senti pressionada e sabia que ele me conhecia bem, saberia se eu estivesse mentindo. Por isso contei toda a verdade, desde o começo.

Vi o rosto de ele empalidecer com cada coisa que eu falava.

— Isso é loucura! Você não pode fazer isso!

— Posso, sim! E vou fazer, Lázaro!

— Você está se arriscando demais!

— Eu não vou parar com isso! E te peço que se mantenha afastado.

Reconheci em seus olhos que ele me entendeu.

— Por isso tirou o Rafael da sua vida?

Virei as costas e assenti com a cabeça em silêncio. Ele me surpreendeu. Ficou em silêncio por alguns instantes.

— Tudo bem, vou deixar você fazer isso. Afinal, não posso deixar o cara estragar com a vida de outros como ele fez com a gente.

Abracei-o.

— Obrigada, Lázaro.

— Mas ao primeiro sinal de coisa errada, falo para o Rafael e para o detetive amigo dele, o tal do Nunes, ok?

— Sim.

— Uma última pergunta. Não se arrepende de ter mandado o Rafael embora?

Fui extremamente sincera com ele.

— Sempre.

Ele esboçou um sorriso.

— Sinto que vocês ainda vão ficar juntos.

— Não posso pensar nisso agora, Lázaro.

— Tudo bem, Ana. Qual será o seu próximo passo?

— Vou me encontrar com o Rambo para jantar.

- Quando?
- Ele deve estar chegando.
- Isso quer dizer que preciso ir embora?
- Sim.

Eu o ajudei a se levantar.

- Tome cuidado e boa sorte.

Antes de se despedir, ele tentou argumentar pela última vez.

- Se quiser voltar atrás, ainda dá tempo.

- Eu vou até o fim.

- O duro é que eu sei disso.

Sabia que ele estava desesperado com a minha decisão, mas já não tinha volta.

Pouco tempo depois que ele foi embora, Rambo chegou.

Ficamos em silêncio no carro até chegarmos ao restaurante. Ele havia reservado uma mesa. Sentamos e conversamos frivolidades durante um bom tempo. Enquanto Rambo falava sobre sua vida, o quanto havia mudado, resolvi virar o jogo. Do que me interessava sua ladainha de bom moço? Não combinava com ele.

Fingindo que o escutava, tirei o sapato em silêncio e comecei a subir o pé lentamente pelas suas pernas, até chegar onde eu queria.

Ele engasgou ao primeiro contato, mas não se afastou.

- O que está fazendo, Ana? – perguntou tenso.

- Relaxe e aproveite.

Sentia-o crescer rapidamente ao toque do meu pé. Como os homens eram previsíveis.

Ele nunca iria pensar que seria capaz de fazer aquilo. Sua cara era de espanto, mas na verdade ele estava gostando, e muito. O vi relaxar e abrir as pernas para que eu pudesse tocá-lo melhor.

Meu pé se mexia tranquilamente, no ritmo ideal para deixá-lo louco. Ouvi-o arfar, em meio à suave música que cercava o ambiente.

- Quero te levar embora daqui. Agora! – ele pediu, com um tom de urgência.

- Ótima ideia.

Tirei os pés rapidamente, cortando o clima.

Ele pagou e me levantei para irmos embora. Ri, vitoriosa, ao ver ele me abraçar por trás na saída do restaurante, escondendo a sua excitação que parecia que ia arrebentar as calças.

Tudo estava saindo como eu queria. Aquele otário mal perdia por esperar.

Entramos no carro: ele explodindo de desejo e eu, como uma rainha de gelo, pronta para colocar a minha vontade para ser obedecida naquela noite.

CAPÍTULO 27

O bobo mal esperava a hora de me jogar na cama. Dirigia como um alucinado, sem se importar com os sinais vermelhos que pegava pelo caminho.

Mal entramos na sua casa, ele enfiou a mão debaixo do meu vestido e me agarrou com vontade. Acompanhei seus intensos beijos, abri sua camisa com violência, estourando os botões. Lambi o seu peito e mordi a ponta dos seus mamilos até ouvi-lo gemer sem controle.

— Você está me deixando louco, gata.

— Nem fiz nada ainda.

Abri sua calça e apertei seu membro com vontade, brincando com ele. Sua excitação aumentava cada vez mais.

Fomos para o quarto e ele me jogou na cama. Tirei o vestido.

— Vem cá.

Ele se aproximou e eu o puxei para cima de mim. Subi em cima dele. Arranquei de vez sua calça e sua cueca. Beijei sua boca e pescoço. Suguei com vontade os seus mamilos, fazendo aquele corpo bruto se arquear sob meu toque. Meus dedos brincavam com o seu sexo, o deixando descontrolado.

Desci com a boca pelo caminho de pelos abaixo do seu umbigo. Roci seu sexo pela minha face e aspirei o seu cheiro de cio. Aquele homem já era meu!

Ele tentou tirar minha calcinha. Havia chegado a hora.

Beijei levemente a ponta do seu membro que parecia prestes a explodir, apontando para o teto. Como uma parte tão pequena do corpo pode determinar todo o sentido da vida dos homens?

Levantei-me da cama, repentinamente, e fui em direção à saída.

— Por hoje é só, meu querido. Preciso ir embora.

Ele me olhou com cara de choque.

— O quê? Está de brincadeira, né?

— Não. Até depois. — peguei minhas roupas na mão e lhe mandei um beijo da porta do quarto.

Ele veio correndo, nu. Eu fui para o banheiro me vestir e deixei-o vir atrás de mim.

Ele me esperou sair do banheiro. Sua cara não conseguia negar que estava com muita raiva.

— Você vai me deixar assim?

— Claro.

Peguei a bolsa que havia deixado no sofá quando ele me segurou pelos braços. Levou-me aos empurrões até uma varanda, onde eu vi a coisa mais louca da minha vida. Uma onça negra, maravilhosa, andava inquieta em uma grande jaula. Como em um filme de Hollywood, seu grosso pescoço tinha uma gargantilha de diamantes.

Comecei a rir, completamente esquecida da situação.

— Uma onça, meu querido?! Você adora que botem as garras de fora mesmo, não?

Ele me encostou de costas, em uma mesa que havia por lá. Seu corpo me pressionava com vontade.

— O que me impede de jogá-la para ela se você não me obedecer agora? – ele sussurrou no meu ouvido, mordendo minha orelha. — Você vai voltar para aquele quarto agora ou...

Desvencilhei-me dele e invertemos a posição. Eu estava no comando ali.

Comecei a tocá-lo do jeito que ele queria.

— Ou o que, delícia? Vai me bater, me matar? Não vai fazer isso. Sabe por quê? Porque você nunca me quis tanto como agora – passei a língua pela sua orelha. — Você quer o meu corpo, mas não será agora. Será do meu jeito. Pelo meu preço.

— Seu preço? – ele respondeu, entre gemidos. — Peça o que quiser, eu faço agora. Só não pare!

Sentia no corpo dele que faltava tão pouco. Por isso parei. E ele explodiu em um gozo solitário em direção ao chão frio.

— Na hora certa você vai saber.

Beijeí sua boca e saí antes que ele falasse mais alguma coisa.

— Vou mandar um dos meus homens te levar – ele gritou.

Eu esperei. Como um gato insinuante ele se aproximou e me deu um longo beijo. Sabia que iria conseguir que ele realizasse a minha vingança. Era só saber levá-lo pelo caminho certo.

Tinha certeza que ele estava surpreso com a nova mulher que surgiu diante dos seus olhos. Ele estava completamente preso. Meu plano estava correndo melhor do que imaginava.

RAMBO

Após vê-la ir embora, continuava completamente surpreso com o rumo que as coisas tomaram naquela noite. Não tinha conseguido o que desejava, mas vi que a recompensava seria grandiosa. Aquela mulher sabia como me provocar e eu tinha certeza que faria qualquer loucura para conseguir o que queria. Tinha de possuí-la. O preço não importava. Parecia delírio, mas sabia que não poderia ficar sem experimentá-la. Se aquilo que ela havia feito comigo era só um aperitivo, queria o banquete inteiro!

Deixei passar um mês sem dar notícias. Todos os dias via uma mensagem nova dele no celular. Chamou-me para sair várias vezes, mas eu recusei de imediato, alegando estar com a agenda muito ocupada. Havia aparecido duas vezes no meu prédio, mas pedia para o porteiro dizer que eu não estava.

De vez em quando, satisfazia a ânsia dele, dizendo coisas quentes pelo telefone, deixando a imaginação dele fluir pelas coisas mais sensuais e devassas. Outras vezes nem o atendia e sabia que isso o deixaria muito irado. Para controlar um homem, impeça que ele raciocine.

Certo dia, estava chegando ao meu prédio quando o porteiro me entregou lindas flores e um convite, bem elegante por sinal. Era de Rambo, me convidando para uma festa em sua casa.

Seria um evento elegante, pelo estilo do convite. Sabia que seus contatos importantes estariam lá e ele teria de se controlar perto de mim, afinal não poderia dar vexame. Dessa vez eu iria. Virar um pouco mais a cabeça dele poderia ser uma boa.

Sentei em frente ao computador antes de fazer qualquer coisa. Por que não apimentar um pouco as coisas?

Nunca imaginei que num simples digitar de palavras no *Google* acharia tantas opções para *sites* de acompanhantes. Nomes sugestivos, corpos definidos, prazeres inimagináveis.

Já sabia o que queria. Um clique na mão e um telefone na tela. Vamos ver como ele reagiria a me ver com outro.

RAMBO

A festa estava correndo muito bem. Nada fora do lugar. Mas a única coisa que ficava na minha cabeça era aquela danada e quando surgiria a oportunidade para levá-la para a cama.

Isso estava ferrando com a minha cabeça! Um dia ela me atendia, no outro ela sumia. Podia parecer a mais santa das mulheres ou a mais cachorra das vagabundas. Ana havia se tornado uma caixinha de surpresas.

Achei que aquele seria mais um convite recusado. Que pena, mais um cano que tomo! Parabéns, Rodrigo, de quatro por uma mulher com outras tantas dando sopa por aqui. Mas o melhor gosto é o daquilo que não é fácil.

Vi que começou uma pequena comoção na entrada da festa. O que seria? Ela havia chegado. Meu, que mulher era aquela. Muito elegante em um vestido longo, vermelho e solto, um pouco para baixo dos joelhos. Havia cortado seus cabelos, na altura do pescoço, mostrando aquela suave pele nua que eu tanto queria lambar. Havia mudado a cor do cabelo também. Algo parecido com chocolate. Como eu queria devorar aquela mulher!

Quando ia ao seu encontro vi que ela estava acompanhada, com um cara contra o qual eu não tinha como competir. Sabe aqueles caras típicos galãs de novela? Era ele. Devia ser viado.

“Ana, hoje você vai ser minha”, murmurei enquanto a cumprimentava. A mulherada paquerava na cara dura o galãzinho que Ana fazia questão de exhibir como seu. Os dois faziam um casal cobiçado naquele ambiente.

Tinha de dar um jeito de encontrá-la a sós.

CAPÍTULO 28

Aquela festa foi uma noite memorável em vários sentidos. Sentia-me especial acompanhada de um homem tão desejável. Apesar de ser um profissional na arte de tratar as mulheres e amá-las, Marcos (esse era o nome que ele havia me dado) me tratava com uma gentileza e carinho como há muito tempo não tinha. Era bom se sentir desejada por alguém além de Rambo, é claro, que parecia fuzilar-me com o olhar cada vez que nos via.

No meio da noite, Marcos foi ao banheiro e me deixou só por alguns instantes. Aproveitei e também fui ao lavabo retocar minha maquiagem. Mal encostei a porta, Rambo entrou atrás de mim, trancando a fechadura.

— O que pensa que está fazendo?

Sem palavras, ele grudou sua boca na minha. Arrancou os meus seios para fora do vestido e começou a apertá-los com as mãos, bruto de desejo.

— Agora você não me escapa mais, gata. Não consegui parar de pensar em você. Este tesão está me matando.

Eu consegui me desvencilhar dele. Encarei-o firmemente, com a sombra de um sorriso nos lábios. Ergui vagarosamente o meu vestido.

— É isso que você quer?

— Sim.

Ele foi se aproximando com um ar faminto.

— Pois é, mas desse jeito não vai conseguir nada.

Desci novamente o vestido que havia segurado até o meio das coxas.

Ele se virou e socou a parede, frustrado.

— Você me enfeitiçou, sua cadela! O que eu tenho de fazer para você ir para a cama comigo?!

— Posso pedir qualquer coisa?

Puxei-o para mim. Mordi sua orelha. Ele me segurou com força.

— Qualquer coisa. Faço o que você quiser.

— Até matar alguém? – sussurrei no seu ouvido.

Suas mãos me largaram, abruptamente. Olhei nos seus olhos, que me fitavam assustados. No fundo, ele analisava friamente o que eu tencionava pedir.

— Não sei. Teria que ter um motivo muito forte para fazer isso.

Comecei a sorrir. Olhei novamente para o espelho e voltei a me maquiar.

— Não esperava que fosse forte o suficiente para isso mesmo. Irei procurar quem faça.

Fui até a porta, destranquei o lavabo. Virei-me em sua direção pela última vez.

— Até mais. Tem um homem me esperando.

Marcos me esperava no meio da pista. Olhei no fundo dos seus olhos e pedi.

— Me beije! Como se eu fosse a mulher dos seus sonhos.
Ele sorriu e atendeu o meu desejo, enquanto Rodrigo, o fracote que um dia fora o temido Rambo, nos observava, perdido em pensamentos.

RAMBO

Nunca uma mulher havia me deixado tão sem controle. Ainda mais uma com quem eu já havia tido um caso! Que chama era aquela que ardia nos olhos daquela morena que me despertava tamanho desejo?

Segui Ana com os olhos a noite toda, depois de tentar encurralá-la no banheiro. Ela me provocava, beijava o seu galãzinho e se esfregava nele para me causar ciúme. Não consegui aproveitar nada pensando na vontade de ver o seu corpo inteiramente sem roupa, na minha cama. O que o tempo teria provocado a ela? Ela estava diferente. E eu teria que descobrir a verdade. A festa estava terminando e acabamos todos nos recolhendo para a sala. Somente Ana e seu amiguinho não estavam lá. Iria atrás deles. Afinal, como ela tinha a capacidade de falar que ele era mais homem do que eu? Eu seria capaz de dar o prazer que ela merecia. Iria encontrá-los e mostraria a ela.

Marcos foi novamente ao banheiro, antes de entrarmos na casa, junto aos outros convidados. Estranhei não ver o famoso “bichinho de estimação” de Rambo naquela noite. Onde ele teria colocado?

Cada coisa que os homens fazem para demonstrar o seu poder.

Quando Marcos saiu do banheiro, vi que Rambo estava se aproximando, possivelmente à nossa procura. Era hora de dar a tacada final nesta história. Levei Marcos para dentro do lavabo, onde Rambo tentara me agarrar a poucas horas antes.

— Faz amor comigo? – falei, beijando-o apaixonadamente.

— Farei como você merece – ele disse, me despindo com delicadeza.

Era a primeira vez que era amada por um homem após o meu estupro e, mesmo sendo um profissional, naquele instante pensei, involuntariamente, que era Rafael que estava ali comigo.

Deixei ele me despir, trêmula diante da vergonha de mostrar minhas cicatrizes, expostas pela primeira vez, diante da luz, para um homem.

Marcos beijou o corte que marcou o meu seio com delicadeza e murmurou.

— Não se preocupe, você é linda.

Com lágrimas nos olhos, me entreguei.

Rambo, escondido no corredor, observou cada detalhe daquela cena. Viu Marcos me tomar diversas vezes, naquele ambiente fechado e secreto. Seus olhos se perdiam em cada detalhe do meu corpo, querendo estar ali, junto comigo, compartilhando os meus gemidos.

Como o amor e o ódio são magistrais e se entrelaçam de forma intrínseca! Por ódio a Ricardo, fiz Rambo me amar. Por ódio aos homens que eu amei, fui amada aquela noite. E o mais louco de tudo é que foi nos braços de outro homem que descobri que amava verdadeiramente: Rafael.

Ajeitamo-nos e voltamos para a sala. Rambo já estava lá. Seus olhos, ao cruzarem com os meus, mostraram que eu havia ganhado aquela batalha. Sua alma já estava perdida.

Na hora de nos despedirmos, ele me abraçou.

— Precisamos marcar um dia para conversar. Aceito a sua proposta.

Eu sorri e meneei a cabeça em sua direção. Fomos embora.

Marcos me deixou em casa. Eu o paguei e agradei.

— Eu que te agradeço. Ter uma noite com mulheres como você é sempre uma honra.

Eu sorri e ele se despediu com um suave beijo nos meus lábios.

Cheguei ao apartamento, arranquei a roupa e me joguei na cama. Havia chegado a hora de eles pagarem o seu preço.

RICARDO

— *Enfim, em casa!*

Joguei as malas na sala e comecei a arrancar minha roupa. A viagem pelo Caribe havia sido ótima. Conhecer novos ares, novos desafios. Novas mulheres...

Acabara conseguindo mais uma nova boneca para minha vida. Roberta é o seu nome. Filha de um empresário paulistano, eu ensinara a inocente moça coisas que ela nunca imaginou que pudesse fazer na cama. Ah, como foi bom!

Ela combinou de vir me ver na próxima semana. E tinha certeza de que iria convencê-la a vir muitos outros dias. Atender aos seus desejos.

Mas ainda não havia me esquecido da pequena Ana e de como pretendia me vingar. Depois daquela pancada na cabeça, só me sobrou um machucado no corpo e no ego. Ela estava se tornando imprevisível. Por isso, antes que ela desse com a língua nos dentes novamente, resolvi fazer um pequeno passeio. Imagina se aquela ingrata me coloca atrás das grades novamente?!

Mas eu não tinha mais dó. Queria que ela vislumbrasse o abismo da sua alma e que descobrisse que a escuridão pode olhar de volta para ela. Afinal, tudo era questão de poder. E isso ainda pertencia a mim.

“Antes de te matar, minha querida, você vai sofrer. Sabe por quê? Porque vai descobrir que perdeu este jogo. Eu dou as regras aqui. E não irá demorar nada”, eu pensava enquanto desfazia as malas.

RAFAEL

Não estava aguentando mais ficar sem vê-la. Cada dia sem saber se Ana estava bem ou não me fazia morrer mais um pouco.

Tentava me concentrar em algo, mas não conseguia. Nunes de vez em quando passava por perto da casa dela, era o máximo que podia fazer. Mas não encontrava nada de estranho.

Que merda eu tinha feito? Por que tinha de perdê-la por um simples beijo?

Lázaro ouvia minhas lamúrias e não comentava nada. Sentia que ele sabia alguma coisa e omitia de mim. O que seria? Por que ele também não tomava uma atitude?

Meu irmão desviava do assunto todas as vezes que eu a mencionava. Mas iria descobrir a verdade. Nem que eu precisasse arrancar dele.

CAPÍTULO 29

Rambo me ligou dois dias depois, me convidando para ir almoçar na casa dele.

— Qual é o motivo deste almoço, meu querido?

— Vamos falar de negócios. Você quer uma coisa, eu outra. Está na hora de nos ajudarmos.

— Ok. Espere-me aí amanhã.

O dia seguinte amanheceu ensolarado. Separei algumas coisas de banho e vesti uma roupa leve.

Sabia que aquela conversa seria decisiva. A partir daquele almoço, todo o meu destino se decidiria.

Cheguei lá pontualmente e beijei-o levemente no rosto. Seus olhos não paravam de correr pelo meu corpo e eu o encarava com indiferença.

Bebemos uma taça de vinho, trocando amenidades. Estávamos sozinhos naquele dia e ele não conseguiria disfarçar por muito tempo a tensão no ar.

Olhei para o outro lado da piscina e a famosa pantera estava lá, em uma extensa área. Um ambiente um pouco mais apropriado, pelo menos. Foi bom constatar que ao menos pelos animais ele guardava alguma consideração.

— Arrumou um lugar para o seu gatinho, Rambo?

— Pois é. Agora ele está bem alojado. Gostou?

— Só você mesmo para ter uma ideia dessas. Por falar nisso, de onde tirou este coitado? Ele se parece muito com o que roubaram do... – olhei espantada e vi que era o mesmo felino que vi no jornal que havia sido roubado do zoológico.

— Pois é, minha querida. O que eu quero, consigo – ele me encarou firmemente.

— Nem tudo. A não ser que ambas as partes concordem – sustentei o seu olhar.

— Então vamos aos negócios. Qual é o seu preço? Quanto quer para ir para a cama comigo, Ana?

Eu comecei a rir. Beberiquei o vinho e cruzei as pernas.

— Seu dinheiro não me compra, Rambo. Tenho o suficiente para me manter por muitos anos. Minha mãe morreu e me deixou uma fazenda enorme, que me rende muitos lucros. Se for depender disso para me ganhar, você já perdeu.

Ele pareceu me olhar estupefato. Por essa ele não esperava. Com certeza ele me confundia com as meninas que encontrava por aí. Mas meus objetivos eram diferentes.

— O que você verdadeiramente busca, Ana? – ele começou a me olhar diferente. Senti certo respeito no modo de falar comigo. Sabia que estávamos discutindo ali de igual para igual.

— Você tem só uma coisa que me interessa: poder. Sua força contra as leis e os homens. Com apenas um gesto você pode mandar matar quem você quiser. É só isso que eu quero de você: ver o sangue escorrer na arena e os tigres brigarem pelos restos.

— E posso saber quem é a vítima do seu ódio? – ele entreabriu um sorriso. Minha raiva o excitava.

— Pode sim. Um homem que me deixou assim... – me despi vagorosamente diante dele, sem

vergonha, movida pelo ódio. Queria que ele visse cada uma daquelas cicatrizes, e que as marcas pulsassem minha ira para fora do corpo.

Ele parou, preso entre o espanto e o desejo. Vi que elas em nada influenciavam o calor que o consumia.

— Quem fez isso com você?

— Um homem que achou que era meu dono e tentou me destruir. Em sua fúria quase arrasou com tudo que eu tinha, levando algumas pessoas que eu amava no caminho.

— E o que eu ganho com isso? A oferta tem de ser muito boa.

— Você me quer só por uma tarde? Poder usufruir do meu corpo? Ou prefere me ter para sempre?

— Como assim?

Eu sabia o que ele desejava de mim. Aproximei-me dele. Seus dedos ansiavam por me tocar, mas o medo de que eu fugisse era maior. Parei quase junto a ele, sem nenhuma roupa, altiva e sem coração.

— Eu sei muito bem quem você é, “Rodrigo”. Por mais que tenha belas roupas ou modos, sempre será o Rambo cercado de negócios sujos. Você precisa de uma bela mulher, com um passado intocável, para ser a sua entrada na sociedade. Ela precisa ser bela, desejável e ter dinheiro. E o melhor de tudo: precisa saber de cada um dos seus negócios sujos e não se importar com nada. Você quer a mim, Rambo.

— E você seria esta mulher?

— Ainda duvida? – me encostei nele e beijei-o vagorosamente.

Mal sabia como eu também estava me prendendo naquela teia.

— Eu mato ele, se você casar comigo.

— O quê? – me afastei, surpresa.

— Isso mesmo. Vou garantir que você não saia das minhas vistas. Se quer mesmo ver o *playboy* morto, você vai se vender para mim. Pelo meu preço.

E agora? As coisas acabaram não saindo nada do jeito que eu queria. Mas poderia ser vantajoso esse acordo. Ficaria mais perto dele e descobriria de alguma forma um jeito de me livrar depois.

Abaixei a cabeça. Na mente, só vinha o sorriso de Ricardo e sua faca a me cortar. Um calafrio correu pela minha espinha. Iria fazer um pacto com o demônio. Estava prestes a perder a minha alma para sempre.

RAMBO

Durante um momento, ela se encolheu, parecendo novamente aquela frágil menininha que conheci há anos atrás. Mas essa impressão logo passou e ela era novamente aquela rainha de gelo, nua em minha frente.

Uma guerreira que expunha sem vergonha suas marcas de batalha e a vitória nos olhos. Aquela era a mulher que eu desejava. E se ela tinha essa sede de poder que eu estava pensando, usaria a meu favor.

— Se, repito, se você ganhar a minha confiança, seremos grandes. Quer compartilhar do meu poder sobre o meu mundo? Case-se comigo.

Ela me deu as costas e foi até a piscina. Desceu cada degrau vagorosamente. Sua presença parecia encher todo o ambiente que me rodeava. Só havia ela em meus olhos.

Ela finalmente me olhou, de dentro da água. Como uma fera, seus olhos faiscavam me analisando. Neles eu não via sentimento nenhum.

— O seu poder será meu?

— Sim. E o homem que você quer morto estará em uma bandeja de prata como presente de casamento. O que me diz?

— Como sei que irá cumprir?

— Nunca faltei com minha palavra. Você sabe disso.

Ela assentiu levemente a cabeça, perdida em pensamentos. Seus olhos mostravam emoções conflitantes, como se algo dentro dela lutasse pelo controle.

Ela percebeu que eu ainda esperava. E levantou seu corpo. Seus seios, arrepiados, saíram da água, me chamando com doces promessas de prazer.

— Eu aceito sua oferta, Rambo. Venha tomar o seu prêmio – e ela sorriu, convidativa.

Arranquei minha roupa. Entrei na água e quando a toquei sabia que não havia vitória para mim. Aquilo era o mais próximo que eu já havia sentido de amor. Perdi-me completamente nas chamas daquele corpo.

RAFAEL

Não conseguia trabalhar direito. Ana não saía da minha cabeça. Sabia que algo errado estava acontecendo, só não sabia o que era.

Fazia meses que ela não falava comigo. Deixei recados, fui até a casa dela, ao estúdio... Sem resultado. Lázaro pouco me falava do que acontecia, parece que ele também não a havia visto ultimamente.

Cheguei um dia em casa desanimado e Lázaro já estava lá, com uma revista aberta nas mãos. Olhava para a parede a sua frente, parecendo meio abandonado, como se não soubesse o que fazer.

— O que foi, meu irmão?

— Nada.

Ele dobrou a revista rapidamente, o que despertou minha atenção.

— Alguma coisa interessante nessa revista aí?

— Não.

Ele colocou-a atrás de seu corpo.

— Deixe-me ver, Lázaro.

— É melhor não.

— É sobre a Ana, né? O que está escondendo de mim, Lázaro?

Tomei a revista das mãos dele.

— Olha então, seu idiota.

Ele abaixou a cabeça. Folheei as páginas e vi o que ele tanto tentava esconder. Era uma foto dela sim, mais linda do que nunca. Atrás da maquiagem, do novo cabelo e das roupas caras, eu a vi acompanhada de um cara.

Li a legenda e meu mundo escureceu: “de casamento marcado...”

Será que meus olhos estariam me enganando? Eu não iria desistir dela. Tinha de tentar pelo menos mais uma vez!

Olhei para Lázaro, com vontade de chorar.

— Ela vai se casar, Lázaro.

— Sim, e você vai ficar bem longe dela.

Ele me olhava com pena.

— Como eu posso? Eu a amo!

Falar isso em voz alta pela primeira vez foi como tirar o peso do mundo dos meus ombros.

— E ela só quer proteger você. Se afaste dela.

Meu irmão murmurou. Olhei para ele, aturdido.

— Como assim, me proteger? O que está me escondendo, Lázaro?

— Nada, Rafael. Nada.

Ele tentou se desvencilhar. Eu o puxei pelo braço. Tinha de descobrir a verdade.

— Eu quero saber. Fale, caramba.

Chacoalhei Lázaro com força. Ele perdeu o equilíbrio e caiu no chão.

Na mesma hora esqueci-me de tudo. Só o remorso me tomou ao fazer aquilo ao meu irmão. Nunca havia feito nada semelhante antes.

— Lázaro.

— Me deixe, Rafael. Não preciso de sua caridade.

Aquilo me doeu mais que mil bofetadas. Eu insisti em pegá-lo pelos braços.

— Nunca seria caridade, meu irmão. Quando cuidamos de quem amamos, nada mais importa.

Lázaro desabou num pranto intenso. Foi ali, tomado pela dor da consciência, que ele me disse toda a verdade sobre o mirabolante plano de Ana.

Fui entrando em choque por cada palavra proferida. Como o ódio dela poderia cegá-la tanto?

Não via que aquele caminho poderia destruí-la?

Levantei-me.

— Tenho de vê-la.

— Não faça isso, Rafael. Não se arrisque.

— Lembra-se do que eu disse: sempre cuidamos daqueles que amamos. Não posso deixar que faça essa burrada. Não sei o que ela está armando direito, mas tenho que tentar impedi-la.

Saí correndo e batendo as portas.

CAPÍTULO 30

Há ocasiões em que a vida nos prega uma peça. Achamos que temos o controle de todos os nossos atos, mas não percebemos que, na realidade, estamos cegos por um objetivo, presos nas teias da fatalidade.

Foi isso que aconteceu nos dias que antecederam meu casamento: meu mundo seguro ruiu, como se a razão tentasse me fazer voltar atrás.

Paula e Adriana, quando souberam, me ligaram desesperadas, tentando me fazer voltar à razão. Primeiro me pediram, imploraram, tentaram encontrar uma razão para que eu desistisse dessa ideia maluca. Insistiam que aquele laço com Rambo acabaria por me destruir.

Adriana, vendo que seus argumentos não funcionavam, se afastou. Paula, sempre autêntica, me xingou, brigou e depois desligou na minha cara enfurecida. A única coisa que recebi das duas depois disso foi a fria indiferença do silêncio.

Aquilo em algum momento deve ter destruído meu coração, mas eu não percebia nada. Minha mente só tinha um foco: vingança.

Rambo tentava me tratar “bem”. Na verdade, o que fazia era vigiar cada passo meu. Ele quis uma festa tradicional de casamento, para introduzir a alta sociedade na nossa vida, e se unir comigo foi o meio que ele encontrou para isso.

Tudo ficou aos cuidados da noiva. Músicas, *buffet*, flores... Aquela infinita loucura que as pessoas levam meses para organizar, eu tive semanas. E aonde quer que eu fosse os dois seguranças gigantes me seguiam, como minhas sombras.

Depois que ele matasse o Ricardo, teria de dar um jeito de me livrar daquilo.

Faltavam poucos dias para a cerimônia. Fui até o ateliê de costura fazer a última prova do vestido.

Eu queria poder me defender, falar que me sentia triste ou como se estivesse indo para o fuzilamento em vez do casamento, mas a verdade é que eu não sentia nada! Havia bloqueado em mim todos os possíveis sentimentos e afastado todas as pessoas que me importavam.

Criei um escudo à minha volta que não sei se alguém conseguiria quebrar. Todas as minhas ações eram mecânicas, frias e calculadas. Fazia o que era esperado de mim, a fim de conseguir o que eu queria: o sangue correndo pelos dedos.

Estava ali, fazendo os últimos ajustes, quando ouvi um burburinho do lado de fora da sala de provas. Repentinamente a porta se escancarou e os dois mamutes que o Rambo mandava para me vigiar entraram carregando Rafael, que estava com o olho roxo e parecia cuspir sangue.

— O que é isso?

— Ele foi entrando na sala, chamando a senhora – o mais alto dos seguranças começou a dizer. — A gente teve que parar o cara.

Corri na direção deles e segurei Rafael em meus braços, sujando o vestido para desespero do

estilista.

— Seu louco, o que você está fazendo aqui? Já disse que não queria mais te ver.

Por que ele tinha de aparecer? Ele era o único com quem me importava mais do que tudo.

— Eu queria te ver... Falar com você...

Levantei-me e olhei um a um naquela sala.

— Quero falar sozinha com ele agora! Saiam todos daqui!

— Mas a senhora... – tentou argumentar o segurança.

— Não quero ouvir um pio que seja! Suma daqui ou te coloco na rua!

Todo mundo saiu da sala. Alguns resmungando, outros espantados com a cena. Eu nem me importei.

Só o tomei em meus braços.

— Já disse que você tem de ficar longe de mim, seu imbecil! Olha como eles te deixaram.

Ele tentou rir.

— É só um machucadinho.

— Como você me achou?

Eu estava indo tão bem até aquela hora! Por que tinha de começar a chorar? Tinha que dar tudo errado!

— Eu sou jornalista, lembra? – ele saiu dos meus braços. — Só preciso lavar o rosto.

Deixei que ele fosse até o banheiro se limpar. Enquanto isso, eu tentava me recompor.

Dei as costas para o lugar onde ele estava e comecei a falar. Não sabia se conseguiria encará-lo. Já era demais ter que deixá-lo ir.

— Depois que se limpar, eu quero que vá embora.

— Eu já sei de tudo, Ana. Meu irmão me contou.

Toda a minha resistência foi por água abaixo. Lázaro não podia ter feito isso comigo!

— Vá embora, Rafael.

— Não sem antes tentar dar um pouco de razão para sua cabeça. Pare com isso enquanto é tempo.

— Você não vai me fazer mudar de ideia.

— Nem se eu disser que te amo?

— Não... – minha voz por um momento fraquejou.

— E nem se eu fizer isso...

Seus lábios encontraram os meus novamente e meu corpo começou a fraquejar. Por um momento me senti viva, feliz e esqueci o mundo a minha volta. Abracei-o e retribui o beijo. No encontro de nossos lábios, éramos apenas uma alma que se reencontrava. Naquele instante, eu poderia esquecer-me de toda a dor, fugir do mundo e ser feliz ao lado dele.

Quando eu cheguei a essa conclusão, me afastei. Não queria acabar com tudo. Ele veio me abraçar e novamente me afastei. Chorava.

— Ana, vamos fugir disso tudo!

— Não posso. Não agora tão perto...

— Você ser igual a eles não vai te trazer nada!

— Saia daqui, Rafael. Por favor.

— Acho melhor mesmo você ir embora.

A voz de Rambo desmoronou todos os meus sonhos. Ele estava diante de mim, fitando-nos com raiva.

— Quem é você para me mandar embora? – Rafael levantou a cabeça para encará-lo.

— Sou o noivo dela. Faça o que eu digo se quiser sair desta bem.

— Você está me ameaçando?

— Entenda como quiser.

Rafael começou a ir à direção dele.

— Parem já! – fiquei entre os dois. — Rafael, vá embora agora, por favor!

— Mas, Ana...

— Suma da minha frente.

— Posso te dar um abraço antes? – olhou para nós.

Rambo assentiu com a cabeça. Sabia que eu não iria fazer nada.

Rafael me apertou bem forte. Por um momento, queria que tudo fosse diferente, mas quando tomamos as decisões, devemos arcar com as consequências.

Rafael sutilmente colocou algo dentro da minha bolsa. Esperava que Rambo não tivesse percebido.

Ele saiu silenciosamente da sala. E da minha vida.

— Então tem alguém que enfraquece este coração de pedra, Ana? – Rambo riu, sarcasticamente.

— Ah, cale esta boca!

Ele continuou rindo e saiu da sala.

— Vou enxugar meu rosto – avisei aos brutamontes que voltaram aos seus postos na entrada. Rambo ficou sentado de frente a mim.

— Vai ficar por aqui?

— Não vou perder este espetáculo por nada. Eu vou adorar ver minha noiva antes do casamento.

Olhei furiosa para ele e me tranquei no banheiro.

Abri minha bolsa e vi que ele havia colocado dois cartões ali. Um era do jornal onde ele trabalhava.

O outro era daquele detetive amigo dele, o Nunes.

Virei o cartão dele vagorosamente. Do lado que deveria estar em branco, ele havia escrito: Te amo.

Passei levemente os lábios pelo cartão e pensei comigo: “Quem sabe um dia?”

Saí daquele banheiro tão fria quanto antes. Havia voltado para o lado mais frio do meu coração, e nele as emoções, mesmo as mais banais, não faziam parte de mim.

Quando dei por mim, estava de branco, entrando sozinha por uma singela capela. Quem é esta mulher que se casa hoje? E este homem que a espera? Será que guarda ainda algum sonho de amor?

Não havia amigos ali, apenas rostos indistintos que para mim não significavam nada. De repente, estava casada. Mãos úmidas me tocavam, dando felicitações. Quem era essa gente? Quem era eu?

Ao sair da capela, uma voz conhecida me abraçou. Lázaro se aproximava, vagorosamente. Aquele amigo, que me ensinou a domar minha essência, transformar em imagens meus sonhos e pesadelos.

— Você veio!

— Não só eu, como todos os seus amigos. Paula e Adriana, apesar de bravas, também vieram te cumprimentar.

O abracei e murmurei no seu ouvido.

— Espero que um dia todos me perdoem.

— Eu nunca vou precisar te perdoar. Sempre que precisar de mim, é só pedir.

As meninas vieram meio relutantes e nos cumprimentaram. Rambo olhou para as duas e comentou:

— As coisas mudam. Não se esqueçam disso.

Adriana abaixou os olhos. Paula o ignorou. Certas coisas nunca iriam mudar. Olhei para Lázaro.

— Cadê o Rafael? – Meu amigo abaixou a cabeça.

— Ele foi averiguar uma notícia fora daqui...

Abaixei a cabeça, entristecida. Sabia que ele não viria.

— Ah, tá.

— Ele é jornalista? – Rambo perguntou interessado. Era lógico que ele sabia de quem estávamos falando.

— Sim. Do jornal A Cidade. Você o conhece? – Lázaro enfrentou seu olhar, curioso.

— Sim. Ana nos apresentou uma vez. Não foi, amor?

Não consegui fingir. Fechei a cara.

— Foi.

Ele me levou calmamente em direção à festa. Entramos sobre as palmas dos convidados. Eu era o animal exótico que acabava de entrar no recinto.

RAMBO

Quer dizer que o moleque era jornalista? Ia ver direitinho o que Ana e ele estariam tramando. Havia visto os olhos dela quando perguntei dele.

Tinha certeza que ela sentia por ele mais do que admitia. Ter ele como trunfo seria uma ótima jogada. Pena que as grandes mulheres sempre corriam o risco de colocar o coração na frente. E perder tudo.

A festa transcorreu como eu queria. Ela se comportou como a perfeita dama, encantando todas as pessoas certas com sua altivez e elegância.

Já era muito tarde quando saímos de lá. Ana parecia distante. Entramos em um dos meus carros e o motorista nos levou para a minha casa. Melhor dizendo, a nossa casa. Nem acreditava que estava casado.

Cheguei perto dela e a abracei. Ela nem se mexeu.

Bem perto do ouvido dela, sussurrei:

— Lembra do que te prometi de presente de casamento?

— Sim.

A dor transpareceu repentinamente do seu olhar. Ela era de novo uma arma de vingança.

— Uma hora desta já deve estar lá em casa te esperando.

Ana sorriu. Beijou suavemente minha boca.

— Obrigada.

— Sou um homem de palavra.

— Eu sei.

Ela se aconchegou em mim, satisfeita. Iriamos realizar aquela noite o seu mais profundo desejo.

CAPÍTULO 31

RICARDO

Despedi-me de minha nova boneca com um beijo e a deixei seguir em direção à área de embarque do aeroporto. Fiquei sorrindo, vendo-a se afastar, com aquele rebolar gostoso, recheando a calça justa. O que eu poderia reclamar da vida?

Só tinha uma coisa que ainda nublava os meus pensamentos, e tinha um nome: Ana. Não sabia onde achá-la. Passava em frente ao prédio onde ela morava, mas nem sinal dela. No estúdio de fotografias, uma secretária atendia e ela nunca estava. Parecia que ela tinha sido engolida pela terra.

Ela ainda apareceria. Precisava trazer dor aos seus olhos, fazê-la chorar por cada vez que ela me fez de trouxa.

Passei em frente a uma banca de jornal e uma imagem na capa de uma revista me fez parar. Vagarosamente eu me aproximei, sem conseguir acreditar no que meus olhos viam. A vagabunda iria se casar!

Ela tinha me enganado mais uma vez! Cego de ódio, nem sei como saí daquele aeroporto. Na minha mente perdi toda a noção que ainda me restava. Iria pegá-la naquele exato instante. Acharia-a nem se fosse no inferno. E mataria aquele maridinho dela aos poucos. Adoraria que ela me testemunhasse fazendo aquilo. Imaginar seus olhos se arregalarem e seu rosto se tornar pálido de medo me davam prazer. Ah, como ansiava por ver aqueles olhos malditos perderem a vida!

Acabei parando em outra banca e comprei a revista. Aquela cara de felicidade dos pombinhos me enojava. Iria descobrir onde seria a futura morada do casal e atacaria naquele exato instante. Como rezava para que aquilo acontecesse rápido.

Uma ideia maldosa tomou-me por completo. O noivinho deveria estar lá, arrumando tudo. Por que não matá-lo? Deixá-la eternamente esperando no altar por um amor que nunca chegará.

Iria passar em casa primeiro. Pegar uma faca, minhas luvas e colocar roupas pretas. Não queria ser reconhecido.

Entrei na garagem do prédio. Minha cabeça estava dando asas aos meus mais negros desejos que mal percebi onde parei o carro. Desliguei o rádio, liguei o alarme e me encaminhei para o elevador.

Ouvia somente os meus passos no estacionamento silencioso. Repentinamente, ouvi um ruído. Parei e olhei desconfiado, mas não havia nada por ali.

Meus sentidos estavam alerta. Alguma coisa estava errada. Só que eu não poderia ficar ali para saber. Estava sozinho e desarmado, minhas chances seriam poucas.

Cheguei ao elevador e apertei o botão, chamando-o. Quando a porta se abriu, soltei um suspiro

aliviado. Nem percebi o vulto que se aproximou de mim, me jogando no chão como um tanque de guerra. Tentei me defender, mas o filho da puta socou a minha boca. Minha cabeça bateu no chão. Mãos me seguraram e por um instante, uma seringa refletiu diante dos meus olhos. Uma picada ardeu no meu pescoço. Lembro-me de ver as portas do elevador se fecharem. Murmúrios a minha volta.

— Deu certo?

— É claro. Vamos levar o playboyzinho embora. O chefe daqui a pouco chega.

Tentava me manter em foco para descobrir quem havia feito aquilo. Mas nada. Só me restou a inconsciência.

Tudo iria acabar em breve...

Era só no que eu pensava. Adentrei a nossa casa tremendo de excitação. Como a vingança e a raiva podem agir como uma droga na nossa alma! Eu ansiava por encontrá-lo cara a cara.

Descemos do carro. Arranquei os sapatos e corri para o fundo. Nada. Somente a pantera ronronava em sua grade.

— Cadê ele? Onde ele está?

Rambo veio vagarosamente, adiando o meu momento de derramar sangue.

— Calma, meu amor. Nem tudo por aqui você conhece.

Ele me levou até o jardim. Entre as árvores havia uma porta que se misturava à vegetação. Quantas vezes passei por ali e não havia percebido nada?

Desci com ele um lance de escadas. Entramos em uma sala com um grande espelho. Sentia-me como naqueles filmes policiais, onde a testemunha trancada era observada pelos policiais durante um interrogatório. Só que a justiça que eu cometi naquela noite a polícia nunca pôde resolver.

Lá estava ele, algemado em uma mesa. Seus sentidos estavam alertas, ele olhava desconfiado para todos os lados, procurando de onde poderia surgir o seu inimigo. Sabia que ele ainda se perguntava quem havia dominado a sua força. Mal sabia que era aquela que ele julgava a mais fraca das mulheres: eu.

Mas a noite não terminaria rápido. Ele iria sofrer.

— Rambo...

— Sim, minha querida.

— Separe seus piores homens.

— Quer que eu acabe com ele?

— Não. Eu farei isso. Mas antes eu quero vê-lo passar por tudo que eu passei.

Sussurrei o meu pedido nos seus ouvidos. Ele empalideceu.

— Tem certeza?

Eu sorria.

—Tenho. Não vou deixá-lo simplesmente morrer. Seria fácil demais.

— Tudo bem.

Ele saiu por um instante. Logo depois voltou, sério, e assentiu com a cabeça. Aproximei-me do vidro. Vi quatro homens entrarem e se aproximarem.

Ricardo era como uma fera acuada, tentando se defender do inevitável. Não consegui desviar o olhar quando ele foi espancado sem dó. Vi cada machucado que se abriu, cada gota de sangue que espirrou no chão.

Fui testemunha de quando ele caiu no chão e um deles desembainhou uma faca e rasgou suas roupas. Com o triunfo na alma vi cada um deles estuprá-lo incansavelmente, como ele fez comigo.

Ouvi seus gritos de dor, o ódio irascível no olhar e a submissão da derrota. Vi seu vômito se misturar ao sangue e a derrota pela primeira vez assolar o seu rosto.

Perdi a noção das horas vendo aquela cena, presa. Havia me unido ao Ricardo pelo amor. Agora estávamos quites na dor.

Será que estaria sentindo a mesma vontade de morrer que eu tive? Acho que não, afinal ele era

incapaz de ter qualquer emoção.

Virei-me para Rambo e ele estava de cabeça baixa. Imagino que deva ser difícil para um homem ver outro de seu espécime ferido onde mais importa: sua masculinidade.

— Lavem ele com uma mangueira, Rambo. Preciso de tudo limpo antes de entrar lá. Não quero sujar o meu vestido de noiva com vômito ou sangue.

Ele assentiu com a cabeça e saiu rapidamente para acatar as minhas ordens. Sabia que ele me temia. E muito.

Comecei a rir da situação. Quem imaginou que a mais fraca seria a mais forte?

RAMBO

Olhar Ana assistir àquele cena, cheia de satisfação, me deu um medo do caramba. Teria de dar um jeito de ela andar bem quietinha debaixo da minha asa. Senão, quem garante que eu não seria o próximo?

Saí dali e respirei um pouco de ar. Aquela sala parecia cheirar à morte. Falei para dois caras lavarem-no com uma mangueira bem forte. Iria satisfazer a vontade dela, afinal eu havia prometido. Mas por um momento eu pensei em tirar pessoalmente o cara de lá.

Pensando bem, o cara deve ter sido um monstro com ela. Tanto que ela se aliou a mim, que ferrei com ela também, mesmo sem tanta intenção!

Bem, vou ter de dar um jeito de cortar as asinhas dela. E sabia exatamente como: o jornalista! Ela achava que eu não sabia de nada, mas eu sou bobo só na cabecinha inocente dela.

Mandei uns caras darem uma investigada. Sei cada passo daquele galinho; onde trabalha, anda, mora, até mesmo se dá um arrote fora do lugar. E é com ele que vou dar um jeito nela. Basta ela tentar cantar de dona do meu pedaço, que dou um jeito nela de uma vez só. Afinal, comprei uma esposa bonita, educada e linda. E também uma amante safada e cheirosa.

Faço de tudo para cobrar o que estou pagando.

RICARDO

Dor... E ódio.

Aqueles desgraçados iam me pagar! Quem eles pensavam que eram?! Cada um deles vai rastejar ao meu pé antes da noite acabar. Eu só ia me levantar e daria um jeito nisso.

Apoiei-me na parede e levantei com dificuldade. Não parava de sangrar. Meu corpo doía demais e tudo ardia.

Só de pensar o que eles haviam feito comigo, me dava forças para ficar de pé e destruir um a um. Caminhei com dificuldade em direção à porta. Foi quando abriram de repente e me jogaram uma ducha forte de água fria. Caí no chão com o impacto. A água me machucava. Meu corpo inteiro parecia moer com o impacto dela. Parei de tentar me levantar. Não conseguiria. A melhor coisa era esperar eles se aproximarem para atacar.

Mas eles não vieram. A água parou tão repentinamente quanto veio. Fiquei um minuto em silêncio e me sentei com dificuldade, tentando ignorar a dor. Isso não estava certo. Eu causava dor, não a sentia. Eu dominava, não o contrário.

Via a água rosada pelo sangue descer pelo ralo. Iria fazer o culpado por isso sangrar o tanto que eu sangrei ali. Queria vê-lo gritar como um porco.

A porta se abriu mais vez. Fechei os olhos. Queria que o cara pensasse que eu estava sem forças e se aproximasse devagarinho. Ia ver se eu ainda estava fraco.

— Oi, Ricardo.

Aquela voz... Não poderia ser! Seria ela quem estava por trás de tudo aquilo? A minha bonequinha havia me surpreendido finalmente.

Levantei-me vagorosamente e a encarei. Era ela mesma: Ana. Seu rosto me fitava sério e impassível. Ri ao ver que ela ainda estava vestida de noiva. E segurava uma faca firmemente nas mãos.

— Veio para acabar o seu serviço?

Ele se ergueu e me fitou, sorrindo. Sabia que nosso jogo estava longe de terminar.

— Só vim aqui para te ver destruído. Foi muito bom assistir você ser quebrado centímetro por centímetro pelos meus homens.

— Seus homens? Como ganhou tanto poder?

— Casando com o homem certo. O único que poderia usar para te destruir.

Ele se apoiou na parede e lentamente começou a bater palmas.

— Parabéns. Casar com seu ex-namorado bandido para me matar foi uma artimanha de mestre!

— Como você sabe?

Por um momento me assustei com o seu pensamento rápido.

— Você é mais previsível do que pensa, minha boneca.

— Já não sou mais sua boneca. Você destruiu tudo, Ricardo.

Ele gargalhou.

— E como me diverti fazendo isso.

Aproximei-me dele rapidamente. Sabia que por mais que tentasse, ele não tinha forças para me fazer mal. A fonte de seu poder era o medo: uma coisa que não tinha mais sobre mim. Mas fiz questão de manter a faca bem longe.

— Sabe o que é melhor, Ricardo? Você não pode me fazer mais nada! Está vendo aquele espelho ali? Rambo está lá com vários capangas com várias armas apontadas para a sua cabeça. Se tentar me fazer alguma coisa, eles te enchem de bala.

— Você não teria coragem.

Olhei para o vidro e falei:

— Amor, dê um olá para o nosso convidado.

Rambo bateu no vidro do lado de dentro. Ele me fitou sério. Sabia que não sairia vivo dali.

Será que era assim que terminaria? Nada mais restava? Somente um rosto que me fitava sem qualquer sentimento?

— Ricardo, nossa história poderia ter sido tão diferente. Poderíamos ter sido tão felizes. Será que consegue imaginar o quanto te amei?

Ele me fitou, aturdido por alguns instantes. Logo depois ele começou a rir descontrolado. Seu corpo se sacudia com as gargalhadas que tomaram conta dele.

— Ana, como você é patética.

Meus olhos ardiam por causa das lágrimas quando eu enfiei a faca na barriga dele. Coloquei mais força ao sentir a pele ceder e sua boca se abrir, num esgar de espanto.

Suas pernas cederam e ele escorregou ao chão. Minha mão acompanhou seu corpo cair, sem parar de rasgar a sua pele lisa.

Joguei-me por cima dele. Forçava com meu punho querendo abrir caminho em sua carne para minha dor. Ele ainda me olhava. Não havia morrido.

— Sabe o que eu quero, Ricardo? — murmurei entre minhas lágrimas. — Quero que você seja vítima do ódio que você criou. Cada golpe de dor que você causou está sentindo agora. E sabe por que eu não sou cruel ou má? Esta é a minha tentativa de refletir em você a dor que me causou.

Ele sorriu pela última vez, com os dentes cheios de sangue. Ergueu o corpo e sussurrou sem forças para que só eu ouvisse.

— Sabe o que é melhor? Você perdeu. E eu venci mais uma vez.

— Como assim?

— Eu me vinguei de você, Ana. Transformei você em tudo aquilo que mais odiava. Olhe tudo o que você está fazendo. É simples, minha boneca, você sou eu.

Sua risada morreu aos poucos e seus olhos pararam de me fitar. Ele estava morto.

Levantei-me, aturdida. Uma noiva coberta de sangue. Rambo me segurou antes que eu desabasse. O que eu era agora? Uma casca vazia?

— Deem um jeito nele – Rambo gritou. Alguns homens entraram na sala e arrastaram o seu corpo, deixando um rastro vermelho por onde passaram.

— Para onde vai levá-lo?

— Alimentar o gatinho – respondeu. Por um momento um calafrio tomou conta dos meus ossos. Aninhei-me no peito dele, completamente perdida.

“Você sou eu...” Será que por fim ele havia falado a verdade? Havia me tornado um monstro como ele?

Rambo me levou ao banheiro. E eu comecei a gritar de raiva e desespero. Precisava falar com alguém. E já sabia com quem.

Tomei um banho rápido. Estava de novo no controle. Saí do banheiro silenciosamente. Sozinha no quarto, peguei meu celular e disquei um número que ainda sabia de cor.

RAFAEL

Ela estava casada. Por mais que eu não acreditasse, sabia que naquela hora tudo já estava terminado. Não tinha como voltar o tempo.

Sentado na redação do jornal, não conseguia pensar em mais nada. Pensava no seu plano doido e sua boca percorrendo o corpo de outro homem. Aquilo me enlouquecia.

Aquela mulher não via que eu a amava e que era só isso que importava? Depois que ela se vingasse, se conseguisse, o que restaria para ela?

Precisava me concentrar. Tinha de me focar na matéria que estava escrevendo.

Meu celular tocou quebrando o silêncio. Quem poderia ser? Não conhecia aquele número.

— Pronto.

Ouvi um suspiro bem baixo. Seguido de um soluço, como se alguém segurasse o choro.

— Fale quem é ou vou desligar agora!

— Eu sou um monstro?

— Ana?

Apertei o celular com força. Ela estava chorando.

— Eu sou igual a ele, Rafael?

— Nunca, Ana. Você é especial demais para isso.

— Acabou, Rafa. Ele está morto.

Eu gelei. Sabia exatamente do que ela estava falando.

— Estou me sentindo tão vazia – ela continuou. — O que será de mim agora?

— Ana, você tem a mim. Eu te amo! Sempre irei te amar!

Ela pareceu engolir o choro.

— Mesmo sabendo de tudo o que eu fiz?

— Nada vai mudar o que sinto por você.

— Mas ainda tem ele. O meu marido.

Ela pareceu falar a última palavra como se cuspisse algo indesejável.

— Abandone-o, Ana. Posso conseguir que você fique protegida. Tenho certeza que o Nunes pode arrumar um lugar para a gente.

— A gente?

— Você acha que eu iria te deixar sozinha?

Ela riu.

— Eu sei que não.

— Pegue suas coisas e venha aqui para o jornal. Eu fico te esperando aqui.

— Não tem perigo?

— Quem vai ter a coragem de fazer alguma coisa na redação de um jornal?

— Ok. Vou dar um jeito de ir para aí.

— Te amo, Ana.

— Eu também.

Eu a ouvi assumir pela primeira vez a verdade que nós dois sempre soubemos.

Agora só restava esperar.

Desliguei o telefone sabendo o que tinha de fazer: me livrar de Rambo rápido, de uma vez por todas. Tinha de terminar minha vingança. Mal sabia eu que, da sala, ele havia ouvido tudo na extensão e seus planos eram bem diferentes dos meus.

CAPÍTULO 32

RAMBO

Coloquei o telefone no gancho. Aquela vagabunda estava querendo me apunhalar pelas costas, agora que já tinha feito o que queria. Pois se ela achava que eu ia deixar barato, estava muito enganada.

Bastou uma pequena ligação no celular e estava tudo resolvido. Alguns dos meus capangas iam pessoalmente pegar o tal do Rafael no jornal. Mal imaginava ela que eu já estava armando uma nova surpresa. Uma pequena mudança de planos que poderia custar a vida dela. Ela não perdia por esperar.

Tinha de pensar em um jeito de sair dali, calma e silenciosamente.

Tirei o vestido manchado. Não conseguia nem olhar para ele. Fui correndo ao banheiro e abri o armário. Tinha de achar ali algo que me servisse.

— Isso!

Peguei uma caixa de calmantes, sorridente. Minhas coisas já estavam todas naquela casa. Aqueles comprimidos haviam sido receitados para mim após Ricardo quase me matar. Até hoje me recordo das noites insones e dos pesadelos constantes.

Iria tentar dopar Rambo e depois fugir no meio da noite. Era a única saída de escapar dali. Separei uns quatro comprimidos na mão e saí do banheiro.

Rambo já estava sentado na cama me esperando. Somente de cuecas.

— Pronta para começarmos nossa noite de núpcias?

— E a nossa viagem de lua de mel, meu querido? – perguntei, tentando despistá-lo. Só via Rafael na minha mente. Não me imaginava indo para a cama com Rambo. Já sabia quem eu queria.

— Só iremos amanhã cedo. Agora você é minha, como combinado.

Não tive tempo de reagir. Ele me pegou pelos braços e me jogou na cama.

“Mas que droga”, pensei, ao ver os comprimidos rolares para perto do travesseiro. Ele não podia vê-los!

Rambo rasgou o meu sutiã e retirou a minha calcinha em um gesto selvagem. Enfiou seus dedos em mim sem o menor tato.

— Do jeito que eu gosto – murmurou e enfiou sua língua na minha boca. Ele já havia se livrado da cueca e seu sexo latejava, inchado, esfregando na minha coxa.

Eu fingia gostar, mas na verdade todo o meu ódio agora se voltava contra ele. Afinal, ele já havia cumprido sua missão.

Afastei Rambo por uns instantes e me deitei de bruços. Olhei para trás sorrindo e pedi:

— Vem...

Ele veio com vontade e me empurrou com a cara nos lençóis. Foi o tempo exato de tampar os comprimidos com as mãos e colocá-los debaixo do travesseiro.

Não vi gentileza ou cavalheirismo nos seus gestos de macho. Somente posse e incômodo. Gemia baixinho, mas não de prazer. Apenas de dor.

Ele terminou o serviço, resfolegando como um porco. Seu sêmen escorria pelas minhas coxas, deixando minha pele grudenta.

— Vou tomar um banho – Rambo disse, saindo de cima de mim.

Esperei ele encostar a porta do banheiro e ligar o chuveiro. Tinha de ser rápida.

Fui até o bar e preparei uma dose de uísque para ele. Esmaguei os quatro comprimidos e joguei no copo. Mais duas pedras de gelo e estava tudo pronto.

Fui nua até o banho e estendi a ele o copo.

— Fiz para você.

Ele, sorrindo, virou o copo na boca. Logo depois me puxou para o chuveiro, para mais uma rodada de sexo sem prazer para satisfazê-lo. Em seguida fomos para a cama.

— Amanhã acordaremos cedo para pegar o voo. Veneza nos espera.

Ele me beijou, meio sonolento. Deitou-se ao meu lado e com seu braço me puxou para junto dele. Coloquei a cabeça em seu peito.

— Eu te amo — o ouvi murmurar.

Eu não respondi. Esperava ansiosa pelo efeito dos remédios.

RAFAEL

— Me dê um bom motivo para eu passar aí.

Eu precisava convencer Nunes a deixar Ana protegida. Mas tinha de falar com ele pessoalmente.

— Passe aqui que eu te pago um café da manhã, companheiro – respondi, em tom de brincadeira. A madrugada já ia alta. Nunes estava terminando o seu turno. Sabia que ele estava doido para ir dormir, mas aquilo não poderia esperar. Ana poderia chegar a qualquer momento.

— É tão urgente assim?

— Minha vida pode depender disso, Nunes.

— Tá bom, você venceu. Só vou passar porque estou perto daí. E morrendo de fome.

A redação estava vazia. Assim que desligasse o celular, iria esperar Nunes do lado de fora do prédio. Uma sensação estranha começava a tomar conta de mim sempre que me sentia sozinho em um ambiente. Parecia que algo não estava certo. Sentia falta de ver gente.

De repente, ouvi barulho de vidros se quebrando. As luzes se apagaram.

— Merda! – disse, correndo para debaixo da escrivaninha.

— Que foi?

Ergui os olhos lentamente. Três homens estavam na sala. Armados. Não havia como escapar.

— Está muito longe daqui?

— Três quartos.

— Venha logo se quiser me encontrar vivo.

Desliguei o telefone.

A solução era me manter silencioso para tentar sobreviver. Só não podia ficar parado ali. De quatro no chão, comecei a ir para o lado oposto deles na sala. Bendito escritório! Pelo menos as mesas poderiam me esconder. Eu tinha de alcançar a porta.

Quando estava na metade do caminho, a porra do meu celular tocou. Seu toque estridente encheu de som o escritório. Um dos caras se assustou e disparou contra a escrivaninha.

Não houve nenhum som a não ser o da mesa se quebrando. Silenciadores.

Eu tinha assassinos profissionais atrás de mim. Em que rolo eu havia me metido? Será que era por causa da Ana?

Esperava que ela ainda estivesse viva. Tinha de salvá-la. Não briguei tanto para morrer na praia. Dois deles se aproximaram da escrivaninha. O outro ficou para trás, perto de mim. Poderia dar um jeito nele, se tivesse chance. Mas com o quê?

Foi aí que vi ao meu lado um HD externo. Sabe aquelas geringonças que todo mundo fala que é portátil, mas ninguém tem coragem de carregar debaixo do braço porque, além de serem desconfortáveis, são pesados demais? Desses mesmo!

Não hesitei e o peguei com as duas mãos. Aproveitei a escuridão e me aproximei do capanga. Dei com a porcaria do HD na cabeça dele. Ele caiu com um estrondo no chão. Foi o tempo exato de pegar o revólver dele e correr para o lado, antes que os outros dois comessem a atirar.

Monitores, vasos e lascas de madeira voavam para todos os lugares. Eu, um repórter metido a herói, me encolhia como podia, rezando para nenhum tiro me acertar. Pelo menos eu sabia

manejar uma arma.

Na primeira brecha que tive, me virei na direção deles e mandei ver. Disparei todas as balas que tinha na direção dos bandidos. Ouvi um grito e o barulho de um corpo caindo ao chão.

“Yes!”, comemorei em pensamento. Pelo menos um eu tinha certeza de ter acertado. Precisava me aproximar deles e verificar se o outro também tinha sido ferido.

Comecei a sair dali o mais devagar possível, quando da escuridão saiu um pé que acertou o meio da minha cara. Era o outro capanga.

Meio tonto, caí no chão. Seus chutes vieram impiedosamente. Costas, costelas, pernas, cara. Tudo era um possível alvo.

Quando cansou de me bater, o cara sorriu.

— Vou te levar para dar um passeio. Levante!

Levantei-me com dificuldade e virei meu corpo em direção a porta. Nunes estava lá, com uma arma apontada em nossa direção.

— Saia daí!

Pulei para o lado. O cara até tentou ser rápido, mas Nunes atingiu o seu joelho com uma bala certa. Ele caiu no chão em meio a um grito de dor.

A luz se acendeu, me ardendo os olhos. Eu estava suando demais. Passei a mão na testa para me enxugar. Era sangue.

Cambaleei por um momento. Precisava me concentrar. Tinha de saber o que estava acontecendo.

Nunes se aproximou rapidamente de mim.

— Tudo bem com você?

— Meu herói.

Tentei brincar, mas meu corpo todo doía.

Nunes olhou o estrago da sala.

— Cara, espero que tenha uma baita explicação para o seu chefe amanhã.

— Vou ter sim. Nada que um furo de notícias não o agrade.

Comecei a caminhar em direção aos fundos, bem devagar.

— Para onde vai, doido?

— Me lavar, oras. Você não vai querer que eu fique assim, né?

Lavei o rosto cuidadosamente. Olhei no espelho e quase não me reconheci. Minha cara parecia uma palheta de tintas de algum pintor maluco. Cores e inchaços variados apareciam no reflexo do espelho.

Joguei água gelada no meu rosto e deixei arder. Se doesse, melhor. Me manteria desperto.

Voltei para o lado de Nunes, que algemava o cara em que atirou. Não sosseitaria enquanto não soubesse a verdade.

Sua respiração estava regular. Ele devia ter adormecido. Saí dos seus braços e me afastei da cama. Nenhum movimento.

Que bom, tinha dado certo. Peguei minha bolsa e uma mala. Joguei algumas roupas ali dentro. Tinha de sair de cena antes que ele arrumasse uma forma de me prender a ele para sempre.

Mas e se Rambo me perseguisse? Cego de raiva pela minha traição, Rambo só sossegaria se me visse morta. Mas iria dar um jeito nisso.

Vesti-me e fui até a área de serviço. Foi fácil achar uma garrafa de álcool entre os produtos de limpeza. Abri as gavetas do *closet* e joguei todas as roupas dele no chão.

Despejei o álcool sobre a roupa e risquei um fósforo. O fogo iluminou tudo ao meu redor. Afastei-me do calor das chamas.

Ainda estava com meia garrafa nas mãos. Iria jogá-la aberta em cima da cama, em cima do corpo dele. Nunca mais ele iria me assombrar. E poderia viver em paz.

Joguei a garrafa na cama e tudo explodiu em calor. Mas Rambo não estava mais lá. Atrás de mim, suas mãos grudaram em meus cabelos e me jogaram no corredor.

— Você achou, ordinária, que alguns comprimidos iriam me derrubar por bastante tempo? Eu usava coisa bem mais forte, sua tonta.

Ele se aproximou e nos seus olhos eu só via a morte.

A minha morte.

CAPÍTULO 33

Gritei quando Rambo me jogou contra a parede. Meu corpo bateu no espelho, que se desfez em mil pedaços. Não deu tempo de fugir. Em um piscar de olhos ele já estava sobre mim, me enforcando.

— Desgraçada! Achou que iria me trair, é? Acha que não vi você ligar para o seu jornalistaquinho? Já mandei alguém ir dar um jeito nele. Só falta você.

— Não!

— Sim. Você vai se juntar a ele sim, não se preocupe. E vai voltar para o lugar do qual você não deveria ter saído para me infernizar, vagabunda! Os quintos dos infernos!

Minha visão começava a embaçar. Faltava ar nos meus pulmões. Minha mão alcançou uma lasca de vidro. Sem hesitar enfiei a ponta no pescoço dele. Ele arfou e me soltou. Peguei outro vidro e rasguei o seu rosto.

Ele tirou a lâmina do pescoço. E o sangue escorreu. Mas ele parecia não se abalar. Nem hesitei. Corri. Peguei as chaves do carro e a bolsa. Fugi pela cozinha. O fogo se espalhava pela casa e já dominava o corredor. Queria ver aquilo tudo queimar.

Corri até a cozinha e abri todas as bocas do fogão. Quando o fogo chegasse ali, levaria tudo pelos ares.

Entrei no carro e saí da garagem cantando pneus. Havia conseguido!

Andei apenas alguns quarteirões quando a casa explodiu. O barulho pareceu balançar tudo e o clarão iluminou a cidade que dormia.

Parei o carro e desci para ver o espetáculo. As chamas pareciam querer alcançar os céus, levando com elas toda a maldade da minha alma. Finalmente estava vingada.

Dirigi em direção à autoestrada. Peguei o celular e fiquei tentando ligar para o Rafael. Estava desligado.

À minha frente havia uma ponte sobre um grande rio, que era a divisa do município. Com medo de perder o sinal do celular, resolvi parar um pouco. De repente me lembrei do cartão que Rafael havia me dado. O detetive Nunes poderia salvá-lo!

— Nunes.

— Detetive, o senhor não vai se lembrar de mim, mas o Rafael me deu seu celular.

— Ana, onde você está?

Ouvi um grito ao lado dele. Era Rafael! Ouvi uma discussão e logo ele estava no celular.

— Ana, você está bem?

— Graças a Deus, você está a salvo! Rambo tinha mandado uns caras irem te matar.

— Eu já sei de tudo, Ana.

— Como assim?

— Eles vieram, mas eu consegui escapar.

— Você está bem, Rafa?

Pude ouvi-lo rindo.

— Meio destruído, mas bem. E você?

— Igual a você – eu sorria, aliviada. — Onde você está?

Sirenes começaram a soar onde ele estava e pude ouvir algumas vozes.

— Bem, um dos capangas do seu marido contou tudo para a gente. Estamos em frente à sua casa.

Melhor dizendo, o que sobrou dela. Estou louco ou vocês têm um tigre no quintal?

— Você está aí dentro?

— Sim.

— Deixe-me falar com o Nunes um pouco.

— Por quê?

— Depois eu te falo. Passe para ele.

O telefone mudou de mãos.

— Pode falar, Ana.

— Nunes, lembra por que você conheceu o Rafael?

— Sim.

— Ok. O cara que me estuprou está aí dentro. Morto. Meu marido o matou.

Pensei que ele ia se abalar, reagir de alguma forma. Mas permaneceu frio e profissional.

— Onde?

— Dentro da jaula do tigre. Foi onde ele jogou o Ricardo – falar isso em voz alta me deu um calafrio.

— Ok, vou mandar alguém olhar. Continue a conversar com o Rafael.

— Certo.

Logo em seguida, ouço um Rafael aflito.

— Onde você está?

— Sabe a estrada velha, na saída da cidade? Estou aqui, parada antes da ponte.

— Nós vamos aí te buscar. Espere aí.

Concordei. Mas uma coisa ainda não estava respondida.

— Rafael...

— Sim.

— Alguém já entrou na casa?

— Sim.

— Você encontrou o corpo dele?

— De quem, Ana?

— Do meu marido.

Por um momento ele permaneceu em silêncio.

— Ana, a casa está vazia – ele murmurou.

— Oh, meu Deus!

— Ana, fique calma. Não saia daí, que estamos indo te pegar.

Ouvi um barulho de freada. Um carro emplacou com o meu e de dentro dele saiu um Rambo tomado de fúria.

Sem demonstrar emoção, ele atirou no meu braço. A dor explodiu acima do meu cotovelo e o celular caiu no chão.

— Ana, responde para mim...

Ele explodiu o celular com a segunda bala. Tentei entrar no carro. Girei a chave e acelerei. Rambo, sem pestanejar, atirou em um dos pneus. O carro perdeu a direção e bateu em uma das laterais da ponte, derrapando em direção ao rio.

Eu gritei, enquanto metade do carro estava pendurado. Será que encontraria a morte naquelas águas lamacentas?

Rambo começou a atirar no carro, sem dó. Eu só me encolhia, esperando as balas acabarem. E que Rafael e Nunes tivessem tempo de me alcançar.

RAFAEL

*Já estava dentro da viatura chamando Nunes quando, pelo celular, ouvi os tiros. Gritei o nome dela, mas a linha ficou muda. Como ele a havia encontrado tão rapidamente?
Esperava não chegar tarde demais.*

RAMBO

Eu era apenas fúria. Será que ela havia sido tão burra que achou que poderia me enganar? Por um momento, ela acreditou que iria escapar de mim?

Estava com o corpo dolorido e o vento frio fazendo arder o corte do meu rosto. Ela tinha feito um bom estrago ali. Mais que no pescoço. Me salvei por pouco. Foi o tempo de pegar um carro e sair dali antes da casa explodir.

Gritei de frustração quando a minha casa foi pelos ares. A vagabunda tinha achado que iria tirar tudo de mim? Estava enganada!

Rasguei um pedaço da minha camiseta e amarrei no pescoço para estancar o sangue. O corte da cara ia precisar de uns pontos, mas primeiro eu ia dar um jeito nela.

O que Ana nem imaginava era que todos os meus carros tinham um excelente sistema contra roubos. Inclusive um que me avisava exatamente para onde cada carro meu se dirigia.

Assim que ela parou com o carro eu a localizei. Juntei todos os homens.

— Vocês todos vão para a minha outra casa. Vão chamar um médico para tratar esta merda e deixar tudo pronto para a minha chegada, ok?

— Certo, chefe.

— Com a minha querida esposa, eu vou me resolver sozinho.

Agora estava ali, na ponte velha, para terminar o serviço. O carro havia parado de lado e as duas rodas do lado direito estavam fora da ponte. Bastava um pequeno empurrão e iria acabar com tudo.

Quebrei o vidro com o punho fechado e abri a porta do carro. Ela me olhava apavorada. Sabia que não poderia pular para o outro lado, senão o carro despencaria.

Peguei-a pelos cabelos.

— Que tal acabarmos com isso, esposinha?

Ela me cuspiu. Dei um soco na cara dela. Ela voou para o outro lado do carro, que rangeu sob o peso dela.

Pronto, apenas mais um empurrãozinho e tudo estaria resolvido.

Meio tonta, ouvi as sirenes se aproximarem. Rafael estava chegando. Não poderia deixar Rambo vencer depois de tanta luta. Eu precisava sair daquele carro. Joguei os meus pés para frente e o chutei.

Ele se encolheu diante da pancada e aproveitei para sair do carro. Caí de joelhos no chão. Foi quando ouvi uma arma sendo engatilhada.

Rambo sorria para mim. Sua face, destruída pelo corte, havia começado a sangrar. Era como se eu visse o verdadeiro demônio que ele era. Mas o pior era a arma que estava apontada para minha cabeça.

RAMBO

Não iria perder aquela chance. Poderia morrer, mas ela iria junto. A última coisa que gostaria de ver era a cabeça dela explodindo em mil pedaços.
A verdadeira vitória era concebida no instante final da batalha, pensei, ao apertar o gatilho.

— Quando chega a hora, minha querida, não há misericórdia – Rambo falou, com a arma apontando para minha face.

Fechei os olhos. Havia perdido. Esperei a morte.

Dois tiros ecoaram pela estrada vazia. Fiquei esperando o aço da bala rasgar novamente minha pele, mas nada veio. Abri os olhos, assustada.

Rafael e Nunes vinham correndo em minha direção. Rambo, de pé, olhou para mim por um momento, espantado por ter perdido aquela guerra, antes de cair, com um tiro na cabeça.

Rafael me agarrou.

— Já vou te tirar daqui, meu amor.

Abracei-o com carinho e pela primeira vez na minha vida o beijei como sua mulher. E sabia que nada mais iria me separar dele.

— Tudo acabou?

— Sim, acabou, Ana – ele me olhou, acariciando minha face.

Agora poderia me entregar ao cansaço e a dor. Abracei a bem-vinda escuridão da inconsciência.

CAPÍTULO 34

Tudo se desenvolveu mais rápido do que esperado. Foi gerado um inquérito sobre o caso, onde eu me tornei a viúva vitimada por um marido louco e obcecado. De acordo com a imprensa, o que era para mim um conto de fadas, havia se tornado um pesadelo.

O império dele de lavagem e drogas ruiu como um castelo de cartas. Eu vendi todos os seus bens e imóveis e apliquei grande parte na fazenda que havia herdado da minha mãe. Só quis ficar com um apartamento imenso que ele havia deixado em São Paulo. Era para lá que iria, para começar uma vida nova. Montei um grande estúdio fotográfico e uma sala de exposições, para viver com aquilo que eu gostava.

Nada me ligava diretamente aos crimes. A única prova material salva em meio aos escombros foi a fita que continha a gravação dos homens de Rambo jogando Ricardo na jaula. Havia me esquecido que tínhamos uma câmera de vigilância que pegava toda a extensão da jaula do tigre de estimação. Todo o júri viu, atônito e chocado, um Ricardo desmaiado servindo de alimento para a fera. Mal imaginavam que ali ele já estava morto.

Alguns dias depois de Rafael me pegar nos braços, naquela ponte velha, aconteceu o enterro do Ricardo. Era um dia cinzento e frio. Garoava. Poucas pessoas estavam presentes. Apenas sua mãe e alguns curiosos. Afinal, uma “vítima inocente” sendo morta de forma tão brutal sempre atrai gente.

Nenhuma das mulheres que passaram pela vida dele, exceto eu, estava presente. Todo mundo preferia esquecê-lo. Ninguém chorava. Acho que no fundo só restou o alívio.

Quando o corpo foi baixado à terra e os coveiros começaram a cobri-lo, ninguém permaneceu ali. Todos fugiam, como se algo no ambiente pudesse contaminá-los.

Foi nessa hora que me aproximei. Fitei a foto daquele belo homem, que um dia eu pensei que era um anjo.

— Como tudo poderia ser diferente, Ricardo. Espero que agora, no fundo, você tenha paz. A mesma paz que hoje eu sinto. Eu nunca serei igual a você, meu querido. Sabe por quê? Eu sou capaz de sentir; amar, odiar e, acima de tudo, perdoar. Você nunca soube o que é isso.

Aproximei-me e passei a mão pelo seu retrato, como se o acariciasse.

— E sabe o melhor de tudo? Eu sou capaz de te esquecer. Adeus, Ricardo.

Tirei do meu pescoço a corrente que ele havia me dado, em um aniversário feliz, há tanto tempo atrás. Deixei entre as flores.

Virei-me para ir embora. A mãe dele estava logo à frente, me esperando. Não fugiria dela.

— Sabia que você viria, Ana.

Assenti com a cabeça.

— Ao mesmo tempo em que quero te odiar, não consigo – ela continuou. — Sei que no seu lugar daria um jeito de fazer algo parecido.

— Mas...

— Não precisa me dar explicações. Sei que você fez isso. Quando conversamos naquele hospital, meu coração sempre soube que meu filho ia encontrar a morte em suas mãos.

Abaixei a cabeça.

— Só peço que você vá embora, Ana. Vá ser feliz, e espero nunca mais vê-la novamente.

— Pode deixar.

Rafael me esperava na porta do cemitério. Dali fomos direto para a rodoviária. Eu iria embora sozinha. Ele ficaria por um tempo, para ajeitar suas coisas. Sua carreira ali estava de vento em popa. A matéria que havia escrito do meu caso, em todos os detalhes, inclusive a sua participação ativa na história, ganhou as páginas dos principais tabloides do país. Sabia que sua vida profissional alavancava.

Ele me levou até a porta do ônibus. Não queria saber de aviões naquele dia. Queria curtir cada pedaço da viagem. Despedir-me de cada curva e nuance de uma cidade que, se dependesse de mim, nunca mais voltaria a ver.

Antes de me beijar, Rafael falou:

— Você ainda vai casar comigo, sabia?

— Vou pensar no seu caso... — eu sorri.

— Quando menos esperar, vou aparecer na porta da sua casa, de mala e cuia e entrar de uma vez na sua vida.

— É verdade?

— Com certeza! E sabe da maior? Você vai me deixar entrar.

— Vamos ver.

Tinha de ir embora. Dei um último beijo no homem que eu amava.

— Te ligo quando eu chegar.

— Tudo bem. A Paula estará te esperando lá em São Paulo.

Ele me pegou pelo braço e colocou um jornal em minhas mãos.

— Guarde de lembrança esta página da sua vida.

Assenti com a cabeça e o vi acenar para mim pela última vez.

Enquanto o meu passado se afastava, abri o jornal e comecei a sorrir. Era a primeira notícia que Rafael havia feito sobre as mortes de Ricardo e de Rambo. Os meus crimes. A minha vitória.

Abaixo de tudo, Rafael tinha escrito a caneta: “Você é a razão da minha força. Te amo.” Aquele pequeno amontoado de letras tornava tudo tão claro.

Com ele, só as coisas boas me restavam. Olhei para trás e por um momento fitei a cidade que lentamente se afastava. Ali havia sido o palco de meus sonhos e decepções. Naquelas ruas uma jovem ingênua havia se transformado em uma Arma de Vingança.

Adeus, Rambo.

Adeus, Ricardo.

Para sempre.

Encostei-me no banco. A partir daquela hora só iria olhar para frente.

Sorria.

Vida nova, rumo à felicidade.

Bem, se vocês quiserem saber, um dia Rafael bateu na minha porta, como havia prometido.

Eu o deixei entrar...

Mas aí é outra história.

EPÍLOGO

Agora que terminei de te contar tudo, acho que finalmente estou em paz. Passo por Rafael, atravesso o corredor e passo pelos quartos das crianças. Olho meus dois maiores presentes, Renato e Marisa, dormindo em suas camas. Tudo havia sido tranquilo naquelas gestações, afinal Ricardo não estava mais por perto. Renato, de seis anos, tem o sorriso aberto do pai e o jeito tranquilo de ver o mundo. Tudo para ele é sem pressa. Perspicaz, já tão novo, vê nas imagens uma paixão, assim como eu. Marisa é mais agitada e alegre, nunca para quieta. Sua beleza é estonteante. Ainda vai nos dar muito trabalho. Mas, acima de tudo, eles nos dão alegrias diariamente. Beije os rostos tranquilos dos meus filhos.

— Amor, a cama fica tão fria sem você...

Olho e vejo Rafael, me esperando na porta do quarto de Marisa. Não conseguia ficar longe dos braços dele muito tempo. Aconcheguei-me junto a ele. A Ana feita de dor e mágoa desapareceu de vez, levada pelas brumas do tempo.

Aqui me despeço de vocês, meus caros amigos. Espero que tenham gostado do que lhes contei. E, como tudo na vida, nossa história, apesar de terminar por aqui, não é o fim. É apenas mais um recomeço.

UMA SURPRESA AOS LEITORES

FINAIS E COMEÇOS

Meus queridos amigos e leitores que acompanharam a história de Ana e torceram por ela, tenho uma surpresa para vocês. Quando escrevi essa trama cheia de amor e vingança, o livro passou por diversas mudanças. Coloquei personagens, tirei, matei gente e depois trouxe de volta à vida. Literalmente, pinte e bordei na tentativa de fazer o melhor para vocês. Afinal, nós autores, não somos senhores dos nossos próprios universos? Por isso, confesso que uma das coisas que mudei foi o final... Aquele derradeiro capítulo, onde todas as reviravoltas já aconteceram, mas a gente não sabe no que nossa heroína se transformou. Ela foi mesmo capaz de apagar o passado e ficar ao lado do seu amor? No que esta vingança transformou a nossa inocente garota? Assumo que o final que ficou foi o politicamente correto (em termos) onde a mocinha ainda fica com o grande amor da sua vida. Mas e se Ricardo estivesse certo e uma parte de Ana fosse mesmo igual a ele? Por isso, desenterrei de folhas antigas, amareladas e cheias de escritos este outro final de Ana. Pode ser o original, ou não, mas com certeza ele é dedicado a cada leitor que já compartilhou essa história, vivenciou essa experiência de amor e obsessão, garantindo não apenas que a primeira edição se esgotasse, mas que seus amigos e conhecidos também fizessem companhia à Ana nessa jornada de vingança. Para conseguir esse final é muito fácil. Faça um comentário sobre o Arma de Vingança. Pode ser na Amazon, no Skoob, em seu blog... ~~O~~A-onde for melhor. Depois, entr ~~e~~ a-em contato comigo através do e-mail literaturadecabeca@gmail.com, com o link do seu comentário, que lhe envio no mesmo dia este inusitado final.

Agradeço imensamente a cada um de vocês, que viveu esta deliciosa vingança ao lado de Ana.

Beijos de sangue,

Danilo Barbosa

~~*Apresento a vocês, finalmente, o outro lado desta Arma de Vingança.*~~

~~*E espero que vocês vibrem com isso. Afinal, como eu sempre digo, esta nunca foi uma história de amor.*~~

O autor

CAPÍTULO EXTRA

~~Depois que tudo se encerrou, assumo que fiquei receosa de que algo pudesse me acontecer. Será que havia sobrado alguma pista da minha participação naquela história? Teriam ficado falhas naquilo que planejei com toda vingança e paixão?~~

~~Nos romances, na última cena sempre surge uma reviravolta que coloca o assassino atrás das grades. Mas tinha certeza que, mais que uma criminosa que planejou friamente a morte de dois homens, eu fui uma heroína, pronta não só a me defender, mas a impedir que outras pessoas perdessem tudo aquilo que eu perdi. Por isso, não hesito em dizer que a justiça que impediu a minha vingança, no fim agiu ao meu favor. Tudo se concluiu muito rápido diante das poucas evidências: eu era a maior vítima, prisioneira de um relacionamento cheio de loucura, que já no seu início foi cercado de sangue e morte. A imprensa me vangloriou, transformando-me em uma sobrevivente que viu seu conto de fadas se transformar em um pesadelo. Se pensarmos em provas, a única que eles tinham era o vídeo da câmera de segurança, onde os capangas do Rodrigo jogavam Ricardo dentro da jaula da sua fera particular. Uma coisa não muito bonita de se ver. Eu havia me esquecido que a mansão tinha uma câmera de vigilância naquela parte da casa, captando toda a extensão da jaula do nosso animalzinho de estimação. Todo o júri viu, atônito e chocado, um Ricardo desmaiado servindo de alimento para a fera. Mal imaginavam que ali ele já estava morto.~~

~~Com a morte de Rodrigo, o império de lavagem de dinheiro e drogas caiu por terra, levando muita gente junto. A maioria dos bens dele foi apreendida pela polícia, mas ainda me restava um valor considerável para construir meu próprio caminho, sem precisar de ninguém. Mostrar fragilidade acaba por nos destruir e tinha certeza que depender de outros era uma coisa pela qual eu nunca mais iria querer passar.~~

~~Se eu queria algo, conquistaria com os meus próprios meios. Mesmo que eu tiver o melhor homem do mundo ao meu lado, sempre estarei sozinha. Por acaso ele irá sentir as minhas dores, dormir o meu sono ou compartilhar da minha morte?~~

~~Acho que não.~~

~~Assim que a poeira assentou, vendi todos os bens que me restaram e comprei um grande apartamento em São Paulo, com todo o conforto que eu merecia. O restante apliquei em ações que me deram lucros altíssimos, o suficiente para ter uma vida confortável, sem contar o dinheiro que vinha do gado vendido na fazenda que herdei da minha mãe. Não ia ficar parada: queria continuar fotografando, captar as alegrias e misérias das pessoas e expô-las em belíssimos *vernissages*, vangloriando o cotidiano que nos torna tão especiais.~~

~~Mas primeiro iria sair dali. Queria deixar aquela cidade miserável para trás e todas as lembranças que ela me trazia. O que me importava, levaria comigo.~~

~~Mas ainda tinha uma última coisa para fazer.~~

~~Uma semana depois de sair da velha ponte nos braços de Rafael, Ricardo foi enterrado. Era um dia cinzento, recoberto pela garoa, frio como a alma daquele que estava sendo velado. Não fui burra de me aproximar. Vi de longe a mãe dele, emocionada, debruçar sobre o caixão na hora do enterro, entre os curiosos. E por mais que tentasse negar, cada vez que as pás de terra caíam sobre o caixão, minha alma era embalada, como se uma belíssima canção estivesse sendo orquestrada.~~

~~Fiquei ali, tentando endurecer meu coração, sentindo em cada gota da tênue chuva que caía, minha~~

~~vida sendo lavada de tudo de podre que estivesse à minha frente, impedindo-me de ser feliz. Nenhuma das mulheres que passaram pela vida dele, exceto eu, estava por ali. Coisas más não devem ser pranteadas, devem ser esquecidas. Tinha certeza que, a não ser aquela mãe, que sabia que tinha gerado um monstro, nem os céus lamentariam aquela morte.~~

~~Não sei quanto tempo passei ali, relembrando tudo que havia passado antes de ir embora. Chamei um táxi pelo celular e fui em direção à porta principal. Quando ali cheguei, a mãe dele me esperava. A tensão parecia pulsar entre nós duas, cheias de palavras amargas que nunca poderiam ser ditas. Tenho certeza que se ela imaginasse o rumo que as coisas tomariam, nunca teria se aberto para mim, como fez aquela noite no hospital. Silenciosa, me fitou por um instante antes de dar um tapa com toda a força na minha cara. Meu rosto ardeu inteiro com aquele gesto, mas não me abalei. Encarei-a e sorri.~~

~~— Tinha que terminar assim, Ana? — Via as lágrimas em meio ao ódio do seu rosto.~~

~~— As coisas acabaram como tinham de ser. E você sabe disso.~~

~~Ela assentiu e reclinou a cabeça. O táxi chegou e eu fui em direção àquela mulher vazia, cheia de dor e amargura. Aproximei-me e sussurrei em seu ouvido, antes de ir embora:~~

~~— Uma coisa eu fiz por você e espero que nunca se esqueça disso. Ele foi enterrado como uma vítima, um homem honrado. Hoje eu sei que ele merecia isso, por causa do monstro com quem você se casou. Ele, no fundo, é tão vítima quanto as vidas que destruiu. Só que, ao contrário de você, eu não sou uma mulher fraca que hesita diante dos seus medos: eu os destruo. Só quero lhe dizer que vou passar o resto dos meus dias pedindo que ele arda no fogo do inferno. E que isso lhe traga as mais profundas dores por você não ter feito nada a sua vida inteira.~~

~~Feechei a porta do carro e saí dali sem olhar para trás.~~

~~Rafael já me esperava na Rodoviária com as malas prontas.~~

~~Ele não iria comigo. Sabia que o que sentíamos um pelo outro seria para a vida toda, mas eu precisava aprender a andar com minhas próprias pernas. Cada um tinha os seus espaços para conquistar e aos poucos iríamos nos ajeitar. Mais do que amor, nossas juras haviam sido feitas sobre sangue. Esse tipo de coisa não se desmancha.~~

~~Essa história toda também o ajudou. A minha entrevista para ele, em primeira mão, sobre tudo o que eu “havia passado” foi destaque não só no jornal da cidade, mas nos maiores do país. Seu texto instigante, ótimo para envolver os leitores na trama, conquistou espaços aos quais ele nunca pensou chegar. O mundo era dele e, mais do que nunca, havia chegado a hora de abocanhar um grande pedaço dessa fama.~~

~~Foi ali que nos despedimos. Abracei com todas as minhas forças aquele que era meu ponto fraco, minha mais linda humanidade, e o beijei com paixão. Sabia que enquanto ele estivesse por perto, não ficaria perdida.~~

~~Seus lábios estavam em meu pescoço quando ele me confidenciou:~~

~~— Ainda vou conseguir transformar você em minha esposa.~~

~~— Não estrague tudo pensando em compromissos. Já fui casada uma vez, se lembra? — Sorri.~~

~~— Não vou sair de perto de você, Ana. E quando você se sentir sozinha, vendo aquela garoa de Sampa cair na janela da sua sacada, a campainha vai ressoar. Na hora em que você abrir, eu estarei do lado de fora. Irei sorrir, te abraçar e tudo que estiver te incomodando vai sumir em um passe de magia.~~

~~— Vamos acreditar nisso. — Beijei pela última vez o homem que eu amava antes de seguir adiante.~~

Ele pegou em uma das minhas mãos, me fazendo voltar. Deu-me então um jornal enrolado.

— Para você não esquecer os preços que temos de pagar.

Já sabia o que era aquilo. Entrei no ônibus e da janela acenei mais uma vez.

Quando pegamos a estrada, abri as folhas do jornal e sorrindo, vi a primeira notícia que Rafael tinha escrito sobre a morte dos dois homens que tentaram destruir minha vida. Mais do que uma tragédia anunciada, ele e eu sabíamos que aquilo celebrava a minha vitória.

Deixava para trás tudo aquilo que havia me transformado em uma nova mulher. De ingênua a fria, de apaixonada a uma arma impiedosa de vingança, eu nunca mais seria a mesma. Com certeza, algo grandioso me esperava e sabia que nada mais ficaria no meu caminho.

Se algo ousasse interferir na minha vida, estava pronta para destruir qualquer empecilho. Havia feito uma vez e faria quantas vezes fosse preciso.

Havia chegado a hora de dar adeus. A Rambo, a Ricardo, a menina que um dia eu fui. Para sempre.

Agora que já sabem de tudo, posso dizer que hoje sou uma mulher realizada. Tudo que almejei consegui, sem deixar as emoções tomarem conta de mim.

Subo na cama e tiro o lençol que está em cima de Rafael. Observo o corpo dele nu, deitado de bruços, em todo o seu esplendor. Aproximo-me furtivamente, corro as mãos pelas suas coxas grossas, sinto a maciez de suas nádegas e passo as unhas pelas suas costas. Beijo a sua nuca e ele imediatamente se encolhe, ensaiando um sorriso. Vejo a sua pele ficar arrepiada. Saciada, mordo sua orelha delicadamente.

— Preciso ir embora. Tenho de estar em casa como uma bela esposa quando o Duarte chegar.

— Mas já? — Ele me encara, com olhos tristes.

— Já são 4 da manhã.

— Um dia você ainda vai ser só minha.

Eu sorrio, o beijo mais uma vez e começo a me vestir. Saio do quarto e mando um beijo à distância. Eu sei o caminho da saída. Afinal, aquele apartamento é meu desde que vim embora para São Paulo, há tantos anos.

Amor e poder não caminham juntos. E, depois do que passei, os sentimentos fazem parte da minha vida, mas não entre os objetivos principais. Por isso, casei-me com o grande deputado Carlos Duarte, um dos nomes renomados do painel político paulistano. Conhecemo-nos em uma festa no Jockey Clube e em pouco tempo nos completávamos. Ele precisava se casar com uma mulher forte e carismática, que quisesse ficar ao lado dele na vida política. Enquanto ele satisfazia seus desejos sexuais entre encontros discretos com lindos homens tirados da Augusta, eu precisava de alguém que me desse posição e os contatos certos. Ambos conquistamos nossos objetivos, além de nos tornarmos grandes amigos.

Entre suas viagens de negócios, voltava ao meu antigo apartamento e reencontrava Rafael. Ali era o nosso mundo à parte. Não me importava com quem ele saía, se era apaixonado por outra ou não. Ali dentro, entre quatro paredes, éramos um do outro e sempre seríamos. E o melhor era que a rotina de um relacionamento era algo que nunca aconteceria com a gente. Como ele mesmo havia me dito anos atrás, sempre que me sinto perdida, é entre os braços dele que me aconcho e dispo minhas máscaras, permitindo-me ser amada como toda mulher deve ser. Só que sou eu quem aperta a campainha. E é ele quem me espera.

Se vai durar, não sei. Mas que seja divertido e intenso enquanto estiver acontecendo. Isso é o que

importa.

~~Não sou mais de sofrer por pequenas coisas. O nosso futuro somos nós mesmos que fazemos, com as vantagens e consequências de cada ato. Ao contrário de muita gente, não optei pelo “felizes para sempre”. Sobrevivi e ainda o faço com meus próprios meios e nenhum de vocês é melhor ou pior do que eu para me julgar. Apesar de pedir perdão aos céus em meus momentos de fraqueza, não creio que o Diabo venha buscar minha alma. Afinal, entreguei para ele de bandeja dois seres cheios de escuridão para que possa brincar.~~

~~Entro no meu carro e acelero. Minha vida na “casinha de bonecas” me aguarda. Espero que tenham aproveitado cada detalhe desta história e que, longe do “felizes para sempre”, pensem apenas em serem felizes hoje.~~

~~Isso é o que verdadeiramente importa.~~

AUTOR

Desde cedo apaixonado por livros, via em cada aventura lida um recanto conhecido. Começou com contos, crônicas e poesias. Algumas premiadas como "Reino Solidão", ou conhecidas do público, como o conto “A voz”. É também responsável pelo site Literatura de Cabeça, onde fala sobre o mercado literário. Arma de Vingança é seu primeiro livro publicado.

CONTATO

Fale com o autor e adquira o seu livro autografado:

E-mail – litteraturadecabeca@gmail.com

~~Ou entre em contato direto com a editora~~

~~Editora Literata: editoraliterata@gmail.com~~

Facebook – <https://www.facebook.com/autordanilobarbosa>

Site – <http://www.litteraturadecabeca.com.br/>

Ou entre em contato direto com a Editora Literata: editoraliterata@gmail.com